1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 3

AGÁLIA

PUBLICAÇOM INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇOM GALEGA DA LÍNGUA

números 89|90 1º Semestre 2007

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 4

AGÁLIA

nº. 89|90 1º 2007

director:

Carlos Quiroga

conselho de redacçom:

Carlos Figueiras, Carlos Garrido Rodrigues, Carmen Villarino Pardo, Isaac Alonso Estraviz, Isabel Morám Cabanas, J. Henrique Peres Rodrigues, Joám Manuel Araújo, Mário Herrero Valeiro, Oscar Diaz Fouces, Paulo Valério, Raquel Bello Vázquez, Vítor Meirinho.

conselho científico:

Alberto Garcia Vessada, Aurora Marco, Carlos Campoy, Cláudio Lôpez Garrido, Felisindo Rodríguez, Higino Martínez Estêvez, Joám Trilho Pêrez, José Agrelo Ermo, José António Souto, José Luís Rodríguez, José-Martinho Montero Santalha, José Posada, Luís Gonçales Blasco, Manuela Rivera Cascudo, Marcial Gondar Portasany, Maria das Dores Rei Teixeiro, Ramom Nogueira Calvo, Ramom Reimunde Norenha, Xavier Vilhar Trilho [Galiza]

Evanildo Bechara, Gilda da Conceição Santos, Júlio Barreto Rocha, Márcio Ricardo Coelho Muniz, Raúl Antelo, Reynaldo Valinho, Yara Frateschi Vieira [BRASIL]

Albano Martins, Álvaro Iriarte Sanromám, Amadeu Torres, Benjamim Moreira, Carlos Assunção, Inocência Mata, José Luís Pires Laranjeira, Mário Gomes dos Santos, Óscar Lopes [PORTUGAL]

Onésimo Teotónio de Almeida [ESTADOS UNIDOS]

Fátima Mendonça [MOÇAMBIQUE]

N O T A D A R E D A C Ç O M

1. *AGÁLIA* reserva-se o direito a publicar originais nom solicitados.
2. A revista nom se responsabiliza da devoluçom de originais.
3. Os trabalhos publicados passam a ser propriedade da revista.
4. Os trabalhos publicados aparecerám na normativa de carácter reintegracionista que defende AGAL (no seu *Prontuário Ortográfico Galego*), ou em qualquer outra normativa do nosso sistema lingüístico. O envio de originais supom a aceitaçom desta norma.
5. Os textos assinados som da responsabilidade dos autores, nom se identificando, necessariamente, a revista com os respectivos pontos de vista.

[*Vid*. Normas para envio e publicaçom no final do volume]

Assinatura anual da Revista

30 € *Estado Espanhol*
34 € *Europa*
37 € *Outros Continentes*

Desenho e Maquetaçom: Carlos Quiroga
Imprime: *LITONOR* artes gráficas
Santiago de Compostela
litonor@litonor.com

Dep. Legal: C-250-1985
ISSN: 1130-3557

R E C E P Ç O M D E O R I G I N A I S E A S S I N A T U R A S

Apartado dos Correios 453 - 32080 OURENSE (Galiza)

Fax: 986 438 856

pragalia@agal-gz.org ♦ fgtinta@usc.es

www.agal-gz.org

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 5

S U M Á R I O

ESTUDOS

9 **Aproximação à linguística de corpus como metodologia de base empírica. Compilação e anotação do Corpus Paralelo PALOP (português-espanhol) de Narrativa Pós-colonial**
Paulo Malvar Fenández

81 **«Como fala Gil Vicente...»: Falares vicentinos na Dramaturgia brasileira**
Márcio Ricardo Coelho Muniz

101 **Estratégias de canonização. O ensaio de Guerra da Cal sobre Eça de Queirós como modelo para Machado de Assis**
Joel R. Gômez

129 **A mulher na oratória do Padre António Vieira e na mundividência barroca: polémica sobre «o gosto de sair»**
José Eduardo Franco e Maria Isabel Morán Cabanas

147 RELATO / POESIA / CRÓNICA
«Nas duas mortes de leonor cal», de Roberto Samartim (147)
«Inutópico» e «Nascida do mar», de Ricardo Oliveira (148)
«As Amoras», Ivone Ferreira (152)
«A Gaivota galega», Maria do Céu Nogueira (154)
«A caixa», Lúcia Bettencourt (160)

163 ENTREVISTAS
J. Martinho Montero Santalha – *Promotor da Academia*
por Alonso Vidal

NOTAS

177 **Entre Teixeira de Pascoaes e Miguel de Unamuno: diálogos ibéricos.**
Celeste Natário

185 **O oxímoro em María Mariño**
Dores Valcárcel Guitián

FOTOS

Lene Meyer Yong-Jae > capa
Lene Meyer Yong-Jae > interiores e contracapa

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 6

195 ***A vida extrema*: um PoeMário, fim de ciclo e romantismo**
Ernesto Vázquez Souza

213 **«Galeguia»**
LuizRuffato

217 RECENSONS
Carlos Pazos (217)
Joel R. Gômez (219)
Luís Serguilha (228)
Lúcia Bettencourt (231)

237 PERCURSO

NOVO CONSELHO DA AGAL / GZ NO RIO / PSOE CONTRA GALEGUIZAR APELIDOS / CASA DAS LÍNGUAS EM LUGO / DIÁRIO GRATUITO EM GALEGO / FILLOS.ORG NA MAIOR / "FILHOS DA GALIZA" 2.0 / "GALESCOLA" É DA VOGAL / CIBERIRMANDADE E CAIXANOVA / CIBERIRMANDADE E AQUALIA / CIBERIRMANDADE E «EL PAÍS» / ACTIVIDADES ARTÁBRIA / +PORTUGAL NA SALA NASA / VARIAÇÕES VIVO / FEIRA DO LIVRO NO PORTO / PORTUGUÊS EM TUI / CASTELAO PRESENTE / VIGO PRÓ GALEGO / RTPS PORTUGAS JÁ / COMUNICADO AGG / MARIA MARINHO / HOTEL LOUXO RECTIFICA / CONTRA O GALEGO / TONHITO DE POI / 50 «NOVAS DA GALIZA» / CERTAME 'DIREITOS CIVIS NA GALIZA' / MDL COM NOVO SITE / 'A REGUEIFA' EDITA «RICOS MODERNOS» / SMS PARA GALEGO-PORTUGUÊS / CONSELHARIA RECUA NO GALEGO / COMISSOM DE NORMALIZAÇOM LINGÜÍSTICA / LER EM VIGO / MATERIAIS GALESCOLA / TVG CONVIDADA A LISBOA / O CURSO DE CHANTADA / CINEMA BRASILEIRO / PORTUGUÊS EM FERROL / JARLEY FRIEB OLHA POR NÓS NO BRASIL / LOCAL SOCIAL EM BOIRO / PORTUGUÊS EM COMPOSTELA E OURENSE / LOBO ANTUNES, CAMÕES 2007 / RENASCE «CONSTANTINOPLA» / ARTÁBRIA E CARVALHO / SAMPAIO GALEGO / CONGRESSO SOBRE A RAIA / *NOVAS DA GALIZA* E POLÍtica Lingüística / ARTE SONS EM LUGO / AMEAÇA DESGALEGUIZADORA / MAIS UXÍA SENLLE NO BRASIL / NOVA ESCOLA GALEGA CRITICA DECRETO / «SEMPRE ABRIL» / CRAVOS POR TODA GALIZA / CINEMA LUSO-AFRO-BRASILEIRO / MULHER E RELAÇÕES INTERNACIONAIS / OUVIRMOS EDITA GALEGOZ / CASTRENOR, NA REDE / CONGRESSO DE ESCOLAS DE IDIOMAS NA CORUNHA / MÁSCARA IBÉRICA NA BAIXA LISBOETA / PORTUGALIZANDO, SEMANA GALEGA EM LISBOA / PEPETELA AQUI / FESTA DO DEZASSETE / MÚSICA DA GZ EM BARCELONA / ESPANHOL EM RISCO! / CIBERIRMANDADE E O PEQUENO COMÉRCIO / ALTO MINHO A ANDAR / APOIO AO «PUNTOGAL» / GALIZA: BERÇO DA LUSOFONIA / ARTÁBRIA GALEGUIZA / JORNALISTAS SEM LIBERDADE / LEITURA PT / PUBLICAÇOM CONJUNTA / FERREIRA GULLAR / PRÉMIO "GALESCOLA" PARA CARLOS G. FIGUEIRAS / ESPAÇO ABERTO / "LÍNGUAS CRUZADAS" / CURSO DE VERAO / DANIEL NO BRASIL / CINECLUBE E JUSTIÇA / CURTA-METRAGENS FNAC / MAIS MARISOL / PORTUGAL, UM RETRATO SOCIAL / ANXO LOUZAO / YOUTUBE E FLICKR EM GAL / DISCO CREMA DE GAITA / PP CONTRA 50% / CORRAL COM LIVRO / RAQUEL MIRAGAIA COM LIVRO / LUÍS PARADELO COM LIVRO / CARLOS QUIROGA COM LIVROS / **LIVROS REVISTAS LIVROS REVISTAS LIVROS REVISTAS LIVROS**

299 NORMAS para o envio e selecçom de Trabalhos para *Agália*

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 7

AGÁLIA, 89-90

estudos

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 8

AGÁLIA, 89-90

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 9

AGÁLIA nº 89-90 / 1º SEMESTRE (2007): 009 - 080 / ISSN 1130-3557

Aproximação à linguística de corpus como metodologia de base empírica. Compilação e anotação do Corpus Paralelo PALOP (português-espanhol) de Narrativa Pós-colonial.

Paulo Malvar Fernández

Resumo:

A ideia de levar a cabo, desde a Linguística, um trabalho de investigação debruçado sobre o campo das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa nasceu durante a assistência ao congresso *Cinco Povos Cinco Nações* celebrado na Universidade de Coimbra entre os dias 8 e 11 de Outubro de 2003 (actas sem publicar). Neste congresso, em concreto na mesa de debate à volta das relações entre as "Literaturas africanas e outras literaturas", na qual intervieram o professor de Tradução da Universidade de Valladolid Joaquín Garcia-Medall com a comunicação intitulada "Breve panorama de la narrativa lusoafricana en sus traducciones al español," e o tradutor profissional José Gómez, com a comunicação "Traduzir em castelhano: dificuldade e gratificação," foram expostas as dificuldades actualmente existentes no campo da tradução para castelhano de obras provenientes das referidas literaturas. Deste jeito, além da inexistência de suficientes profissionais da tradução especialmente treinados no campo destas literaturas, na citada mesa de debate foram também indicadas, por parte de ambos os profissionais da tradução, importantes dificuldades referentes à inexistência de materiais de ajuda à tradução especialmente desenhados para se poderem confrontar com as particularidades -linguísticas e culturais- específicas dos textos deste tipo de literaturas.

Tendo em conta, pois, a realidade desenhada por estes dois profissionais da tradução, a ideia inicial foi a de construir um corpus paralelo (português-espanhol) de textos narrativos (romances e livros de contos) provenientes das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.

Neste sentido, no primeiro apartado deste trabalho far-se-á uma revisão histórica das metodologias de estudo empregadas no seio da Linguística. Esta revisão histórica servirá de base para a elaboração nos dois seguintes apartados de uma revisão do campo da chamada Linguística de Corpus, do conceito de corpus e da tipologia de corpora. No quinto apartado será feita, após uma revisão teórica do *status*, da história e da finalidade dos corpora paralelos, uma descrição em detalhe das diferentes questões tidas em conta e das diversas tarefas realizadas para a compilação e anotação do corpus paralelo criado no desenvolvimento deste projecto de investigação, assim como uma aproximação à sua actual aplicabilidade nos campos da investigação, didáctica e exercício profissional da tradução humana.

Palavras-chave:
Empirismo, Linguística de Corpus, Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, Tradução Português-Espanhol.

Abstract:

The idea of carrying out a research from a Linguistics point of view in the field of Portuguese Language African Literatures was born after having attended the conference Cinco Povos Cinco Nações*, celebrated on October 8th-11th, 2003 at Universidade de Coimbra (non-published porceedings). At this conference, in particular at the round table called "Literaturas africanas e outras lite-*

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 10

raturas", in which Professor Joaquín Garcia-Medall (Universidad de Valladolid) gave a paper called "Breve panorama de la narrativa lusoafricana en sus traducciones al español," and the professional translator José Gómez gave another paper called "Traduzir em castelhano: dificuldade e gratificação," were exposed the most important difficulties for translating those literatures novels into Spanish. It was argued that there are not enough profissional translators specialized in these literatures, as well as there are not translation aid materials designed to allow the confrontation of the cultural and linguistic specificities of texts from these literatures with the same Spanish specifities.

Drawing from the frame designed by these two professional translators, the initial idea was to buid a parallel corpus (Portuguese-Spanish) of Portuguese Language African Literatures texts of narrative (novels and books of tales)

Thus, in the first section of this paper I will carry out a historical revision of the methodologies of reseach used in Linguistics. This will allow me to elaborate in the next two sections a revision of the field known as Corpus Linguistics, the concept of corpus itself and the tipology of corpora. In the fifth section, after a theoretical revision of the status, *history and* raison d'être *of parallel corpora, I will develope a detailed description of the different issues and tasks that were taken into account and/or performed during the compilation and tagging processes. Finally, I will show, using some examples, how this corpus is useful for human translators not matter they want to do research on, to teach translation strategies or to professionally translate texts from those literatures into Spanish*

Key words:
Empirism, Corpus Linguistics, Portuguese Language African Literatures, Translation Portuguese-Spanish.

1. Introdução

Como primeiro passo na elaboração deste trabalho e para que possa ser entendido e valorizado de acordo com o alcance do estudo que nele se pretende realizar, têm de ser, antes de mais, feitas certas considerações a respeito da história da Linguística e das diversas opções metodológicas empregadas na investigação linguística, desde os seus inícios até à actualidade. O que será feito, pois, nesta breve introdução histórica é ressaltar tanto aqueles momentos históricos que, tanto pelo tipo de investigações realizadas quanto pelas mudanças contextuais acontecidas, resultaram ser definitivos para que trabalhos como o presente possam ser hoje em dia elaborados.

1.1. Um bocado de História

Antes do surgimento da Linguística no século XIX como campo de estudo diferenciado, a quase totalidade dos estudos realizados em Ocidente que se debruçaram sobre o estudo das línguas foram estudos gramaticais de carácter prescritivo, que empregaram, mercê à sua filiação com a tradição gramatical greco-latina, uma metodologia baseada na obtenção de dados tirados do próprio conhecimento dos

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 11

estudiosos como falantes das línguas estudadas. Não foi, desta maneira, até ao século XVIII que, graças ao importante papel desempenhado por multidão de investigadores inseridos dentro das conhecidas como ciências naturais, nas quais o modelo filosófico maioritário era e é o empirismo, começaram a aparecer timidamente alguns trabalhos no âmbito da Lexicografia que seguiram, embora só parcialmente, uma das premissas formuladas dentro das ciências duras para ser seguidas em todo trabalho que se pretendesse científico: a observação da realidade.

Durante o século XIX, século em que surgiram diferentes escolas como a Histórico-comparativista, primeiro, e a Neo-gramática, com posterioridade, que dominaram o campo das investigações linguísticas, a quase totalidade das suas investigações debruçaram-se sobre o estudo dos estádios pretéritos das línguas europeias. Desta forma, embora sob perspectivas distintas e com finalidades bem diferentes, ambas as escolas se encontraram com o problema da impossibilidade de acesso aos dados que pretendiam investigar através de processo nenhum de introspecção. Deste jeito, foram os próprios testemunhos antigos em forma de textos escritos que tiveram que ser empregados. Além destas escolas, a finais do século XIX foi também tomando corpo uma disciplina linguística, a Dialectologia, que desde os seus inícios com os primeiros trabalhos levados a cabo por Áscoli, teve, igualmente, de empregar dados empíricos, fruto nalguns casos da observação directa e, noutros, do desenho e aplicação de formulários por parte dos / as investigadores / as. Em qualquer caso, o desconhecimento por parte dos / as investigadores / as a respeito do objecto de estudo escolhido em todas estas investigações determinava, de facto, que a metodologia escolhida não pudesse ser outra que a observação de usos linguísticos reais.

Apesar destes inícios metodologicamente empiristas da Linguística no século XIX, a publicação em 1916 do *Course de Linguistique Générale* de Ferdinand de Saussure, que sentou umas bases epistemológicas firmes para consideração da Linguística como uma disciplina científica, pois foi o primeiro em explicitar o seu objecto de estudo, a metodologia escolhida para estudá-lo e a finalidade da própria investigação linguística[1], trouxe consigo uma mudança no que à natureza dos dados empregados nas investigações linguísticas se refere, reflectida na distinção por ele estabelecida entre *Langue* e *Parole*. Esta distinção, que tinha por base a consideração das línguas como sistemas homogéneos, socialmente com-

1. Premissas estabelecidas por Fernández Pérez (1986: cap. 1) para o seguimento e verificação da validade de qualquer corpo teórico, aspectos essenciais para o reconhecimento de toda a disciplina ou estudo como científico.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 12

partilhados, em que cada uma das suas unidades se define pelas oposições que estas estabelecem entre si, implicava, assim mesmo, uma priorização do trabalho linguístico para o estudo daquelas unidades pertencentes ao nível sistémico e abstracto da *Langue*, rejeitando, deste jeito, qualquer atenção às manifestações concretas das línguas (*Parole*), por se considerarem heterogéneas e individualmente condicionadas, isto é, totalmente assistémicas, e, portanto, inúteis e secundárias para a consecução de um conhecimento objectivo da linguagem. Em palavras de Saussure (1916: 29-30): "Al separar la lengua del habla (*langue et parole*), se separa a la vez: 1º, lo que es social de lo que es individual; 2º, lo que es esencial de lo que es accesorio y más o menos accidental."

Desde esta concepção racionalista, a rejeição a respeito da validez dos dados empíricos como base para a observação e análise da linguagem, entendida esta como um fenómeno humano de natureza complexa, fez, em primeiro lugar, com que, quase de maneira generalizada, o trabalho do/a investigador/a, na maior parte dos casos falante das línguas objecto de estudo, se convertesse num trabalho de introspecção e reflexão desde o qual elaborar, mediante uma metodologia dedutiva, qualquer tipo de hipótese e/ou teoria; e, em segundo lugar, com que o/a próprio/a investigador/a se tornasse, assim, em fornecedor dos exemplos necessários para fundamentar ditas hipóteses e/ou teorias.

Deste jeito, na Europa, sendo a concepção racionalista-dedutiva aquela que principalmente dirigia os estudos linguísticos levados a cabos desde o Estruturalismo europeu com o objecto de estudo da função das diferentes unidades de *Langue*, o recurso ao emprego de dados empíricos, embora constante, passou a ser marginal na maioria disciplinas linguísticas cultivadas, sobretudo, no Círculo Linguístico de Copenhaga, mas também no Círculo Linguístico de Praga, desde os quais se chegou, desde as posições mais ortodoxas, a negar, incluso, a validade da *Parole* para a verificação da Teoria Linguística: "linguistic theory cannot be verified (confirmed or invalidated) by reference to any texts and languages" (Hjelmslev, 1969 *apud* Beaugrande, 1999: 244).

Cabe, porém, matizar que, embora baixo esta concepção sistémica das línguas, na Europa, por um lado, existiram durante as décadas de 20, 30, 40 e 50 certas disciplinas como a Dialectologia ou como a História da Língua que continuaram, no desenvolvimento das suas investigações, com a tradição metodológica empirista dos seus inícios; e existiram, por outro, desde os anos 30 alguns linguistas filiados ao Círculo Linguístico de Praga que

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 13

> undertook quantitative studies (mainly of Czech, English and Russian) of frequency of certain grammatical processes, the relatives frequencies of different parts of speech, the location and distribution of information in the sentence, and the statistical distribution of syllable types and structures. (Kennedy, 1998: 10)

Nos EE.UU., porém, onde a pegada de Saussure não tinha sido tão funda, desenvolveu-se durante a década de 30 uma escola estruturalista diferente das europeias, chamada Distribucionalismo, desde a qual, baixo a liderança, sobretudo, de Bloomfield, as investigações realizadas viraram-se para o estudo da "repartição dos elementos [...] e a sua capacidade de associação e de substituição" (Kristeva, 1988: 241). Tal e como na altura puderam comprovar os / as investigadores / as filiados / as a esta escola, um estudo deste tipo precisava do emprego de uma metodologia estatística, que obrigava ao manejo de grandes quantidades de dados, necessariamente empíricos, já que a sua recompilação, assim como o seu processamento resultavam totalmente impossíveis para os / as investigadores / as, mercê à sua incapacidade fisiológica e cognitiva para realizarem este tipo de buscas e operações na sua própria memória. Esta viragem no objecto de estudo da linguística estruturalista americana permitiu que, a partir dos inícios da década de 1930, a vertente quantitativo-estatística da Linguística Matemática –nascida "por razões técnicas: a construção de computadores destinados a ler e a escrever ou de máquinas destinadas à tradução automática" (Kristeva, 1988: 253)–, se tornasse autónoma com a importante achega feita, sobretudo, pelo filólogo americano George Zipf, cujo trabalho

> was concerned with such quantitative analyses as the relation between the frequency of words in text length, the frequency of words and their antiquity, and the relation between the rank order of an item in a word frequency list and the number of occurrences or tokens of that item in a text. (Kennedy, 1998: 10)

Além disso, desde esta escola estruturalista foi, também, desenvolvido, sobre todo nas décadas de 30 e 40, um importante trabalho no que ao ensino de línguas se refere, que ficou plasmado na teoria pedagógica hoje em dia conhecida como Condutismo. Esta teoria, baseada no emprego de colecções de textos para a elaboração tanto do seu material didáctico como para o desenvolvimento efectivo das tarefas docentes, pretendia o aperfeiçoamento das habilidades linguísticas dos

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 14

discentes mediante o estudo repetitivo das estruturas das línguas estudadas nos diferentes textos empregados.

Foi, assim, nas décadas de 40 e 50 que se deram os passos definitivos para a formação e consolidação da, actualmente, conhecida como Linguística de Corpus. Por um lado, nos EE.UU. e baixo a influência da tradição linguística pós-Bloomfieldiana, foram realizados diversos trabalhos e investigações, como os de Fries (1952) em sintaxe ou Lorge (1949) em semântica, que, na elaboração dos seus trabalhos, partiram do tratamento quantitativo de grandes quantidades de dados linguísticos como única base para o estudo das diferentes unidades das línguas e a elaboração das suas gramáticas. Por outro lado, surgiram nesta altura os computadores (*computers* em inglês), cuja função primária era 'contar', tal e como a etimologia do seu nome nos sugere ("[radical do particípio] *computado* (do v. *computar*) + *-or*; calcado no ing. c*omputer* […]" (Houaiss, 2001)), e que começaram a ser aplicados como ferramentas para o estudo quantitativo das línguas, ainda que de maneira minoritária, devido tanto ao seu quase inacessível preço como às suas consideráveis dimensões, não acordes, por outro lado, com a sua baixa velocidade e limitada capacidade de armazenagem

Porém, uma nova tendência surgida também nos EE.UU. sob a influência pós-Bloomfieldeana que, em origem, igualmente tinha botado mão dos corpora como recurso para a análise formal das línguas, passou nos finais dos anos 50 a ser liderada por um jovem linguista, Noam Chomsky, quem readaptando a dicotomia saussureana *Langue* e *Parole*, formulou como princípio do estudo generativo a dicotomia entre *Competence*, "capacidade do sujeito falante de formar e de reconhecer frases gramaticais" (Kristeva, 1988: 258) e *Performance*, "realização concreta dessa capacidade" (íbid.). Em base a esta dicotomia, Chomsky, delimitou, desde uma perspectiva "mentalista" com raízes cartesianas idealistas, que

> Lo que concierne primariamente a la teoría Lingüística es un hablante-oyente ideal, en una comunidad lingüística del todo homogénea, que sabe su lengua perfectamente y al que no afectan condiciones sin valor gramatical, como son limitaciones de memoria, distracciones, cambios del centro de atención e interés, y errores (…) al aplicar su conocimiento de la lengua al uso real. (Chomsky, 1970: 5)

Desde esta concepção do trabalho linguístico, a rejeição pelos dados empíricos é total, pois a própria concepção mentalista da língua,

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 15

"realidad mental subyacente en la conducta concreta" (*íbid.*: 6), traz consigo a consideração da *Performance* como "a poor mirror of competence" (McEnery & Wilson, 2001: 6):

> Like most facts of interest and importance (…) information about the speaker's-hearer's competence (…) is neither presented for direct observation nor extractable from data by inductive procedures of any known sort. (Chomsky, 1962 *apud* Tognini-Bonelli, 2001: 50)

Desde este tipo de posicionamento ortodoxamente racionalista, Chomsky atacou frontalmente todos aqueles trabalhos que baseavam as suas investigações em colecções de textos, isto é, em corpus, já que, sendo "the number of sentences in a natural language […] potencially infinite" (McEnery & Wilson, 2001: 8), "[…] some sentences won't occur because they are obvious, others because they are false, still others because they are impolite" (*íbid.*). Deste jeito, Chomsky conclui que "any natural corpus will be skewed. […]"(Chomsky, 1962 *apud* Tognini-Bonelli, 2001: 50), já que não poderia ser construído, nem com a ajuda dos então incipientes computadores, um corpus suficientemente grande como para conter todas as possíveis frases de uma língua.

Explicitada, desta maneira, a parcialidade dos corpora, a introspecção é defendida por Chomsky como a metodologia da investigação linguística: "if you sit and think for a few minutes, you're just flooded with relevant data" (Chomsky, 1984 *apud* McEnery & Wilson, 2001: 11).

Assim, a validade desta metodologia é, por outro lado, explicitamente certificada mercê aos próprios conhecimentos dos investigadores como falantes das línguas objecto de estudo, como pode ser verificado na seguinte conversa:

> Chomsky: The verb perform cannot be used with mass word objects: one can perform a task but one cannot perform labour.
> Hatcher: How do you know, if you don't use a corpus and have not studied the verb perform?
> Chomsky: How do I know? Because I am a native speaker of the English language. (Hill, 1962 *apud* McEnery & Wilson, 2001: 11)

De qualquer jeito, apesar de ser a parcialidade dos corpora a principal falha que nesta altura lhe era achacada às investigações de base empírica, outros problemas de processamento dos corpora foram, igualmente, ressaltados. Assim, Abercrombie (1965) numa discussão sobre

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 16

metodologia linguística desenvolveu o conceito de 'pseudo-procedimento', que aplicou à maioria das aproximações linguísticas baseadas em corpus do seu tempo (*cfr*. McEnery & Wilson, 2001, 12). Este qualificativo de 'pseudo-procedimento' era-lhe assignado, principalmente, à maioria das aproximações baseadas em corpus, já que, não estando na altura em absoluto vulgarizado o uso de computadores entre os linguistas, o processamento de corpora só podia ser levado a cabo "using nothing more than [researcher's] eyes" (*íbid*.), o qual, inevitalvente, implicava empregar um imenso tempo nas buscas, de maneira que as investigações levadas a cabo, além de resultarem estar cheias de erros, resultavam também caras e, portanto, não rentáveis.

Apesar destas críticas, durante esta década de 60, de pleno domínio do generativismo chomskyano na Linguística dos EE.UU. e do estruturalismo saussuriano na Linguística da Europa, foram levadas a cabo diversas investigações e projectos, cuja contribuição é, desde o ponto de vista actual, considerada fundamental para a consolidação da Linguística de Corpus. Assim, por um lado, começou a ser desenvolvida toda uma nova linha de estudos que pretendia automatizar a análise quantitativa dos corpora, como a de investigadores como Roberto Busa, desde as Humanidades, ou Alphonse Juilland, desde a Linguística. Roberto Busa, religioso jesuíta e estudioso do filósofo Tomás de Aquino, foi o primeiro em produzir em colaboração com IBM um corpus legível por computador, chamado *Index Thomisticus* –que após dezoito anos de trabalhos, acabou por estar constituído em 1967 por 10.600.000 palavras–, e em realizar buscas num corpus digitalizado mediante a ajuda de ferramentas computerizadas (*cfr*. McEnery & Wilson, 2001: 20). Alphonse Juilland que começou em 1956 um projecto de investigação baseado em corpora que ele baptizou como "Mecano-linguística", desenvolveu um primitivo sistema de anotação que lhe servia para a catalogação por géneros dos conjuntos de textos empregados na sua análise quantitativa. Por outro lado, nos inícios dos anos 60 começaram a ser construídos desde a Linguística diversos corpora que, com a passagem do tempo, se converteram em referências hoje em dia obrigadas da Linguística de Corpus, como por exemplo o *Survey of English Usage* ou o *Brown Corpus*, desenhados, planificados e construídos por Quirk e Francis & Kucera, respectivamente, em 1960.

Assim mesmo, ocorreram no mundo nesta década de 60 toda uma série de mudanças de ordem política que obrigaram a reformular a metodologia das ciências sociais e que tiveram, por extensão, uma profunda repercussão na Linguística. Assim, por um lado, fruto das guerras anti-coloniais

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 17

acontecidas em vastos territórios do planeta, mercê à separação política em dois blocos, um comunista e outro capitalista, que se seguiu à II Guerra Mundial; começaram a surgir toda uma série de incipientes nacionalidades e estados que obrigaram os estados ocidentais a repensarem o papel do "outro" nos novos relacionamentos internacionais desenhados. Por outro lado, dentro dos próprios estados ocidentais o crescimento e afiançamento de "*minorias*" como, por exemplo, os latino-americanos/as e afro-americanos/as nos EE.UU., os gays e as lesbianas, as minorias religiosas como o islamismo, o judaísmo, o hinduísmo, etc., assim como minorias nacionais como as várias nações sem estado europeias ou os índios americanos, fizeram com que os estados tivessem que começar a repensarem o papel do "outro" nos novos relacionamentos intra-estatais desenhados. Ciências como a Sociologia ou a Antropologia viram-se, então, forçadas a ultrapassarem o marco teórico estruturalista dominante, para deste jeito poderem compreender os processos de mudança sócio-política que na altura estavam a acontecer. As manifestações concretas das culturas passaram, assim, a ser o foco de atenção dentro das ciências sociais. Desta maneira, com base na sua observação, tornou-se essencial para o seu estudo o desenvolvimento de um novo objecto de análise e interpretação.

Na Linguística, que na altura se pretendia configurar desde as escolas europeias e americanas tradicionalistas numa ciência eminentemente mentalista e puramente teórica separada das ciências sociais e sem qualquer tipo de projecção aplicada, as mudanças vieram através do surgimento de novas disciplinas, fruto da superação dos marcos teóricos dominantes, da intersecção da Linguística com outras ciências e do surgimento de disciplinas linguísticas aplicadas, fruto da exigência, por parte dos estados industrializados, do desenvolvimento de aplicações que ajudassem a resolver os muito diversos problemas e/ou dificuldades detectados no emprego concreto das línguas em situações de uso reais. Deste jeito, quanto à superação acontecida na Linguística dos marcos teóricos dominantes, cabe ressaltar a importantíssima contribuição de Eugénio Coseriu, após à publicação de *Sincronía, Diacronía e Historia. El Problema del Cambio Lingüístico* na década de 50, decisiva para a superação da antinomia saussureana Sincronia/Diacronia que impedira durante décadas entender o problema da mudança linguística desde uma óptica estrutural. Assim, para Coseriu as línguas, que só funcionavam em Sincronia, isto é, num dado momento, não eram essencialmente estáticas, senão dinâmicas, de jeito que a sua construção só tinha lugar em Diacronia. Assim, as línguas passaram de serem consideradas homogéneas e estáticas a serem vistas como sistemas

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 18

tremendamente heterogéneos e em constante reconstrução. O renovado interesse pela mudança operado, sobretudo, nos estudos de História da Língua suscitou ao mesmo tempo que surgisse um, também, renovado interesse pelos estudos de teor variacionista como os da Dialectologia. O clima de optimismo dominante neste tipo de estudos propiciou, por sua vez, o surgimento de novas disciplinas como a Sociolinguística, intersecção da Linguística e da Sociologia, viradas para o estudo da variação inter e intralinguísticas. Os estudos desenvolvidos nos EE.UU. por Labov, Weinreich e Herzog nos anos 60 no terreno da Sociolinguística acabaram por ter, assim, uma grande importância para o desenvolvimento da Linguística de Corpus. A razão é que, mercê aos seus bons resultados conseguidos no conhecimento da variabilidade das línguas em relação com parâmetros de ordem social e à sua vocação eminentemente quantitativa, consistente no processamento estatístico de grandes quantidades de dados empíricos, este tipo de estudos começaram a ser tomados a sério no seio da Linguística.

Ao mesmo tempo que era, então, desenvolvida desde a Sociolinguística uma metodologia quantitativa para o processamento dos dados, na Antropologia foram, por sua vez, operdas mudanças e melhoras a respeito da metodologia empírica de recolha de dados, que resultaram essenciais para a consolidação da Linguística de Corpus. Neste sentido, Malinovski tornou-se, nesta altura, especialmente relevante, já que foi ele quem nos anos 30 começou a desenvolver diferentes trabalhos de campo desenhados para, através de um método chamado em inglês *participant-observation*, poder chegar obter um conhecimento objectivo dos feitos humanos, inseparáveis do seu contexto cultural:

> The neglect of the obvious has been fatal to the development of scientific thought. The false conception of language as a means of transfusing ideas from the head of the speaker to that of the listener has, in my opinion largely vitiated the philological approach to language. The view set forth here is not merely academic: it compels us, as we shall see, to correlate others activities, to interpret the meaning – text; and this means a new departure in the handing of linguistics evidence. It will also force us to define meaning in terms of experience and situation. (Malinovski, 1935 *apud* Kennedy, 1998: 8)

Para a compreensão das raízes e do porquê do surgimento de toda esta nova linha de investigação baseada numa nova conceptualização do trabalho de campo não pode ser, além disso, esquecida a contribuição de um linguista, Sapir, quem, por ter vivido académica e cientificamente à

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 19

sombra da Linguística Bloomfieldiana, a qual não reconhecia a importância da linha antropológica em que ele se encontrava instalado na última etapa da sua vida académica, isto é, a partir dos anos 30, só começou a ter uma certa influência neste novo contexto desenhado nos anos 60. Sapir foi, deste jeito, junto com Malinovski, um dos primeiros em reconhecer a dimensão social da Língua: "The primary function of language is generally said to be communication […]. Language is a great force of socialization, probably the greatest that exists" (Sapir, 1933 *apud* Fernández Casas, 2004: 194)

Mas Sapir foi muito além. Para ele, "Language is primarily a cultural or social product and must be understood as such" (Sapir 1929 *apud* Fernández Casas, 2004: 194). A consideração da Língua como um produto social levou-o, assim, a dar mais um passo no seu pensamento e a pensar em termos quarenta anos depois retomados pela moderna Pragmática: "meaning is given by the context in which or to which it fits. Implication bears ninety percent of the work of language" (Sapir, 1933 *apud* Fernández Casas, 2004: 215)

Por outro lado, os trabalhos iniciados por Sapir durante os anos 30 referentes ao estudo de comunidades humanas desde uma linha antropológica inspiraram, durante a época de domínio generativista chomskyano, multidão de trabalhos de estudo das línguas dos índios da América. Estas línguas, que começaram a desaparecer sob a pressão dos colonizadores europeus e que, baixo a repressão dos estados norte-americano e canadiano, continuaram a ser maciçamente abandonadas, tinham, assim, na altura começado a serem consideradas em perigo de extinção. Por parte dos linguistas, aos quais lhes urgia realizarem este tipo de investigações pela razão acima mencionada, a impossibilidade de acederem a estas línguas através de um trabalho de introspecção, mercê, fundamentalmente, a que eram línguas ágrafas, totalmente desconhecidas para aqueles, fez com que tivesse de ser reconhecida a necessidade do emprego, apesar da sua rejeição explícita, de corpora recolhidos mediante uma metodologia de trabalho de campo.

De igual maneira, tinha, também, nesta altura começado a ter influência o trabalho feito durante as décadas de 30, 40 e 50 por J. R. Firth, quem, ao igual que Malinovski e Sapir, pôs especial ênfase na importância de estudar as línguas em função do seu contexto de uso:"The central concept… is the context of situation in that context are the human participant or participants, what they say, what is going on[…]" (Firth, 1957 *apud* McEnery & Wilson, 2001: 23).

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 20

Porém, a especial menção que merecem os contributos de Firth em relação com a Linguística de Corpus é devida à sua decisiva influência sobre os chamados "neo-Firthian linguists, such as Halliday, Hoey and Sinclair" (McEnery & Wilson, 2001: 23), que durante as décadas de 80 e 90, sobretudo, começaram a trabalhar a partir da sua Teoria contextual do significado (originalmente em inglês *contextual theory of meaning*) e a empregar conceitos por ele criados, mas hoje em dia amplamente difundidos, como o de *collocation* ou o de *colligation*, que mais adiante serão explicados em pormenor.

A mudança que, deste jeito, foi tendo lugar no seio de, pelo menos, uma parte importante da Linguística que, nesta altura, se tinha virado para os dados de natureza empírica, trouxe consigo que o objecto de estudo da Linguística se fosse ampliando, tendo-se, assim, em conta também os contextos situacionais comunicativos, a experiência e conhecimento do mundo por parte dos/as interlocutores/as, assim como as suas intenções ou desejos. Desta maneira, durante as décadas de 60 e 70 foi tomando corpo uma nova disciplina, hoje conhecida como Pragmática, que enfraqueceu o domínio da Linguística Estruturalista e Generativa mediante o questionamento da sua rejeição da *Parole* (usos linguísticos concretos) para a correcta e completa compreensão da dimensão semântico-pragmática das línguas:

> One could say that, in general, the "pragmatic perspective" centers around the adaptability of language, the fundamental property of language which enable us to engage in the activity of talking which consists in the constant making of choices, at every level of linguistic structure, in harmony with the requirements of people, desires and intentions, and the real world circumstances in which they interact. (Verschueren, 1987 *apud* Fernández Casas, 2004: 214)

Além de enfraquecer o domínio das acima referidas tendências dominantes de corte racionalista, questão da maior importância para o afiançamento da Linguística de Corpus, o surgimento da Pragmática elevou aquela, em datas mais recentes, para uma nova dimensão nas disciplinas linguísticas aplicadas, tal e como mais à frente será pormenorizado.

Outro dos factores determinantes para o desenvolvimento da referida Linguística de Corpus foi o surgimento de disciplinas linguísticas aplicadas, mercê às exigências feitas pelos estados industrializados, ocidentais e orientais, dado o novo *status quo* sócio-político desenhado

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 21

após a divisão do mundo, depois da II Guerra Mundial, em dois blocos e a independização de vastos territórios africanos e asiáticos. Foi, assim, neste contexto que surgiram disciplinas como a Planificação Linguística e a Tradução Automática –inserida esta última hoje em dia dentro da chamada Linguística Tecnológica. Apesar da grande influência que teve o informe ALPAC (*Automatic Language Processing Advisory Commitee*) da *National Academy of Science* dos EE.UU. que, em 1966, travou o forte interesse por parte do governo norte-americano em dispor de sistemas de tradução automática do par russo-inglês e, portanto, os importantes investimentos destinados a essa área de investigação nos inícios da década de 60, o desenvolvimento da Tradução Automática nas décadas de 70, 80 e 90 foi imparável. Foi precisamente nesta última década em que os trabalhos realizados nesta disciplina aplicada cobraram especial relevância para a Linguística de Corpus, pois com o ascenso dos modelos de tradução probabilísticos os corpora se converteram, como veremos mais adiante, em fonte primária de dados.

De qualquer jeito, uma outra importante mudança acontecida na década de 70 acabou por dar um pulo definitivo à Linguística de Corpus. Esta mudança foi o rápido desenvolvimento das novas tecnologias ocorrido no âmbito dos computadores. Estes, que na sua primeira geração não estavam em absoluto popularizados nem entre os investigadores nem entre o público em geral, dado o seu enorme tamanho e desmedido preço em relação com as suas relativamente baixas velocidade de processamento e capacidade de armazenamento, sofreram uma surpreendente popularização após o surgimento dos chamados PCs. Os PCs revolucionaram o mercado das novas tecnologias porque conseguiram, graças ao progresso registado com a invenção de chips de ínfimas dimensões e ao desenvolvimento de novos suportes de armazenagem, reduzir o tamanho das máquinas e, ao mesmo tempo, aumentar exponencialmente tanto a sua velocidade de processamento quanto a sua capacidade de armazenagem. No âmbito da Linguística de Corpus, isto supôs a possibilidade de construir corpora de milhões de palavras nos quais levar a cabo complexas buscas de informação num tempo de processamento muito inferior. Neste sentido, as novas potencialidades derivadas do emprego de computadores para a realização das tarefas de busca, que conseguiam, assim, reduzir o preço e aperfeiçoar a precisão destas tarefas, começaram, então, a pôr em causa as críticas vertidas desde a Linguística Generativa que diziam respeito, por um lado, à impossibilidade de construir corpora suficientemente grandes como para serem representativos de qualquer variedade

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 22

linguística e, por outro lado, à condição de 'pseudo-procedimento' da própria Linguística de Corpus.

Desta maneira, graças a estas mudanças, nas décadas de 70, 80 e 90 foram desenvolvidos outros corpora, tanto de língua escrita quanto oral, hoje internacionalmente conhecidos e afamados como o *London-Lund corpus*, iniciado por Jan Svartvik em 1975, o projecto COBUILD (*Collins Birmingham University Language Database*), iniciado por John Sinclair em 1980, ou o *Lancaster-Oslo-Bergen corpus* (LOB) e o *British National Corpus* (BNC), construídos baixo a direcção de Geoffrey Leech nos anos 90.

Por último, para finalizarmos esta breve introdução histórica, cabe ainda mencionar que, nos anos 90, tiveram lugar aquelas que podem ser consideradas as últimas grandes mudanças acontecidas durante o século XX que propiciaram o afiançamento da Linguística de Corpus: a estandardização dos modelos de anotação dos corpora, que permitiram a introdução de informação adicional nos textos dos corpora com o intuito de a aproveitar na sua exploração. Foi, pois, após o encontro realizado em 1987 no Vassar College de Poughkeepsie (New York) que se formou a chamada Text Encoding Initiative (TEI), constituída pela Association for Computers and the Humanities (ACH), a Association for Literary and Linguistic Computing (ALLC) e a Association for Computational Linguistics (ACL). Desta maneira, em 1990, a TEI publicou, depois dalguns anos de investigação, as TEI Guidelines P1 para a anotação de corpora, que não eram senão umas directrizes desde as quais se pretendia, tal e como mais à frente será explicado em pormenor, unificar o heterogéneo campo da anotação. A elaboração destas Guidelines teve, assim mesmo, outro efeito positivo para o desenvolvimento da Linguística de Corpus, já que para a elaboração das diferentes etiquetas empregadas para a codificação dos diferentes campos de anotação de corpora recomendados nas Guidelines a TEI adoptou como linguagem de anotação o SGML (Standard Generalized Markup Language). Com a passagem dos anos, o emprego do SGML como linguagem estândar de anotação de corpora trouxe consigo, além disso, a sua especialização e o subsequente desenvolvimento de uma nova linguagem de anotação herdeira, conhecida como XML (*eXtensible Markup Language*), mais potente e versátil.

2. O que é a Linguística de Corpus?

Feita, pois, esta introdução à história da evolução e progressão da Linguística de Corpus ao longo de vários séculos mas, sobretudo, ao

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 23

longo do século XX, encontramo-nos plenamente imersos, assim, no que é à nossa actualidade científica diz respeito. Antes de introduzirmo-nos, porém, na descrição do trabalho que nos ocupa, caberia, ainda, perguntar-se acerca do que nós entendemos aqui por Linguística de Corpus.

Após uma leitura demorada da breve introdução realizada no capítulo anterior, pode-se observar que várias são as denominações que ao longo da história da Linguística apareceram para denominar similares aproximações baseadas no uso de corpora, por exemplo: ramo quantitativo-estatístico da Linguística Matemática, aplicada na década de 30; Mecano-Linguística, aplicada na década e 50, e Linguística de Corpus, denominação maioritária hoje em dia mas que, de facto, só apareceu após as críticas realizadas na década de 60 por Chomsky, a quem realmente tem de ser atribuída a sua rápida expansão e consolidação nas décadas de 60, 70, 80 e 90.

Apesar dos seus 40 anos de história, na actualidade "among linguists at large, corpus linguistics is not universally acclaimed for its contributions to linguistic theory" (Svartvik, 1996: 11). Parece, pois, claro que a Linguística de Corpus se encontra imersa num processo de consolidação no seio da Linguística, que explica a existência, ainda na actualidade, de uma controvérsia científica a respeito do seu *status*.

Num extremo, encontram-se linguistas como Tom McEnery e Andrew Wilson que consideram a Linguística de Corpus como uma mera metodologia de trabalho aplicável a muito diferentes investigações com, também, muito diferentes finalidades:

> Corpus linguistics is not a branch of linguistics in the same sense as syntax, semantics, sociolinguistics and so on. All of these disciplines concentrate on describing / explaining some aspect of language. Corpus linguistics in contrast is a methodology rather than an aspect of language requiring explanation or description. A corpus-based approach can be taken to many aspects of linguistics enquiry. […] Corpus linguistics is a methodology that may be used in almost any area of linguistics, but it does not truly delimit an area of linguistics itself. (McEnery & Wilson, 2001: 2)

Nesta mesma linha encontra-se também o linguista Geoffrey Leech:

> But is corpus linguistics really comparable with these other hyphenated branches of linguistics? [se refiere a la sociolingüística, la psi-

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 24

> colingüística, la lingüística del texto]. No, because 'corpus linguistics' refers not to a domain of study, but rather to a methodological basis for pursuing linguistic research. In principle (and often in practice) corpus linguistics combines easily with other branches of linguistics: we can study phonetics, syntax, sociolinguistics, and any other aspect of linguistics by means of corpora, and when we are doing this we can be said to be combining techniques of corpus linguistics with the subject matter of phonetics, syntax, sociolinguistics, and so on. (Leech, 1992: 105-106 *apud* Caravedo, 1999: 19)

Noutro extremo, encontram-se linguistas como Elena Tognini-Bonelli, quem considera que

> although corpus linguistics belongs to the sphere of applied linguistics, it differs from the other partner disciplines under the same umbrella in that it can be seen as a *pre-application methodology*. […] by pre-application we mean that, unlike other applications that start by accepting certain facts as given, corpus linguistics is in a position to define its own sets of rules and pieces of knowledge before they are applied […] corpus linguistics has, therefore, a theoretical status and because of this it is in a position to contribute specifically to other applications. (Tognini-Bonelli, 2001: 1)

A propósito desta consideração da Linguística de Corpus como um estádio prévio a outro tipo de estudos –teóricos e aplicados– a mesma autora, umas páginas mais à frente expressa-se nos seguintes termos:

> Saussure's famous words 'c'est le point de vue qui crée l'object', can be reinterpreted in this turn of events […]. We could say that is our chosen methodological standpoint which determines both the object and the aim of our enquiry. (*íbid*.: 49)

Diversas apreciações podem ser feitas, porém, a respeito destas duas posições encontradas. Por um lado, dizer, para contestar o primeiro dos posicionamentos acima apresentados, que, tal e como afirma Rocío Caravedo (1999: 19),

> si por metodología se entiende el conjunto de técnicas y estrategias de aproximación y manejo de la realidad que se persigue estudiar, también la *lingüística de corpus* puede agrupar distintas metodologías […], y no se identifica con sólo una de ellas, sino más bien con un modo de relación entre teoría y realidad.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 25

Por outro lado, para contestar a posição de Tognini-Bonelli, dizer que o facto de que se possa elaborar um construto teórico à volta de uma determinada metodologia de estudo, não implica que dito construto se tenha, ineludivelmente, de erigir numa disciplina autónoma da área disciplinar desde a qual aquela teorização tinha sido elaborada. Precisamente se se aceitar que o uso de corpora foi durante décadas uma mera metodologia empregada desde diferentes áreas da linguística, o facto de que actualmente se tenha formulado toda uma colecção terminológica nova, surgida, aliás, após o desenvolvimento dos computadores e da aplicação de técnicas estatístico-quantitativas no processamento dos corpora, não é senão um indicador dos progressos feitos no seio daquelas áreas disciplinares, que se adaptaram às potencialidades oferecidas por novas ferramentas de estudo. Por isso, de igual maneira, cabe também dizer, para matizar a interpretação das palavras de Saussure acima apresentadas, que uma reformulação do objecto de estudo, motivada por uma teorização prévia à aplicação de uma certa metodologia, modifica, em todo o caso, o ponto de vista epistemológico das disciplinas nas quais se pretende aplicar dita metodologia. De qualquer maneira, em toda disciplina científica, independentemente de que a sua posição acerca dos dados seja mais ou menos empírica, a teorização acerca da metodologia a empregar para atingir uns determinados objectivos é, antes de mais, uma necessidade epistemológica. Além disso, resulta imprescindível também indicar que a popularização de uma metodologia baseada em corpus não foi senão uma consequência de uma mudança generalizada no terreno filosófico no seio das ciências sociais, após as mudanças experimentadas no mundo nas décadas de 40, 50, 60 e 70 e as subsequentes necessidades surgidas nas diversas sociedades industrializadas, que alentaram e exigiram das ciências sociais o desenvolvimento de soluções aplicadas. Foi, deste jeito, que apareceram as disciplinas aplicadas da Linguística, entre as quais sem dúvida devemos incluir a chamada Linguística Tecnológica, macro-etiqueta dentro da qual se reúnem a Linguística Informática, a Linguística Computacional, as Tecnologias da Fala e as Industrias da Língua, mas não a Linguística de Corpus.

Desta maneira, a Linguística de Corpus neste trabalho é entendida como um conjunto de metodologias de base empírica, aperfeiçoadas mercê às necessidades surgidas após a reformulação filosófica do objecto de estudo da Linguística no último terço do século XX, pelo menos no que a uma parte da Linguística se refere, que passou a considerar os dados empíricos como fonte legítima para a consecução de um conheci-

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 26

mento objectivo das línguas. A Linguística de Corpus não se cinge, portanto, a uma disciplina linguística particular, senão que pode ser aplicada em muito diferentes disciplinas da linguística e com muito diferentes finalidades. Assim, "[it] defines not just a newly emerging methodology for studying language, but a new research enterprise, and in fact a new philosophical approach to the subject" (Leech 1992a *apud* Svartvik, 1996: 12).

Apesar, por outro lado, das enormes vantagens de poupança em tempo, esforço e dinheiro que supõe o uso dos computadores para a armazenagem e processamento dos corpora, facto pelo qual hoje em dia a quase totalidade dos corpus em uso foram ou são realizados e/ou transvasados a formato electrónico, o emprego de corpora implica toda uma orientação de pensamento não indentificável com um recurso tecnológico, já que "reducir una orientación de pensamiento a [isto] no solo desmerece la propia propuesta sino que lleva a desconocer la larga práctica de la lingüística precomputerizada que se valía de la construcción de corpus para el estudio de las lenguas." (Caravedo, 1999: 17).

3. O que é um corpus?

Muitas são as diferentes definições de corpus que podem ser encontradas nas publicações académicas especializadas em Linguística de Corpus:

> a corpus is a collection of texts assumed to be representative of a given language, dialect or other subset of a language to be used for linguistic analysis. (N. Fancis, 1992: 17 quoting Fancis 1982: 7)

> a corpus is a collection of naturally-occurring language text, chosen to characterize a state or variety of a language. (Sinclair, 1991: 171)

> [a corpus is] a subset of an ETL (Electronic Text Library) built according to explicit design criteria for a specific purpose (Atkins, Clear & Osler, 1992: 1)

> a corpus is understood to be a collection of samples of running text. The text may be spoken, written or intermediate forms, and the samples may be of any length. (Jan Aarts, 1991: 45)

> A corpus is a collection of pieces of language that are selected and ordered according to explicit linguistic criteria in order to be used as a sample of the language. (EAGLES 1994: 2.1) (Tognini-Bonelli, 2001: 53)

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 27

Como pode ser verificado, embora exista um maioritário acordo a respeito da consideração dos corpora como uma colecção de textos, cada uma destas definições incide sobre diferentes características que tanto os textos que formam parte das colecções como as próprias colecções de textos devem cumprir para poder ser consideradas corpora.

3.1. Representatividade

A primeira destas características diz respeito a um dos conceitos sobre o qual, por ter resultado ser uma das questões mais determinantes para a certificação da validade do uso de corpora tanto desde uma perspectiva académica quanto industrial, mais se tem versado na Linguística de Corpus: a *representatividade* das colecções de textos, isto é, dos próprios corpora em relação com a língua ou variedade com a qual se pretende, mediante eles, trabalhar. Deste modo, "according to Leech […] a corpus is representative when *the findings* based on its contents can be generalized to a larger hypothetical corpus" (Leech, 1991 *apud* Tognini-Bonelli, 2001: 57). Tendo, porém, em conta que o próprio autor afirma que "the assumption of representativeness *must be regarded largely as an act of faith"(íbid*.), como fazer frente, então, às críticas vertidas por Chomsky na década de 60 que iam no sentido de considerar que em um corpus "some utterances would be excluded because they are rare, other […] utterances might be excluded simply by chance, and chance might also act so that some rare utterances were actually included" (McEnery & Wilson, 2001: 30).

Neste sentido, só uma nova concepção do funcionamento das línguas e um novo quadro de estudo poderiam permitir superar a inevitável parcialidade inerente de todo corpus. Como foi referido na anterior introdução histórica, o desenvolvimento da Pragmática a partir da década de 60 resultou de extraordinária importância para a Linguística de Corpus, não só pelo seu questionamento a respeito da posição epistemológica e da supremacia das teorias linguísticas racionalistas, senão, sobretudo, pelo novo quadro teórico que se desenhou. Desde um ponto de vista pragmático, as línguas naturais são códigos de comunicação e socialização entre humanos que só funcionam num determinado contexto, seja situacional, histórico, etc. Isto implica, pois, que, para uma correcta interpretação do significado, isto é, para uma efectiva comunicação, os/as destinatários/as de uma mensagem precisam realizar toda uma série de descodificações e inferências semânticas acerca da intenção comunicativa dos/as emissores/as, nas

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 28

quais tanto o contexto situacional como a informação pragmática, isto é, a informação co(n)textual e o conhecimento do mundo e do interlocutor, jogam um papel determinante. Sob esta perspectiva, cada uma das intervenções, isto é, cada um dos *enunciados* dos / as interlocutores / as constitui uma unidade de interacção, cuja natureza não tem necessariamente de coincidir com a noção tradicional de oração. Um enunciado é, pois, entendido como uma unidade do discurso enquadrada entre duas pausas, e delimitada pela mudança de emissor (*cfr*. Escandell, 2002: 27-28) e cuja extensão pode, desta maneira, ultrapassar a da oração tradicional. Desde este ponto de vista, um texto inteiro, seja um livro, um poema, um artigo, etc., pode constituir, dentro desta teoria da comunicação, uma unidade de interacção de um emissor, isto é, um enunciado. Em palavras de Tognini-Bonelli (2001: 2): "[…] we can say that text exists in a unique communicative context as a single, unified language event mediated between two (sets of) participants". Isto, que poderia parecer meramente anedótico, supôs uma revolução para a Linguística de Corpus, pois preparou o terreno para a sua consolidação ao abrir o caminho para o uso de colecções de textos, tanto escritos quanto orais, para o estudo e processamento das línguas naturais.

Houve, porém, uma teoria, que poderia ser considerada hoje em dia precursora dos estudos pragmáticos gerais e que, apesar da sua marginalização durante décadas, teve uma especial importância para a Linguística de Corpus actual. Referimo-nos, em concreto, à Teoria Contextual do Significado de Firth (em inglês *Contextual Theory of Meaning*),

> where a text is seen as an integral part of its context and the formalisation of a contextual patterning of a given word or expression is assumed to be relevant to the identification of the meaning of that word or expression. (Tognini-Bonelli, 2001: 4)

Partindo de que cada emissão ocorre num contexto situacional determinado culturalmente, Firth afirma que "the relation of utterance to context is a special case of Item and Environment, and it persists when applied to smaller units of language than sentence" (*íbid*.). Desde este ponto de vista, assume-se, então, que cada elemento linguístico ocorre num determinado contexto e que este é altamente relevante para a determinação do significado do elemento, seja este uma palavra ou uma oração (*cfr*. *íbid*.). Dentro desta teoria, dois são os conceitos importantes a respeito do tipo de relação co-textual estabelecido entre os diferentes

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 29

elementos de um texto: as 'colocações' (em inglês *collocations*): "the mere word accompaniment, the other word-material in which they are most commonly or most characteristically embedded" (Palmer, 1968 *apud* Tognini-Bonelli, 2001: 5); e as 'coligações' (em inglês *colligations*): "the interrelation of grammatical categories in syntactical structure" (*íbid*.).

Em definitiva, dentro desta nova concepção as línguas deixam, assim, de ser entendidas não só como uma possibilidade abstracta, tal e como podia ser extraído da formulação do conceito chomskyano de *Competence*, e passam, portanto, a ser consideradas também como uma probabilidade em co(n)texto.

De qualquer jeito, é dentro do quadro teórico pragmático delimitado por Firth que pode e deve ser entendido o conceito de representatividade de um corpus. A razão é que, concebendo as línguas como uma probabilidade em co(n)texto, o facto de que um corpus possa ser considerado suficientemente representativo como para poderem ser generalizadas as descobertas nele feitas a corpora de maiores dimensões, só pode ser sustido pela noção Firthiana de "eventos repetidos", ligada com a noção de *behavior* da linguística estruturalista bloomfieldiana. Segundo esta noção as actualizações concretas das línguas –embora só parcialmente, conforme deve ser matizado– respondem, em relação com o contexto, a parâmetros de conduta, em muitos casos, repetitiva. Desta maneira, existe, desde uma perspectiva probabilístico-quantitativa, a possibilidade de analisar ou processar colecções finitas de textos e de realizar, a partir delas, generalizações a entidades como as línguas naturais, por definição, não só maiores, mas infinitas. Assim, como a representatividade é um conceito matizável em si mesmo, para a consecução de um grau de representatividade suficientemente elevado num corpus duas são as considerações que hão-de ser tidas em conta: o seu volume de palavras e a sua amostragem (*sampling* em inglês), que, dependendo do tipo de entidade linguística que se pretenda representar, serão, assim mesmo, variáveis.

Tendo em conta quais eram as críticas iniciais à moderna Linguística de Corpus não surpreende, pois, que a questão do volume de palavras se tenha erigido numa questão da máxima centralidade e, ao mesmo tempo, de enorme controvérsia na Linguística de Corpus. Tal e como aponta Sinclair (2000): "There are of course some kinds of corpora which are by their nature small […] [isto é] […] Some corpora are inevitably small and we cannot do anything about them […]" (Sinclair, 2000: 32-33). Este é o caso, por exemplo, dos corpora de línguas mortas, como o latim, ou dos corpora de determinadas variedades linguísticas, como os literários,

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 30

construídos em função de critérios extralinguísticos de representatividade e que, por natureza, são limitados. Contudo, nos últimos anos verifica-se a tendência a construir corpora de extraordinárias dimensões, como os chamados corpora de *referência* que, como o CREA (Corpus de Referencia del Español Actual), podem chegar a contar com milhões de textos representantes de multidão de variedades linguísticas; ou como os chamados corpora *monitor*, como o projecto COBUILD, criado baixo a direcção de John Sinclair, cuja característica principal é que se encontram num contínuo processo de construção, já que são objecto de um constante acréscimo de textos.

Assumido, pois, que um corpus tem de ser representativo, as decisões mais importantes que terão de ser tomadas para a sua construção são aquelas que dizem respeito à sua amostragem. Dependendo do tipo de corpora que se deseje construir, necessariamente haverá que decidir, pois, sobre "issues such as what kind of texts are to be selected, the number of texts, the selection of particular texts, the selection of texts samples from within texts and the length of the samples." (Tognini-Bonelli, 2001, 59). Deste jeito, todo corpus que se pretenda representativo necessitará guardar um certo equilíbrio entre o tipo e o número de textos de cada uma das variedades incluídas e o tamanho das diferentes amostras representantes destas variedades.

De qualquer forma, se houve algo que, finalmente, acabou por tornar inválidas ou, quanto menos, matizáveis aquelas críticas vertidas desde o Generativismo e que, do meu ponto de vista, supôs, nas últimas décadas, o definitivo pulo para a Linguística de Corpus no nível da potencial representatividade que os corpora podem alcançar, foi o emprego dos computadores. Como antes foi referido, os computadores permitiram, por um lado, a construção de corpora de grandes dimensões e facilitaram, por outro, o emprego de técnicas estatísticas para o seu processamento que, além do mais, permitiram, desde uma óptica quantitativa, realizar testes de significância, como o *chi-squared test* (para uma descrição mais detalhada ver McEnery e Wilson, 2001, 81-101), através dos quais é possível verificar a validade dos próprios resultados.

3.2. Autenticidade

A segunda característica dos corpora na qual se incide com especial ênfase nalgumas das definições acima referidas é a pressuposição de autenticidade dos dados incluídos num corpus, ou seja, "all the material included in a corpus, […], is assumed to be taken from genuine

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 31

communications of people going about their normal business." (Tognini-Bonelli, 2001: 55). Do meu ponto de vista, esta não é senão uma característica directamente derivada do planejamento filosófico subjacente a todo estudo baseado em corpora, isto é, desde uma perspectiva empirista. Como pode ser induzido após uma leitura demorada da introdução histórica antes realizada, o emprego de corpora surgiu nas primeiras investigações de carácter linguístico do século XIX, mais do que como uma alternativa metodológica, como uma necessidade dado o objecto de estudo e os objectivos que se perseguiam. Assim, a negação feita por Saussure do recurso aos dados obtidos através da observação da *parole*, durante décadas, significou para os linguistas formados nesta escola a impossibilidade não só de estudar, senão, sobretudo, de entender a natureza heterogénea das línguas. Desta maneira, quando nas décadas de 30, 40 e 50 se pretendeu dar um novo giro às investigações linguísticas, passando mais uma vez a empregar dados de natureza empírica, os corpora voltaram surgir como a metodologia mais adequada para o estudo deste tipo de dados. É por tudo isto que se pode afirmar que o trabalho com corpora implica uma "*empirical approach* in that […] the start point is […] authentic data." (*íbid*.: 2)

3.3. Natureza escrita ou oral

A terceira característica dos corpora diz respeito à natureza escrita ou oral dos dados linguísticos que podem estar incluídos num corpus. Embora na actualidade existam alguns corpora onde se incluem textos linguísticos procedentes da oralidade, esta não foi nem muito menos uma constante nas diversas aproximações baseadas em corpora. Por um lado, nos primeiros trabalhos do século XIX não existia a tecnologia necessária para registar este tipo de manifestações linguísticas. Por outro lado, se o desenvolvimento dos diferentes dispositivos analógicos de gravação de som que foram desenvolvidos no século XX possibilitou por fim o recurso a este tipo de dados, a sua própria natureza analógica não admitiu, durante décadas, um processamento computerizado e automatizado. O surgimento, porém, na actualidade de ferramentas de gravação e suportes de armazenagem e reprodução digitais fez não só com que este tipo de corpora orais pudessem ser mais rápido e melhor recompilados, senão com que sofressem um extraordinariamente veloz avanço que os colocou ao mesmo nível de concorrência que os corpora escritos.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 32

3.4. Formato de armazenagem

A quarta característica apontada nas anteriores definições diz respeito à natureza do formato em que são armazenados os textos. Como pode ser verificado, na terceira das definições um corpus é definido como um conjunto de bibliotecas de textos electrónicos (em inglês *Electronic Text Library*, ETL). Do meu ponto de vista, caberia matizar que, em consonância com o já exposto, isto não é senão uma redução, em relação com um só recurso tecnológico, dos tipos de formato de armazenagem dos corpora. Durante décadas, apesar da inexistência de computadores, foram realizadas diversas investigações baseadas no uso de corpus, empregando para a sua armazenagem o único recurso disponível, ou seja, o papel. Tal e como foi antes foi sublinhado, isto supunha uma enorme eiva para este tipo de investigações, pois além do tempo, dinheiro e esforço necessários para o processamento dos corpora, a própria metodologia empregada para o seu processamento erigia-se num 'pseudo-procedemento', mercê à impossibilidade da sua automatização. É certo que os computadores conseguiram resolver grande parte destes problemas e que tornaram, assim, inválidas aquelas críticas. Também é certo que hoje em dia ninguém recompila e armazena nenhum corpus se não é empregando um formato electrónico digital. De qualquer forma, o emprego unânime de uma única ferramenta tecnológica não pode determinar de por si uma natureza unitária para o formato de armazenagem dos corpora. Não seria justo, mas não seria, sobretudo, lícito desde um ponto de vista historiográfico. Em qualquer caso, o facto de que hoje em dia só se empreguem e construam corpus de textos em formato electrónico obriga-nos, pois, a ter de definir o que o formato electrónico representa em relação com a natureza dos textos. Um texto electrónico "non é máis que unha sucesión de caracteres ASCII [embora também UNICODE], é dicir, unha sucesión de bytes almacenada nun soporte determinado (en CD-ROM, en disquete ou, normalmente nos discos duros de potentes estacións de traballo situadas nos centros de textos electrónicos). O texto electrónico, polo tanto, non ten entidade física, non é un obxecto material: non o podemos ver nin tocar." (Álvarez, 1996: 88).

3.5. Função

A quinta e última característica dos corpora citada na terceira das anteriores definições é a necessidade de delimitação da função específica que se lhes quiser dar aos próprios corpora. Função específica que, por

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 33

sua vez, virá determinada pelos objectivos que, desde uma óptica académica e/ou industrial, se persigam e para os quais resulte necessária a sua compilação e construção. Neste sentido, pode-se afirmar, pois, que os objectivos da empresa académica e/ou industrial determinam *a priori* certos aspectos que têm a ver com o tipo de colecções de textos necessários para os atingir. Assim, dependendo de quais sejam os objectivos desejados, terão de ser tomadas, em relação com os diferentes graus de representatividade atingíveis pelos corpora, algumas decisões que dizem respeito à amostragem de textos que serão neles incluídos, isto é, tanto ao tipo de textos quanto à sua extensão. Se bem na última das definições acima apresentadas são referidos os critérios de tipo linguístico como os principais critérios aos quais se tem de submeter a compilação de uma colecção de textos para que esta possa ser considerada um corpus, do meu ponto de vista, toda a complexa série de critérios que, na sua construção, hão-de ser tomados em consideração para a delimitação de uma amostragem de textos suficientemente representativa para lograr uns determinados objectivos não pode responder a uma classificação tão simplista. Deste modo, os textos podem ser escolhidos em função de

> criterios externos (que hacen referencia a los tipos de texto que establecen las clasificaciones más usuales, o las características del contexto social en que ocurren los textos) y criterios internos (que hacen referencia a las características diferenciadoras del lenguaje del texto). (Rafel i Fontanals & Soler i Bou, 2003: 48)

Como os critérios internos "por el hecho de que no están avalados por ningún tipo de evidencia científica, ya que, en la práctica, conviven diferentes clasificaciones [con niveles variables de detalle] sin criterios objetivos que hagan preferir una u otra" (*cfr. íbid.*), neste trabalho, em virtude da sua maior objectivabilidade, atender-se-á a critérios externos baseados de maneira pormenorizada nas clasificações feitas por Atkins, Clear & Ostler (1992) e por Rafel i Fontanals & Soler i Bou (2003). Deste jeito, entre este tipo de critérios podemos encontrar, entre outros, os seguintes:

- Modo: Segundo este critério os textos podem ser escritos, escritos para ser lidos, escritos para ser falados, falados ou falados para ser escritos.
- Origem: Neste critério têm-se em conta aspectos que têm a ver com o local de origem do texto, a nacionalidade do/a autor/a ou do/a editor/a, etc.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 34

- Participação: Este critério diz respeito ao número de pessoas originadoras do texto.
- Preparação: Sob esta denominação são classificados os textos em função do nível de preparação, isto é, se são mais ou menos espontâneos.
- Meio: Este critério refere-se ao meio de publicação dos textos: em livro, revista, televisão, rádio, etc.
- Estilo: Com o intuito de oferecer soluções práticas que não acabem por complicar muito a classificação dos textos, os estilos actualmente distinguidos segundo este critério são a prosa e o verso.
- Género: Os géneros em que, na escrita, podem ser classificados os textos são: romance, conto, obra de teatro, poema, ensaio, carta, anúncio, horóscopo, etc. Na oralidade, por sua vez, são leitura, debate, conversa, etc.
- Domínio: Este critério refere-se ao contexto social ao qual pertence o texto, isto é, escolar, laboral, familiar, etc.
- Função: Neste critério há-de se ter em conta a força ilocutiva dos textos, segundo a qual estes podem ser narrativos, informativos, exortativos, persuasivos, instrutivos, etc.
- Tema: Este critério refere-se ao domínio de conhecimento ao qual pertence o texto, p. ex.: biologia, química, literatura, música, lazer, política, etc.
- Tecnicidade: Segundo este critério os textos podem também ser classificados em função do grau de especialização técnica dos / as emissores / as ou dos / as receptores / as. Assim, os textos podem ser gerais, técnicos ou semi-técnicos.
- Data: Este critério está relacionado com a data em que os textos foram publicados –se escritos– ou emitidos –se orais–.
- Status do texto: Segundo este critério os textos podem ser originais, actualizações, revisões, etc.
- A(s) língua(s): Por muito evidente que pareça a selecção de textos procedentes de uma ou outra língua é uma escolha que, necessariamente, terá de ser realizada.
- Ligação entre línguas: Em relação com este critério os textos podem estar isolados ou alinhados em pares, tripletos, quartetos, etc.
- Status da(s) língua(s): Segundo este critério as línguas podem ser fonte ou tradução.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 35

- Autoria: Este critério tem a ver com os autores / emissores dos textos.
- Sexo do / a autor / a: Tradicionalmente os / as autores / as são classificados em homens ou mulheres.
- Idade do / a autor / a: Este critério classifica os / as autores / as do texto em função da sua idade.
- Língua nativa do autor: Este é, como resulta evidente, um critério de classificação dos / as autores / as em função da sua língua inicial e não da língua do texto.
- Idade dos / as receptores / as: Segundo este critério o público receptor de um texto pode ser adulto, juvenil, infantil, etc.

3.6. Tipologia de corpora

Os tipos de *corpora* que deste modo ficam, então, delimitados são os seguintes:

1. Corpora escritos: As colecções de textos escritos representam actualmente a maioria dos corpora disponíveis.

1.1. Sincrónicos ou diacrónicos: Os corpora escritos podem ser tanto sincrónicos, isto é, representativos dalguma variedade linguística ou de toda uma língua num determinado ponto do tempo, ou diacrónicos, ou seja, que contêm textos procedentes de uma série de diferentes momentos temporais.

1.1.1. Monolingues: Os corpora monolingues são um tipo de corpora empregues, sobretudo, na elaboração de gramáticas baseadas em usos concretos e reais, na elaboração de dicionários electrónicos e outro tipo de ferramentas de correcção gramatical.

1.1.1.1. Específicos: Os corpora específicos são aquele tipo de corpora nos quais estão incluídos variedades linguísticas restringidas, isto é, as chamadas *Languages for Special Pourposes* (LSP). Estes podem-se, por exemplo, empregar no ensino de segundas línguas ou na elaboração de bases de dados terminológicas restringidas a âmbitos muito específicos.

1.1.1.2. Gerais: Dada a sua natureza generalista, isto é, pretensamente representativa de uma língua, estes são o tipo de corpora monolingues empregues, como antes foi dito, na elaboração de gramáticas baseadas em usos concretos e reais, dicionários electrónicos, etc.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 36

1.1.1.2.1. Corpora de referência: Os corpora de referência são corpora que incluem textos de uma ampla gama de variedades de uma língua, pelo que "can be taken as representative of the language as a whole." (Toginini-Bonelli, 2001: 9)

1.1.1.2.2. Monitor: São um tipo de corpora que têm como característica diferenciadora a sua condição de "open-ended entit[ies]" (McEnery & Wilson, 2001: 30), ou seja, de corpora sem um limite de palavras definido, o que implica um contínuo crescimento do volume de palavras.

1.1.2. Multilingues: Além dos corpora monolingues, existem na actualidade uma multidão de corpora multilingues que, como o seu próprio nome indica, incluem textos escritos em mais de uma língua.

1.1.2.1. De tradução: "Translation corpora are corpora of texts which stand in a translational relationship to each other, […]. The most common use of translational corpus […] remains the access to translations as products where the translated corpora reveal cross-linguistic correspondences and differences that are impossible to discover in a monolingual corpus." (Toginini-Bonelli, 2001: 6)

1.1.2.1.1. Paralelos: São corpora que contêm a mesma colecção de textos em mais de uma língua, ou seja, as versões originais acompanhadas pelas suas traduções (*cfr*. Abaitua, 2002: 65), que recebem o qualificativo de paralelos porque os diferentes pares ou tripletos de textos estão alinhados entre si. Igualmente, este tipo de corpora, dependendo da distribuição dos tipos de textos (fonte ou tradução) em relação com as línguas empregadas, podem ser classificados em:

1.1.2.1.1.1. Corpora unidireccionais: São corpora que só incluem textos-fonte escritos na língua A e textos traduzidos escritos na língua B.

1.1.2.1.1.2. Corpora bidireccionais: São corpora que incluem textos-fonte escritos na língua A, textos-alvo escritos na língua B, textos-fonte escritos na língua B e textos-alvo escritos na língua A.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 37

1.1.2.1.2. De traduções livres: Estes são um tipo de corpora nos quais está incluída mais de uma versão traduzida de um mesmo texto, mas cujo alinhamento não é possível, dada a condição de traduções livres das diferentes versões.

1.1.2.2. Comparáveis: «Baker 1995 introdujo este término para corpora monolingües compuestos por textos originales en una lengua y traducciones de otros textos semejantes en la misma lengua. Martínez 1999 amplía el término a corpora multilingües que contienen textos en distintos idiomas, que sin ser traducciones, comparten similar origen, temática, extensión y número.» (*ibid.*). Como pode ser deduzido, este tipo de corpora baseia-se, pois, a sua comparabilidade no facto de incluírem textos em diferentes línguas de similares características.

1.1.2.3. Com textos em diferentes idiomas: São colecções «de textos en varios idiomas recopiladas con la intención de servir para estúdios cuantitativos o estadísticos […] (pero sin llegar a ser comparables)» (*ibid.*)

2. Corpora orais: Apesar do seu tímido progresso em termos de volume de corpora existentes e disponíveis, estes são um tipo de corpora empregados já nas primeiras aproximações baseadas em corpus. Pela sua natureza oral, este tipo de corpora revelam-se de mais difícil tratamento informatizado, mas muitos são os esforços hoje em dia neles investidos que fazem deste tipo de corpora uma fonte de recursos muito atractiva para muito diferentes aproximações.

2.1. Transcritos / não transcritos: Dada a sua natureza oral, para facilitar o seu processamento informatizado muitos corpora são transcritos graficamente.

2.1.1. Monologados: Estes são um tipo especial de corpora que contêm intervenções orais de um único interveniente.

2.1.1.1. Formais: Dependendo do tipo de situações em que se produzam as intervenções, estes corpora podem incluir textos orais formais, como as leituras em alto de escritos ou as palestras preparadas mas não escritas.

2.1.1.2. Menos formais: Entre os textos orais monologados que têm um carácter informal estão as aulas académicas, os comentários de notícias, as demonstrações, etc.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 38

2.1.2. Dialogados: Estes são um tipo de corpora com um valor importante em aproximações nas quais se pretende estudar, duma óptica conversacional, as dinâmicas linguísticas, argumentativas, etc. dos intervenientes.

2.1.2.1. Formal: Ao igual que os monologados, os corpora dialogados podem incluir textos orais que, mercê das situações contextuais em que têm lugar, têm um carácter formal, como, por exemplo, as conversas telefónicas entre desconhecidos, as entrevistas, os debates, os comícios, as transacções comerciais, etc.

2.1.2.2. Menos formal: Do mesmo modo, entre os textos orais dialogados que têm um carácter informal estão as conversas telefónicas entre conhecidos, as conversas entre familiares, amigos, cônjuges e/ou colegas de trabalho, etc.

Dada a complicação deste tipo de ordenação numérica, a classificação de todos estes tipos de corpus pode ser, para uma melhor compreensão, sintetizada na seguinte tabela:

(TABELA 1)

<table>
<tr><td rowspan="6">Escritos
(Sincrónicos ou
Diacrónicos)</td><td rowspan="2">Monolingues</td><td colspan="3">Especializados</td></tr>
<tr><td colspan="3">Gerais</td></tr>
<tr><td rowspan="4">Multilingues</td><td rowspan="3">De
tradução</td><td rowspan="2">Paralelos</td><td>Unidireccionais</td></tr>
<tr><td>Bidireccionais</td></tr>
<tr><td colspan="2">De traduções livres</td></tr>
<tr><td colspan="3">Comparáveis</td></tr>
<tr><td rowspan="4">Orais
(Transcritos ou
Não transcritos)</td><td rowspan="2">Monologados</td><td colspan="3">Formais</td></tr>
<tr><td colspan="3">Menos formais</td></tr>
<tr><td rowspan="2">Dialogados</td><td colspan="3">Formais</td></tr>
<tr><td colspan="3">Menos formais</td></tr>
</table>

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 39

Para finalizarmos esta alínea, a definição que, em relação com o conceito de corpus, poderia, do meu ponto de vista, ser formulada é a seguinte:

> Um corpus é uma colecção de textos naturais (electrónicos ou não), assumida, mercê da auto-avaliabilidade dos resultados do seu processamento, como representativa de toda uma língua ou de qualquer das suas variedades e construída, atendendo a diversos critérios de classificação textual, para a consecução de uns determinados objectivos.

4. Introdução aos corpora paralelos

Antes de nos debruçarmos de cheio na descrição do corpus paralelo criado para o desenvolvimento deste projecto de investigação, conviria que fossem feitas algumas considerações teóricas a respeito do *status*, história e finalidade dos corpora paralelos para que, desta maneira, possam ser compreendidas tanto as razões que levaram à escolha e compilação deste tipo de corpus como a metodologia empregada para tal efeito.

4.1. O que é um corpus paralelo?

Se durante a década de 1990, à volta dos diferentes tipos de corpora multilingues, existia uma certa indeterminação terminológica, devida, na altura, sem dúvida à novidade da sua aplicação, na actualidade esta indeterminação já foi superada. Desta maneira, quando hoje em dia se emprega a denominação *corpus paralelo* está-se a fazer referência a uma colecção de textos originais e as suas traduções noutra(s) língua(s).

Apesar da recente instauração desta denominação terminológica e do recente emprego sistemático deste tipo de corpora tanto em projectos de investigação em linguística contrastiva como em projectos de PLN ou no desenvolvimento de tarefas docentes, a compilação de corpora paralelos é uma prática que remonta muitos séculos atrás na História. Neste sentido, o mais antigo corpus paralelo de que se tem conhecimento é a pedra Rosetta, que se estima foi emtalhada à volta do ano 196 a.C. Esta pedra, cujos textos fazem referências às honras apresentadas ao rei Ptolomeu V pelos templos do Egipto, contém textos escritos em duas línguas –grego e egípcio–, escritos em três diferentes sistemas gráficos –os textos em egípcio foram escritos em hieróglifos e demótico– (*cfr*. Véronis, 2000: 1). Deste modo, se fizermos um rastejo ao longo da

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 40

história, veremos que a compilação deste tipo de corpora é uma prática comummente desenvolvida em muito diferentes âmbitos e momentos históricos. Assim, por um lado, muitos corpora paralelos foram construídos no processo de redacção de textos legais, como, por exemplo, contratos e/ou pactos. Outros foram construídos, por outro lado, com a edição de versões bilingues de textos sagrados, como, por exemplo, as versões bilingues da bíblia (latim/línguas romances) editadas na Idade Média. Por último, outros corpora paralelos foram abundantemente desenvolvidos à volta das versões bilingues de textos literários de muito diversos géneros.

De qualquer modo, apesar desta tradição compilatória e da multiplicidade de âmbitos em que são potencialmente aplicáveis, só recentemente é que o emprego de corpora paralelos se encontra em auge. De facto, foi, para sermos exactos, nos fins da década de 1980 e princípios da de 90 no âmbito do PLN que os corpora paralelos passaram a ocupar o centro de atenção. Nesta altura, atingido um ponto de estagnação na aplicação dos modelos de interpretação das línguas naturais puramente baseados em regras, os corpora começaram a ser empregados no desenvolvimento dos chamados modelos probabilísticos e conexionistas. Desta maneira, como mais à frente será pormenorizado, os corpora começaram a ser empregados, por um lado, como recursos de treino para o desenvolvimento de ferramentas automáticas de metodologia probabilística de anotação e de tradução e, por outro lado, como bases de dados reaproveitáveis para o desenvolvimento de técnicas de tradução baseadas em exemplos.

Tal e como anteriormente foi assinalado, para garantir a aplicabilidade dos corpora paralelos actualmente costuma-se implementar um processo de codificação mediante o qual fica explicitada a relação de correspondência de cada unidade de tradução –seja esta uma palavra, um sintagma, uma oração ou um parágrafo– dos textos fonte e cada unidade de tradução dos textos traduzidos. Desta maneira, mediante este processo, hoje em dia conhecido como *alinhamento*, estabelece-se, pois, que a relação de correspondência existente entre estes dois segmentos é uma relação de equivalência de tradução.

Os acima referidos conceitos de unidade de tradução e equivalência, desenvolvidos dentro dos Estudos de Tradução, são conceitos derivados da concepção que neste tipo de estudos se tem sobre o tipo de processos que constituem actos de tradução. Por tradução entende-se, pois, toda a

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 41

> operación de transferencia interlingüística que consiste en interpretar el sentido de un <texto de origen> y producir un <texto de llegada> buscando establecer una relación de <equivalencia> entre ambos, de acuerdo con los parámetros inherentes a la comunicación y dentro de los límites de las restricciones impuestas al <traductor> (Dedisle, Lee-Jahnke & Cormier, 1999: 295).

Deste modo, por um lado, por unidade de tradução entende-se o conjunto de elementos do texto de origem que possuem traços semânticos em comum e que o tradutor interpreta (*cfr*. *íbid*.: 304) reactivando uma série de conhecimentos extralinguísticos que, à hora de procurar uma equivalência, contribuem para a configuração do sentido (*cfr*. *íbid*.: 232). Por outro lado, por equivalência de tradução entende-se a relação de identidade estabelecida no discurso entre duas unidades de tradução de línguas diferentes, cuja função discursiva é idêntica ou quase idêntica (*cfr*. *íbid*.: 245). Sendo a tradução um actividade de mediação interlinguística em que devem ser tidos em conta aspectos de natureza discursiva e extralinguística –ou seja, contextal-situacional–, não surpreende, pois, que, subsequentemente, o conceito de equivalência seja um conceito relativo determinado, por um lado, pelas condições histórico-culturais em que os textos fonte são produzidos e os traduzidos são recebidos e, por outro, por uma série de factores de natureza linguístico-textual, igualmente histórico-culturalmente condicionados (*cfr*. Koller, 1995: 196).

4.2. O alinhamento

O alinhamento dos corpora paralelos, isto é, a explicitação das relações de correspondência entre unidades de tradução, pode ser realizado a muito diferentes níveis:

a) Alinhamento de palavras (w*ords*): a explicitação da relação de correspondência entre palavras é uma técnica mediante a qual são criadas bases de dados lexicográficas multilingues. Esta técnica foi já empregada nos começos da tradução automática no desenvolvimento de sistemas de tradução directa, isto é, palavra-por-palavra.

b) Alinhamento de segmentos (*segments*): esta técnica, de mais recente implementação, é actualmente empregada para superar, por um lado, as limitações das bases de dados lexicográficas multilingues, e, por outro lado, a falta de flexibilidade inerente ao alinhamento de orações.

c) Alinhamento de orações (*sentences*): este tipo de alinhamento, embora muito na moda nos estudos de tradução baseados em

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 42

corpora, é um tipo de alinhamento ao qual, dada a extensão do tipo de unidades alinhadas, está inerentemente associada uma certa falta de flexibilidade.

d) Alinhamento estrutural (*structural*): se bem este tipo de alinhamento apresenta uma falta de flexibilidade muito mais agudizada do que o anterior, este é um tipo que, em certos casos, convém realizar para evitar, mercê do ruído estrutural dos textos –notas de rodapé, títulos, capítulos, etc.– discrepâncias intertextuais.

Qualquer destes tipos de alinhamento pode ser levado a cabo quer de maneira manual, quer de maneira automática. Dado que, tal e como já foi anteriormente indicado na secção 4.4., dedicada à anotação dos corpora, a cada uma destas metodologias está associada uma determinada margem de erro e inconsistência, a escolha entre elas dependerá em cada caso do tipo de textos que se pretendam alinhar, assim como do volume de unidades que se deseje processar. Se, por um lado, o alinhamento automático de textos muito rigidamente estruturados, independentemente do seu volume, oferece, em virtude da abundância de repetições de expressões formulares, garantias para a consecução de um alto grau de precisão, por outro lado, o alinhamento automático de textos muito criativos e expressivos não estará isento de problemas, já que, em muitos casos, a correspondência não é 1:1. Desta maneira, o alinhamento manual, ou quando menos um certo grau de intervenção humana, tornar-se-ão neste caso necessários, tendo-se de investir, pois, –se se tratar de grandes quantidades de volume– muito tempo no seu processamento. De qualquer forma, foram nos últimos anos desenvolvidas diversas metodologias que, ora individualmente ora combinadamente, são empregadas para a efectivação do alinhamento automático de textos-fonte e traduzidos:

- Metodologia estatística: num modelo probabilístico combina-se a relação entre o número de caracteres da frase numa e na outra língua com o número de frases, dando *penalties* para a falta de probabilidade (*cfr*. Hallebeek, 1999: 8). Isto é, as frases mais longas numa língua costumam, em síntese, corresponder-se com frases mais longas noutra língua, e vice-versa.

- Metodologia de base linguística: um modelo de base linguística é baseado no reconhecimento e marcação de certos signos comuns aos textos das línguas envolvidas, chamados 'pontos de ancoragem' (em inglês *anchor points*), que servem para o reconhecimento de quais são

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 43

os segmentos que numa e noutra(s) língua(s) são correspondentes. Assim, entre os tipos de signos que servem de pontos de ancoragem podemos encontrar, por exemplo, certas unidades lexicais, os sinais de pontuação, interrogação e exclamação, os nomes próprios, os parênteses, as aspas ou as expressões numéricas.

- Metodologias híbridas: para a superação, num certo sentido, das limitações dos modelos probabilísticos que, frente aos 98% de precisão que alcançam em textos estrutural e expressivamente rígidos, só logram em textos de expressividade e criatividade elevadas percentagens de 54%[2], e as dos modelos puramente baseados no emprego de pontos de ancoragem que, com certas garantias, só podem ser individualmente empregados para o alinhamento de corpora paralelos de reduzidas dimensões, a alternativa actualmente desenhada é a combinação dos dois modelos.

4.3. Porque os corpora paralelos?

Para que a definição de tradução anteriormente introduzida possa ser entendida fará falta necessariamente que se pense em termos de evolução de pensamento no âmbito da Linguística e da Teoria da Literatura. Em primeiro lugar, porque a consolidação dos Estudos de Tradução como um campo de trabalho autónomo da Linguística e da Teoria da Literatura só se tem começado a verificar desde há cerca de quatro décadas. Em segundo lugar, porque, estando este tipo de estudos fortemente influenciados pela Linguística, a posição marginal em que se encontravam dentro da Teoria da Literatura antes da sua actual consolidação era devida à existência da muito estendida ideia de que os textos traduzidos para uma língua constituíam um desvio –isto é, não constituíam eventos comunicativos genuínos– a respeito dos textos não-traduzidos existentes nessa mesma língua.

Neste sentido, no que diz respeito à Linguística, a evolução de pensamento, produzida só a partir das décadas de 1960 e 70 após a emergência da Pragmática como disciplina autónoma dentro da Linguística, consistiu numa mudança epistemológica que, através de uma reformulação do objecto de estudo, permitiu a existência de perspectivas linguísticas, como a anteriormente exposta, que, ao lado dos factores mais puramente linguísticos, conseguem integrar nas suas teorizações semânticas toda uma série de factores de ordem

2. Dados tirados de Hallebeek (1999: 8).

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 44

extralinguística, como, por exemplo, o contexto (situacional e discursivo) de actualização dos usos linguísticos, o conhecimento do mundo (sócio-histórico-culturalmente condicionado) ou a intencionalidade e estado de ânimo dos/as interlocutores/as. Desta perspectiva, a tradução pode, desta maneira, ser entendida como uma actividade de intermediação baseada no conhecimento (linguístico e extralinguístico) e, portanto, sujeita a condicionamentos de ordem sócio-histórico-cultural.

No que à Teoria da Literatura diz respeito, a evolução de pensamento veio da mão da conhecida como Teoria dos Polissistemas (Even-Zohar, 1990). Nesta teoria, desenvolvida desde uma focagem com uma forte componente sócio-cultural, a Literatura, entendida como um fenómeno semiótico, isto é, como um fenómeno de comunicação humana regido por signos, é concebida como um polissistema –incluído dentro do macrossistema cultural– dentro do qual podem ser distinguidos um número variável de sistemas, igualmente compostos de um número variável de subsistemas, que poderíamos, *grosso modo*, fazer respectivamente corresponder com cada uma das tradicionalmente chamadas literaturas nacionais e com cada um dos géneros literários em vigor dentro destas. Dentro do macrossistema literário, assim como dentro de cada sistema ou subsistema literário particular, a natureza dinâmica das relações (tensões) existentes entre os seus elementos determina que as posições (mais ou menos centrais ou mais ou menos periféricas) que cada elemento é capaz de ocupar estejam sujeitas a uma contínua redefinição. Desta maneira, dentro desta teoria a literatura traduzida, entendida como um dos mais activos subsistemas existentes em cada sistema literário, não está desconectada da sua literatura original. Deste jeito, a posição da literatura traduzida dentro de cada sistema literário dependerá em cada momento histórico tanto da sua própria relação e posição a respeito doutros sistemas literários como do seu próprio ordenamento interno.

Em resumo, tendo em conta que a tradução é hoje em dia concebida como uma actividade baseada no conhecimento, não só de transferência interlinguística, mas também intercultural, através da qual são produzidos eventos comunicativos, embora de natureza distinta, igualmente genuínos aos eventos comunicativos de qualquer língua, pode-se afirmar que os corpora paralelos, sendo produtos desta actividade, são, em consequência, colecções de textos (fonte e alvo) escritos em diferentes línguas, nos quais ficam condensados os conhecimentos linguísticos e extralinguísticos necessários para a

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 45

produção de eventos comunicativos equitativamente legítimos aos eventos originais da língua desde a qual tinha sido realizada a tradução.

4.4. O que é uma Memória de Tradução (MT)?

Durante a última década do séc. XX, como aconteceu, em certo modo, a meados da década de 1960 com a publicação do informe *ALPAC*, começou a ser sentido, mesmo dentro do próprio campo da Tradução Automática, que a tradução automática não ia, pelo menos em várias décadas, conseguir solucionar de um jeito totalmente automático as necessidades de comunicação entre as diferentes línguas. Desta maneira, nessa mesma década de 90, imersa de cheio na lógica de mercado, a Engenharia Linguística, na qual se tinha principiado a pensar que para a consecução de traduções que roçassem a aceitabilidade a intervenção humana revelara-se indispensável, começou a derivar para a filosofia de Tradução Assistida por Computador (*TAC*) e, em consequência, para a formação, dentro das empresas de *software*, de grupos de trabalho que priorizaram o desenvolvimento de aplicações, conhecidas como *estações de trabalho* (em inglês *workstations*) ou ambientes *integrados de tradução* (em inglês *translator's workbench*), que, no âmbito da Tradução Humana Assistida por Computador (*THAC*), estão baseadas no emprego das chamadas Memórias de Tradução. Deste jeito, as memórias de tradução, consistentes no alinhamento e anotação de corpora paralelos de textos originais e traduções realizadas manualmente e validadas pelo/a tradutor/a, permitem, na realização de novos projectos de tradução, a reutilização e aproveitamento, mercê da sua armazenagem em formato electrónico, de traduções humanas já efectuadas anteriormente.

4.5. O que é o TMX?

A proliferação nos últimos anos da década de 90 de aplicações elaboradas desde diferentes empresas de software (IBM, Trados-Microsoft, Star e Atril) e dirigidas à criação, gestão e reutilização de memórias de tradução, levou associada uma importante incompatibilidade entre sistemas que trouxe consigo, inevitavelmente, a impossibilidade de partilha e reutilização destas ferramentas entre plataformas. Desta maneira em 2001, desde *LISA*[3], com o intuito de superar esta fase de incompatibilidade, foi desenvolvido o padrão

3. Organização sem ânimo de lucro que, desde uma filosofia baseada na cooperação mundial, promove, no âmbito da sociedade da informação e da comunicação, o respeito pela idiossincrasia linguística na tecnologia.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 46

conhecido como TMX (*Translation Memory eXchange*), que, mediante o emprego de etiquetas baseadas na metalinguagem XML, habilita uma anotação e armazenagem padronizada das memórias de tradução.

4.6. Porque TMX?

Já que na actualidade o TMX é assumido pela maioria dos fabricantes e consumidores deste tipo de *software* como o formato de intercâmbio e migração entre sistemas de memórias de tradução, sem nenhuma ou quase nenhuma perda de informação, o seu emprego, dada a sua função padronizadora, está justificado, pois o intercâmbio e reusabilidade efectivos das memórias de tradução, entendidas como corpora paralelos alinhados, anotados e validados, permite, mediante a sua aplicação no âmbito da tradução automática, a superação de fases pretéritas em que, nas operações de transferência tradutológica automatizada ou semi-automatizada, só se tinham em conta factores de ordem linguística.

5. Corpus Paralelo PALOP (português-espanhol) de Narrativa Pós-colonial (PALOP-PENP)

5.1. Delineamento do corpus

Quando este trabalho de investigação foi iniciado, para a consecução do primeiro dos objectivos específicos nele pretendidos, isto é, a criação, tal e como foi indicado no Prefácio deste estudo, de um corpus paralelo de textos narrativos procedentes das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e as suas traduções para espanhol, a primeira das tarefas que teve de ser levada a cabo foi o desenho do próprio corpus.

5.1.1. Critérios de selecção dos textos

Na delimitação, pois, do desenho do corpus, os critérios seguidos para a selecção dos textos nele incluídos foram, em consonância com as recomendações que fazem finca-pé no seu maior grau de objectivabilidade (*vid.* apartado 3), unicamente de tipo externo. Deste jeito, os critérios tidos em conta foram os seguintes:

- Modo: em relação com este critério, os textos seleccionados foram todos eles textos escritos.

- Línguas: o critério linguístico aqui manejado foi o da selecção, por um lado, de textos originalmente escritos em português e, por outro lado, de traduções destes mesmos textos escritas em espanhol.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 47

- Origem: neste caso o critério empregado foi o da selecção de textos escritos por autores/as nascidos/as nalguma das ex-colónias portuguesas em África –Cabo Verde, Moçambique, Angola, Guiné-Bissau ou São Tomé e Príncipe– e que, em consequência, são considerados/as como autores/as pertencentes ao campo literário da Literaturas Africanas de Língua Portuguesa.

- Participação: em relação com este critério, ao serem seleccionados só textos escritos por um/a único/a autor/a, ficaram excluídas todo o tipo de antologias ou compilações de textos escritos por mais de uma pessoa.

- Estilo: seguindo a classificação tradicionalmente aceite no âmbito da Linguística de Corpus, os textos seleccionados foram unicamente textos escritos em prosa.

- Género: tendo-se escolhido unicamente textos escritos em prosa, foram, dentro deste critério, seleccionados unicamente romances e livros de contos escritos.

- Status do texto: dois tipos de textos foram seleccionados segundo este critério: textos originais e traduções.

- Ligação entre línguas: ao escolhermos para a compilação deste corpus originais numa língua e traduções destes noutra língua, o formato de ligação das línguas, desta maneira, atingido é o alinhamento em pares.

- Status da(s) língua(s): as línguas escolhidas, segundo este critério, foram associadas a um único tipo de texto. Desta maneira, enquanto os textos escritos em português são sempre originais, os textos escritos em espanhol são sempre traduções.

Contudo, tendo em conta a experiência acumulada durante o processo de construção deste corpus, caberia ainda indicar que na prática, devido às possibilidades reais de acesso aos textos, teve de ser aplicado, em última instância, um outro critério de selecção: o de disponibilidade. Este critério, relevante na compilação de corpora monolingues, torna-se no caso da compilação dos corpora paralelos duplamente importante, porque os/as compiladores/as hão-de dispor ao mesmo tempo de, no mínimo, duas versões de um mesmo texto escritas em diferentes línguas.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 48

5.1.2. Corpus delineado

O corpus desenhado segundo estes critérios, conhecido como Corpus Paralelo PALOP (português-espanhol) de Narrativa Pós-colonial (PALOP-PENP), é, pois, um corpus paralelo, unidireccionalmente alinhado, de textos narrativos (romances e livros de contos) originalmente escritos em português por um/a único/a autor/a filiado/a ao âmbito das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e as suas traduções para espanhol.

5.2. Composição e tamanho do corpus

Partindo, pois, do desenho realizado mediante a aplicação dos acima referidos critérios de selecção, dos vinte e um pares de textos susceptíveis de serem incluídos no corpus (*vid.* Apêndice 1), este conta na actualidade com os sete seguintes:

(TABELA 2)

Autor	Português	Espanhol
Almeida, G.	(2001). *O Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araújo*. 4ª edição. Lisboa: Ed. Caminho.	(2000). *El testamento del Señor Napumoceno da Silva Araújo*. Barcelona: Ediciones del Bronce. Tradução de Jordi Cerdà.
Lopes, B.	(1961). *Chiquinho*. 2ª edição. Lisboa: PRELO, Sociedade Gráfica Editorial, Lda..	(2003). *Chiquinho*. Barcelona: ElCobre Ediciones. Tradução de Lluís Agustí y Pere Comellas.
Couto, M.	(2000). *O último voo do flamingo*. 2ª edição. Lisboa: Editorial Caminho.	(2002). *El último vuelo del flamenco*. Madrid: Santillana Ediciones Generales. Tradução de Mario Merlino.
Couto, M.	(1999). *Terra Sonâmbula*. 5.ª Edição. Lisboa: Editorial Caminho.	(2002). *Tierra sonámbula*. Madrid: Suma de Letras. Tradução de Eduardo Naval.
Couto, M.	(1995). *Vozes Anoitecidas. Contos*. 3.ª edição. Lisboa: Editorial Caminho.	(2001). *Voces anochecidas*. Tafalla: Txalaparta. Tradução de Andrés Salter Iglesias.
Pepetela	(1997). *Parábola do cágado velho*. 2ª Edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote.	(1999). *Parábola de la vieja tortuga*. Madrid: Alianza editorial. Tradução de Basilio Losada
Rui, M.	(1999). *Quem me dera ser onda*. 5ª Edição. Lisboa: Edições Cotovia.	(2000). *Si pudiera ser una ola*. Barcelona: Seix Barral. Tradução de Isabel Soler.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 49

O número total de palavras contidas nestes sete alinhamentos é de 566.590, das quais 274.341 pertencem aos textos escritos em português e 292.249 aos textos escritos em espanhol.

5.3. Representatividade e amostragem do corpus

Tendo-se por objectivo a construção de um corpus paralelo de textos narrativos originalmente procedentes das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e as suas traduções para espanhol, a representatividade actualmente alcançada pelo corpus PALOP-PENP, ao não se pretender, mediante ele, representar por completo nenhum dialecto ou língua concreta, mas um tipo determinado de textos, terá necessariamente de ser medida em relação com o número total de textos que cumpram os critérios de selecção previamente delimitados. Desta maneira, se o número total de alinhamentos susceptíveis de serem incluídos no corpus é de 21 e se o número total de alinhamentos actualmente incluídos é de 7, pode-se afirmar que o grau de representatividade alcançado é de 30%.

No que diz respeito à amostragem, indique-se que, sendo, precisamente, a pretensão a representação de um tipo textos narrativos procedentes das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e as suas traduções para espanhol, cada um dos textos inseridos é uma unidade inteira, isto é, corresponde-se com o corpo íntegro do texto das obras publicadas em formato livro de papel, o que não significa que tenham sido incluídos todos e cada um dos elementos presentes em cada livro. Neste sentido, enquanto, por um lado, foram incluídos os glossários, as dedicatórias, as notas de rodapé dos originais e as notas de tradução, ficaram, por outro, excluídos as notas biográficas, os direitos de copyright, os prefácios, as introduções, os índices, assim como outro tipo de elementos cuja função era anunciar outros títulos já publicados ou de próxima publicação.

5.4. Direitos de copyright

Tanto internacionalmente como nacionalmente quase qualquer tipo de texto está protegido por toda uma série de direitos de *copyright* que dizem respeito à sua aquisição, edição, manipulação e exploração. Se, por um lado, na aquisição de textos orais procedentes de pessoas individuais a lei não costuma obrigar mais do que à petição directa de permissão às pessoas a partir das quais se pretendam obter as colecções de dados necessários para uma determinada investigação, para a

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 50

compilação de textos escritos para os quais o seu *copyright* não tenha expirado e de textos orais procedentes doutro tipo de fontes, «compilers must seek and gain the permission of authors and publishers who hold copyright for a work» (Olohan, 2004: 76). Desta maneira, nas petições de permissões deverão, necessariamente, de estar indicados os seguintes aspectos: o propósito da compilação e uso dos textos do corpus, o tipo de pessoas que terão acesso aos textos do corpus e, por último, o seu grau de acessibilidade (*cfr*. *íbid*.: 51).

Apesar, porém, da apriorística imposição legal a que, em princípio, se devem ater tanto os investigadores por conta própria como os integrados em projectos de investigação, a verdade é que a legislação vigente em diversos países do mundo não está completamente clara. No Reino Unido, por exemplo, a lei diz que "copyright is infringed where either the whole or a 'substancial part' of a work is used without permission, unless the copyright falls within the scope of one of the copyright exceptions" (website da Copyright Licensing Agency *apud ibid*.: 50). Quais são, então, estas excepções? Em princípio, os usos privados e/ou educativos de corpora, mercê do seu *status* legal, são actividades que não hão de se ater aos direitos de copyright vigentes para os diferentes tipos de textos. Apesar desta excepcionabilidade teórica, na prática estes usos não estão totalmente isentos de limitações, pois, de facto, dados os importantes interesses económicos em causa nesta questão, a este tipo de usos é-lhe aplicado o internacionalmente conhecido como 'fair dealing'. «So it is probably within the scope of the above fair dealing exception to make single photocopies of short extracts of a copyright work for the purposes of research or private study» (*ibid*.).

Como pode ser induzido, a limitação está, pois, no facto de que só podem ser empregadas partes substanciais ou pequenos extractos dos textos e, portanto, o uso de textos completos precisa do beneplácito do(s) possuidor(es) dos direitos de copyright. Do meu ponto de vista, estas limitações são muito pouco precisas e levantam, quando menos, várias questões: quando constitui um extracto uma parte substancial de um texto? Estar-se-ia usando um texto completo se se omitissem, num corpus, certas partes de um livro, como, por exemplo, o índice, o prólogo, etc.? Por outro lado, se a questão do copyright se torna obscura e complicada no nível legal, à hora de realmente solicitar as permissões aos possuidores de um texto a situação torna-se labiríntica:

> The process is sometimes slow and tedious. It is not always clear who holds copyright; publishers are sometimes taken over by other

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 51

> companies; authors of articles sometimes prove difficult to trace; some works which are no longer subject to copyright in a particular edition are not free to be published in another. (Kennedy, 1998: 77)

Se se tratar de corpora paralelos de textos-fonte e textos-alvo, além dos direitos de *copyright* dos autores e dos editores dos textos originais haverão também de se ter em conta os dos tradutores e os dos editores dos textos traduzidos. Desta maneira, a questão torna-se, então, potencialmente mais problemática. Assim, por um lado, «Baker predicted a defensiveness on the part of translators, who, she believed, will be reluctant to provide translations, suspecting that their translations, and they themselves, might be subject to criticism» (Olohan, 2004: 51). Por outro lado, da parte editorial «it may well be possible to obtain permission to use the source text but not the translation, or vice versa» (*ibid.*).

Tendo, finalmente, em conta que as petições de permissões a multinacionais e grandes editoras são frequentemente desconsideradas (*cfr. ibid.*) e que, habitualmente, para o uso de muitos textos, dentro do mundo editorial mundial, há de se pagar um cânon para obter uma versão electrónica legal, embora não se tenha por objectivo a sua exploração comercial, a questão do *copyright* faz com que muitos investigadores individuais e alguns projectos de investigação que não podem contar com a infraestrutura necessária para, por um lado, levar a cabo este tipo de tarefas nem com o dinheiro suficiente para, por outro, pagar os direitos de uso de diferentes textos, se vejam obrigados a arriscarem-se a construir corpora sem a garantia de que, com isso, não estejam a incorrer num delito.

No que a este corpus diz respeito, os textos nele incluídos são, como já foi indicado, textos literários para os quais existem direitos de copyright em vigor que proíbem a sua reprodução, registo ou transmissão mediante nenhum tipo de meio. Vejamos, como exemplo, os avisos legais incluídos na versão traduzida para espanhol de *O último voo do flamingo* de Mia Couto (2002: 6):

> Todos los derechos reservados. Esta publicación no puede ser reproducida, ni en todo ni en parte, ni registrada en o transmitida por, un sistema de recuperación de información, en ninguna forma ni por ningún medio, sea mecánico, fotoquímico, electrónico, magnético, electroóptico, por fotocopia, o cualquier otro, sin el permiso previo por escrito de la editorial.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 52

Contudo, embora estes direitos estejam na actualidade vigentes para todos e cada um dos textos incluídos neste corpus, não foi, dentro do âmbito deste trabalho de investigação, solicitada nenhuma permissão nem aos/às autores/as, nem às editoriais nem, no caso dos textos traduzidos, aos/às tradutores/as. A razão é que, tal e como já foi referido, os direitos de copyright são uma questão legal cheia de lacunas de cujo cumprimento ficam, em princípio, isentos usos privados ou com fins educativos sem nenhum tipo, portanto, de ânimo de lucro. Deste ponto de vista, o emprego que neste trabalho de investigação se faz dos textos incluídos no corpus pode ser considerado um uso privado, neste caso para investigação, sem ânimo de lucro.

Por outro lado, apesar da sua excepcionabilidade, este tipo de usos está, mesmo assim, sujeito a limitações impostas pelo já citado *fair dealing*. Deste jeito, mesmo nestes casos, legalmente só é permitido o emprego de pequenos trechos ou extractos que em nenhum caso constituam uma parte substancial do texto. Sem uma definição mais pormenorizada, a interpretação a respeito do que constitui uma parte substancial é, quando menos, complicada. De qualquer modo, como acima foi referido, os textos incluídos neste corpus não incluem as notas biográficas, os direitos de copyright, os prefácios, as introduções nem os índices.

Contudo, um último e importante esclarecimento tem de ser feito, já que, estando o corpus publicado na Internet (*vid.* apartado 7.10.) e sendo, pois, acessível via web para a realização de consultas, a gravidade dos prejuízos que poderiam ser causados e, portanto, dos delitos que, mediante este tipo de práticas, poderiam ser cometidos é considerável. Deste jeito, com o intuito de evitar potenciais acções legais, o corpus está de tal forma publicado que o número de frases devolvidas após uma consulta não constituam nunca a obra completa, senão que o sistema está limitado na sua versão pública a 150 frases.

5.5. Hardware e software

Por um lado, o hardware empregado para a captura, armazenagem e processamento dos textos seleccionados para serem incluídos neste corpus foi seguinte:

- Modelo de computador: Dell Inspiron 1150
- Processador: Intel ® Celeron ® 2.4 GHz
- Memória RAM: 256 MB

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 53

- Scanner: BENQ 5250C (1200 dpi / 48-bit) com conexão USB 2.0
- Espaço empregado no disco rígido: 8.46 MB (os textos em formato documento de Word (.doc) sem nenhum tipo de anotação) e 10,7 MB (os textos em formato TMX com a informação anotada acerca do seu alinhamento e dos fenómenos tradutivos presentes).

Por outro lado, para podermos realizar uma exposição detalhada dos programas necessários para a construção de um corpus das características do PALOP-PENP, convirá que distingamos dentro do próprio software empregado diferentes níveis:

- Sistema operativo: Microsoft Windows XP e Ubuntu-LINUX 5.04
- Captura dos textos: MiraScan 6 (5250C) e ABBY FineReader 5.0 Sprint (ORC software)
- Armazenagem e correcção ortográfica: Microsoft Office Word 2003 (SP1) e OpenOffice.org 1.1.3
- Alinhamento: TRANS Suite 2000 Align 1.4.2
- Edição de ficheiros TMX: XMLSpy 5.3 (Enterprise Edition)

5.6. Captura dos textos

Ao não ter sido solicitado nenhum tipo de permissão de emprego dos textos incluídos neste corpus, o acesso a versões já digitalizadas dos textos foi totalmente impossível e, por isso, foi imprescindível levar a cabo um processo de captura dos textos em formato papel, para o que a metodologia seleccionada, dados, por um lado, o elevado número de obras escolhidas para serem incluídas neste corpus e, por outro, as dimensões da sua amostragem, foi a digitalização mediante scanner.

O programa ABBY FineReader 5.0 Sprint é o software de reconhecimento óptico de caracteres proporcionado pela empresa BENQ com o seu scanner BENQ 5250C. Este programa, versão *share*, ou seja, versão gratuita e reduzida da versão comercial, permite, porém, o reconhecimento através de uma prévia digitalização mediante o *software* de escaneamento MiraScan 6 (5250C), dos caracteres de textos de muito diversas línguas, entre as quais castelhano e português. A vantagem deste software é que, além de páginas individuais, possibilita, naqueles livros cujo tamanho se ajusta às dimensões do scanner, a digitalização de duas páginas ao mesmo tempo. Desta maneira, aqueles livros que ultrapassavam as dimensões do scanner tiveram de ser digitalizados

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 54

página a página, o qual reduziu à metade a velocidade de escaneamento dos textos.

O processo de captura dos 14 textos incluídos neste corpus não esteve isento de problemas, como já foi indicado no apartado 4.3., dadas as limitações que esta metodologia tem associadas. Assim, além dos erros de reconhecimento já indicados naquele apartado ('d' por *cl*, 'm' por *in*, *ni* ou *ir* ou 'c' por *e*, entre outros), foram identificados outros erros próprios das línguas envolvidas neste processo de captura. No caso do português foram sistematicamente cometidos erros de reconhecimento relacionados, por um lado, com a acentuação gráfica como, por exemplo, 'ã' por *á* ou 'ê' por *é*, e, por outro, com os sinais de pontuação como, por exemplo, '.' por ',' ou ',,,' por '…'. No caso do espanhol os erros sistematicamente cometidos tinham a ver, por um lado, com a manutenção, na versão traduzida, da acentuação do português e, por outro, com os sinais de pontuação das orações interrogativas e exclamativas, cujas marcas iniciais eram sistematicamente omitidas pelo programa de OCR.

5.7. Armazenagem e correcção ortográfica dos textos

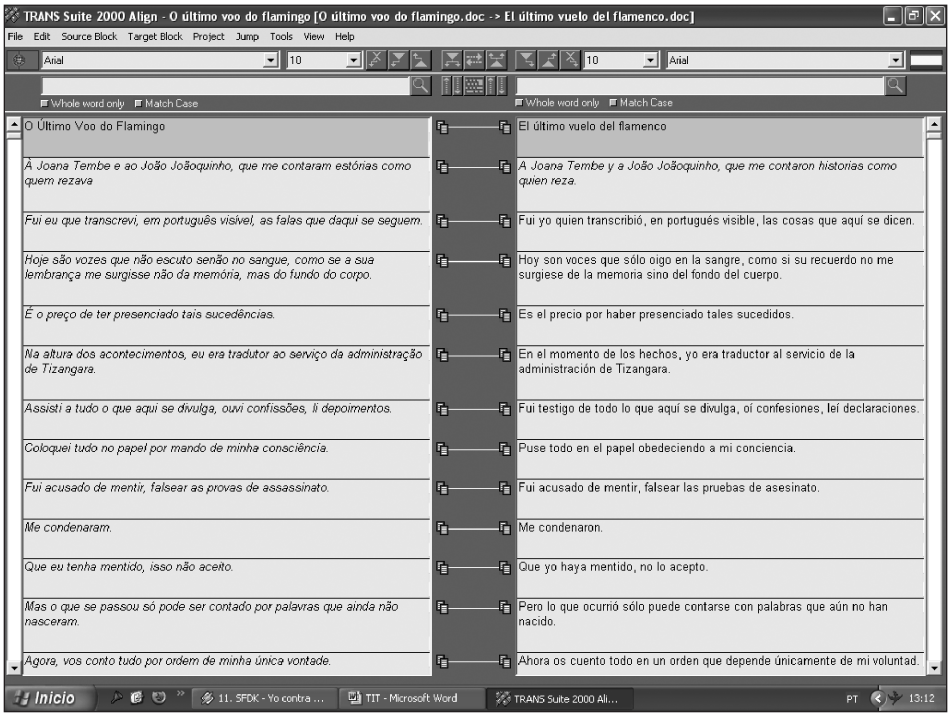
Uma vez digitalizados e reconhecidos opticamente, os textos foram subsequentemente armazenados em formato documento de texto (.doc) mediante o software específico de processamento de textos: Microsoft Office Word 2003 (SP1) e OpenOffice.org 1.1.3. Como, além de erros sistemáticos, outros erros circunstancialmente cometidos eram contidos pelos textos escritos em qualquer das duas línguas, estes tiveram de ser submetidos a um processo de correcção para o qual foram empregadas técnicas de busca e substituição e de correcção ortográfica automatizada. Apesar das vantagens que este tipo de técnicas trazem consigo, o processo de correcção, levado a cabo mediante os módulos de verificação ortográfica incluídos nos programas de processamento de textos, tem, de igual maneira, associada uma certa margem de erro determinada pela impossibilidade de identificação de erros de reconhecimento em palavras que os sistemas reconhecem como correctas. Deste jeito, uma palavra como *lá* em português que o software de OCR reconheceu como *lã*, não pode ser identificada pelos módulos de verificação ortográfica já que ambas são palavras existentes no seu dicionário. Assim, na prática a correcção ortográfica teve de ser também realizada através da leitura dos textos durante o processo de alinhamento dos mesmos.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 55

5.8. Alinhamento dos textos

O processo de alinhamento dos textos, desenvolvido entre os meses de Março e Maio de 2005, foi levado a cabo mediante o programa TRANS Suite 2000 Align 1.4.2, versão *share* da versão comercial da falida empresa Cypresoft. Este programa, que emprega para a segmentação em frases pontos de ancoragem baseados nos sinais de pontuação, permite o alinhamento automático ou manual dos pares de textos escolhidos. Vejamos um exemplo:

(FIGURA 1)



Tal e como anteriormente foi indicado, o alinhamento automático dos textos leva associada uma certa margem de erro porque em muitos casos a correspondência entre unidades de tradução não é 1:1, mas n:1 ou 1:n. Desta maneira, para a criação dos alinhamentos a metodologia escolhida neste trabalho esteve baseada na combinação da técnica de segmentação em frases mediante pontos de ancoragem com a técnica de edição e alinhamento manual dos segmentos.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 56

Além disso, frente à metodologia puramente automatizada, o alinhamento manual dos pares de textos foi preferido porque, dada a sua natureza mediadora, o processo de tradução leva implícitos, sobretudo no caso de textos literários, certos fenómenos tradutológicos considerados necessários pelos/as tradutores/as humanos/as para a representação numa língua e cultura diferente do sentido dos textos originais. Neste trabalho, seguindo as directrizes marcadas nos corpus paralelos do CLUVI construídos pelo Seminario de Linguística Informática da Universidade de Vigo (*cfr*. Gómez & Sacau, 2004: 2-5), os fenómenos tradutológicos considerados de interesse para a sua marcação manual foram os seguintes:

(i) Omissão: na omissão há uma parte do texto de partida que não tem correspondência no texto de chegada, isto é, uma frase ou uma parte de uma frase não é traduzida.

(ii) Adição: a adição implica a inserção de fragmentos no texto de chegada que não têm correspondência no texto de partida.

(iii) Rearranjo: o rearranjo implica deslocamentos de frases inteiras, ou movimentos de fragmentos de frases do original a outras frases na tradução.

(iv) Glossários e notas de rodapé dos originais e das traduções[4]: os glossários e as notas de rodapé introduzem, em paralelo ao texto, informação complementar necessária para a compreensão do próprio texto.

5.9. Edição e anotação dos ficheiros TMX

Uma vez completamente alinhado e fenomenologicamente marcado cada par de textos, as memórias de tradução, exportadas mediante o programa TRANS Suite 2000 Align 1.4.2 para o formato TMX, foram editadas para a sua optimização com o programa XMLSpy 5.3 Enterprise Edition (versão completa), especificamente destinado ao processamento de ficheiros XML, que permite tanto a edição do texto como das etiquetas automaticamente criadas mediante a exportação.

Desta maneira, os ficheiros TMX, em que cada uma das memórias de tradução está armazenada, precisaram da anotação dos fenómenos

4. Não aparecendo estes fenómenos originalmente delimitados no artigo que serve de base para esta classificação, neste trabalho considerou-se de interesse a conservação tanto dos glossários e notas de rodapé dos originais (embora não constituam fenómenos tradutológicos em si próprios) como dos glossários e as notas de tradução dos textos traduzidos.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 57

tradutológicos previamente identificados e marcados na anterior etapa de alinhamento manual dos pares de textos.

a) Omissão:

A omissão, fazendo uso da etiqueta **<hi>**, fechada com **</hi>**, cuja função é ressaltar porções de texto para algum fim específico, delimitado mediante o atributo **type**, foi codificada da seguinte maneira: **<hi type=”supr”>** … **</hi>**, onde “supr” significa ‘omissão’. Vejamos um exemplo:

```
<tuv lang=»PT-PT»>
    <seg>
        <hi type=»supr»>Mamãe velha brigava sempre:</hi>
    </seg>
</tuv>
<tuv lang=»ES»>
    <seg/>
</tuv>
```

b) Adição:

Fazendo uso igualmente da etiqueta **<hi>**, a adição foi codificada do seguinte jeito: **<hi type=”incl”>** … **</hi>** onde “incl” significa ‘adição’. Vejamos um exemplo:

```
<tuv lang=»PT-PT»>
        <seg>Comeram, se deitaram com umas raparigas, dormiram, levaram um cabrito de Mande como multa de qualquer falta incompreensível, e arrastaram também o pobre Ufolo nas cordas.</seg>
</tuv>
<tuv lang=»ES»>
        <seg><hi type=»incl»>Mientras tanto,</hi> comieron, se acostaron con unas chicas, durmieron, se llevaron un cabrito de Mande como multa por alguna falta incomprensible, y arrastraron también al pobre Ufolo tirando de las cuerdas.
</seg>
</tuv>
```

c) Rearranjo:

O rearranjo é anotado mediante a combinação da etiqueta **<hi>**, à qual se lhe acrescenta o atributo x, com o elemento **<ph>**, que significa “Place Holder” e cuja função é indicar o ponto do texto ao qual originalmente pertence um elemento reordenado. Desta maneira, esta combinação resulta na seguinte anotação: **<hi type=”reord” x=”n”>**…**</hi>** …. **<ph**

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 58

x=”n”/>, onde n é um número associado para a marcação do ponto de origem do segmento reordenado. Vejamos um exemplo:

```
<tuv lang=»PT-PT»>
    <seg>— A Muari tem sempre razão — escarneceu Munakazi.— </seg>
</tuv>
<tuv lang=»ES»>
    <seg>—Muari tiene siempre razón. <hi type=»reord» x=»2»>—dijo
rabiosa Munakazi.</hi>
    </seg>
</tuv>
</tu>
<tu creationdate=»20050316T155130Z» creationid=»TS2!ALIGN» changeda-
te=»20050316T155130Z»>
<tuv lang=»PT-PT»>
    <seg>Fica então com a Muari.</seg>
</tuv>
<tuv lang=»ES»>
    <seg>Pues quédate con Muari <ph x=»2»/>
    </seg>
</tuv>
```

d) Glossários e notas de rodapé:

Tanto os glossários como as notas de rodapé receberam, no que ao seu *status* diz respeito, o mesmo tratamento ao considerarem-se versões diferentes do mesmo tipo de fenómeno tradutológico.

Desta maneira, os glossários e notas a pé de página dos textos originais, fazendo uso da etiqueta **<hi>**, foram codificados da seguinte maneira: **<hi type=”ndo”>**…**</hi>**, onde “ndo” significa ‘nota do original’. Vejamos alguns exemplos:

Exemplo 1 (glossário):

```
<tu creationdate=»20050417T171552Z» creationid=»TS2!ALIGN» changeda-
te=»20050417T171552Z»>
<tuv lang=»PT-PT»>
    <seg>
        <hi type=»ndo»>GLOSSÁRIO</hi>
    </seg>
</tuv>
<tuv lang=»ES»>
    <seg/>
</tuv>
</tu>
<tu creationdate=»20050417T171552Z» creationid=»TS2!ALIGN» changeda-
```

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 59


```
te=»20050417T171552Z»>
            <tuv lang=»PT-PT»>
                <seg>
                        <hi type=»ndo»>ALEMBAMENTO — Pagamento feito aos pais
da noiva (em língua Kimbundu).
        </hi>
                </seg>
            </tuv>
            <tuv lang=»ES»>
                <seg/>
            </tuv>
        </tu>
```

Exemplo 2 (nota de rodapé):

```
<tu creationdate=»20051004T133021Z» creationid=»TS2!ALIGN»
changedate=»20051004T133021Z»>
            <tuv lang=»PT-PT»>
                <seg>
                <hi type=»ndo»>(1) O Machimbombo: autocarro.</hi>
                </seg>
            </tuv>
            <tuv lang=»ES»>
                <seg/>
            </tuv>
        </tu>
```

Seguindo o mesmo modelo, os glossários e notas de tradução dos textos traduzidos foram codificados da seguinte maneira: **<hi type="ndt">…</hi>**, onde "ndt" significa 'nota da tradução'. Vejamos alguns exemplos:

Exemplo 1 (glossário):

```
<tu creationdate=»20050417T171552Z» creationid=»TS2!ALIGN»
changedate=»20050417T171552Z»>
            <tuv lang=»PT-PT»>
                <seg/>
            </tuv>
            <tuv lang=»ES»>
                <seg>
                    <hi type=»ndt»>Glosario</hi>
                </seg>
            </tuv>
        </tu>
<tu creationdate=»20050417T171552Z» creationid=»TS2!ALIGN» changeda-
te=»20050417T171552Z»>
```

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 60


```
            <tuv lang=»PT-PT»>
                <seg/>
            </tuv>
            <tuv lang=»ES»>
                <seg>
                        <hi type=»ndt»>Alembamento: Pago hecho a los padres
de la novia (en lengua kimbundu).</hi>
                </seg>
            </tuv>
        </tu>
```

Exemplo 2 (notas de rodapé da tradução):

```
    <tu creationdate=»20051004T133021Z» creationid=»TS2!ALIGN»
changedate=»20051004T133021Z»>
            <tuv lang=»PT-PT»>
                <seg/>
            </tuv>
            <tuv lang=»ES»>
                <seg>
                    <hi type=»ndt»>* Bandos: designación popular de bandidos
armados.</hi>
                </seg>
            </tuv>
    </tu>
```

5.10. Implementação via web: crescimento e retroalimentação

A última das etapas de construção e processamento de qualquer corpus para o qual se pretenda, por um lado, evitar o seu desaproveitamento e, por outro lado, possibilitar a optimização da sua aplicabilidade, consiste na sua implementação via web. Deste modo, se bem que seja que, tal e como assinala Diana Santos (*cfr.* 1999: 326), a implementação via web de um corpus não garante que este vá começar a ser imediatamente empregado por parte de potenciais investigadores/as, já que, além da sua publicação, é necessária uma reeducação que leve aqueles/as a uma mudança de hábitos de investigação, a mais iminente vantagem que este tipo de implementação oferece, ao contrário do que acontece na linguística de introspecção, é a possibilidade de avaliação, em relação a um padrão comum, deste tipo de ferramentas de análise, que, em definitivo, permita tornar mais objectivo o progresso na área das ciências humanas.

Além deste importante benefício, a disponibilização via web de corpora oferece diferentes vantagens em relação ao resto de elementos em causa no particular contexto comunicativo desenhado por este tipo

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 61

de implementação. Assim, por um lado, no que diz respeito ao meio de comunicação, isto é, à Internet, resulta claro que qualquer corpus obtém, mediante a sua divulgação via web, um valor acrescentado, já que, dado o impressionante ritmo de crescimento e vulgarização nas sociedades ocidentais, a Internet constitui na actualidade uma das mais poderosas ferramentas de divulgação do conhecimento.

Por outro lado, no que aos emissores se refere, isto é, às instituições possuidoras de um corpus, a sua implementação via web, dada a sua natureza centralizadora, brinda a importante vantagem de permitir a obtenção centralizada de *feedback*, mediante a qual, ao serem detectados os seus pontos fortes, fracos e/ou deficitários, podem ser efectuados de maneira unitária o processo de correcção das suas falhas, fazendo-o crescer, se fosse necessário, para equilibrá-lo, e, ao mesmo tempo, o processo de implementação de melhores ou mais novas funcionalidades, sem possibilitar, porém, o uso, por parte de vários usuários, de versões diferentes do corpus.

Por último, no que aos receptores diz respeito, ou seja, aos/às usuários/as do corpus, a implementação via web deste tipo de recursos traz também consigo importantes benefícios, já que, além de permitir desde o local de trabalho o acesso remoto a recursos localizados fisicamente longe, possibilita a minimização, em primeiro lugar, dos conhecimentos técnicos e, em segundo lugar, dos recursos tecnológicos (espaço de memória e requerimentos do sistema operativo) necessários para a armazenagem, tratamento e exploração deste tipo de materiais (*cfr*. *ibid*.: 331-332).

De qualquer jeito, a implementação via web de ferramentas de análise como, por exemplo, os corpora não está isenta de problemas. Assim, por um lado, no que diz respeito às questões legais derivadas da sujeição dos textos a direitos de copyright, acontece com frequência que, mercê ao exagerado medo à facilitação de um potencial aproveitamento lucrativo, os donos dos textos (as editoras, os jornais ou os/as autores/as, entre outros) "fazem questão em restringir o acesso, quer por sobrevalorização do produto (textos), quer por ignorância em relação ao que está, de facto, em causa" (ibid.: 329). Com o intuito de superar esta dificuldade, merece ser destacado, porém, que o tipo de implementação via web actualmente existente, baseado na filosofia cliente-servidor (client-server), está perfeitamente capacitado para a restrição, por parte das instituições possuidoras de uma determinada ferramenta, do seu acesso através da Internet. Deste jeito, os/as usuários/as de uma versão publicada na Internet podem ser facilmente impedidos de ter acesso ao corpus inteiro.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 62

Por outro lado, no que à partilha de recursos se refere, não resulta estranha, desde uma mentalidade um tanto egoísta, a afirmação, por parte das instituições possuidoras, de que a possessão de um determinado recurso, com que outras instituições não contam, redunda num benefício "para a renovação (ou obtenção) de financiamento" (*ibid.*: 330). Se isto poderia ser possível desde um ponto de vista empresarial, a partilha de recursos, no que à pura investigação diz respeito, é uma condição, desde o ponto de vista científico, indispensável para garantir um equitativo progresso da Humanidade. Neste sentido, para afiançar, no caso da investigação académica, hábitos colaborativos que conduzam à partilha deste tipo de recursos, as instituições públicas concessoras de partidas orçamentais deveriam, antes do que a criação de recursos para uso exclusivo, premiar todos aqueles esforços que visem a sua implementação via web, já que, tal e como foi indicado, a Internet é na actualidade uma das mais poderosas ferramentas de divulgação do conhecimento.

No que a este corpus diz respeito, indicar, por um lado, que tendo-se até agora alcançado uma representatividade do 30% nesta primeira versão do corpus PALOP-PENP, a intenção dentro deste projecto é que o corpus continue a crescer com a adição de novos alinhamentos de textos que cumpram os critérios acima referidos, até se conseguir uma representatividade de mais de 50%. Por outro lado, cabe também destacar que, sendo a actual versão do corpus consultável via web na secção do CLUVI do Seminario de Lingüística Informática da Universidade de Vigo (http://sli.uvigo.es/CLUVI/)[5], neste projecto previu-se que a retroalimentação fosse realizada mediante o sistema de buscas implementado no citado endereço web e o sistema de correio electrónico do Seminário de Lingüística Informática, no qual se centralizam os serviços da secção do CLUVI.

Alem disto, no que ao próprio sistema de buscas implementado via web diz respeito, vários aspectos têm ainda de ser ressaltados. Assim, por um lado, cabe indicar que o sistema implementado na secção do CLUVI do SLI, possibilitando a realização de buscas complexas mediante o emprego de diferentes símbolos de apoio –que podem ser consultados na sua página web–, está, contudo, especialmente desenhado para a obtenção unicamente de concordâncias entre pares de segmentos. Por outro lado, cumpre também apontar que este sistema de buscas é facilitado, em base à filosofia cliente-servidor, através de um servidor

5. Consultado por última vez a dia 30 de Dezembro de 2006.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 63

Apache montado num PC com sistema operativo Linux, que emprega, para as buscas, um formulário programado em PHP e que, finalmente, devolve um número do ocorrências inferior a 150 para não incorrer, como anteriormente foi indicado, na violação dos direitos de *copyright* dos textos.

5.11. Aplicabilidade do corpus

A aplicabilidade do corpus PALOP-PENP encontra, dada a natureza da sua actual versão, um campo no qual o seu emprego pode, do meu ponto de vista, ser considerado prioritário. Estou-me a referir ao da investigação, da didáctica e do exercício profissional da tradução humana.

A aplicabilidade deste tipo de corpus no campo da investigação, didáctica e exercício profissional da tradução humana está, do meu ponto de vista, totalmente justificada porque tanto a anotação fenomenológica codificada como a implementação do anteriormente citado sistema de buscas via web garantem a obtenção de resultados, independentemente da sua finalidade, úteis para os/as tradutores/as interessados/as neste tipo de textos específicos.

As principais dificuldades que podem ser encontradas à hora de traduzir textos das Literaturas Africanas em Língua Portuguesa a espanhol as principais dificuldades que poderão ser encontradas são: a presença da componente léxica das línguas autóctones de cada uma das regiões das ex-colónias portuguesas da África, a remissão constante para a oralidade e, especialmente no caso de Mia Couto, a invenção de palavras com o intuito de lhe dar mais expressividade aos textos.

Vejamos, então, algum exemplo de busca para podermos entender o tipo de resultados que, desta maneira, podem ser obtidos:

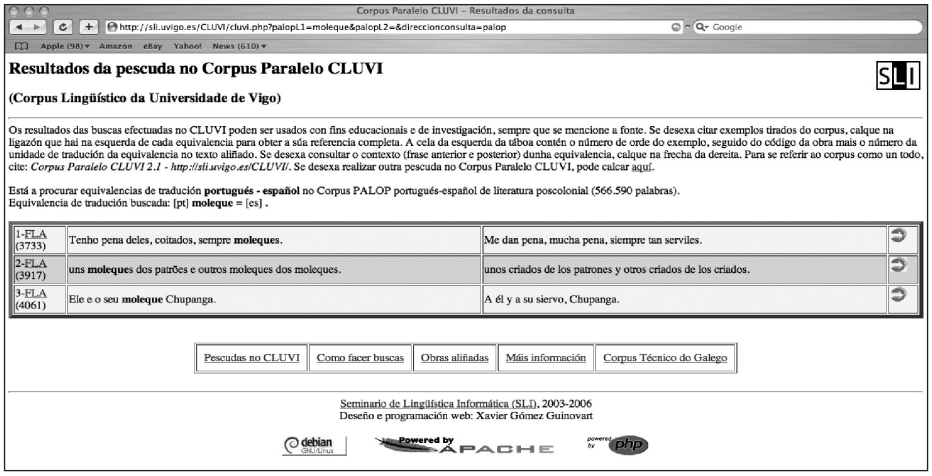
Componente léxica das línguas autóctones:

i) Texto da busca: *moleque*

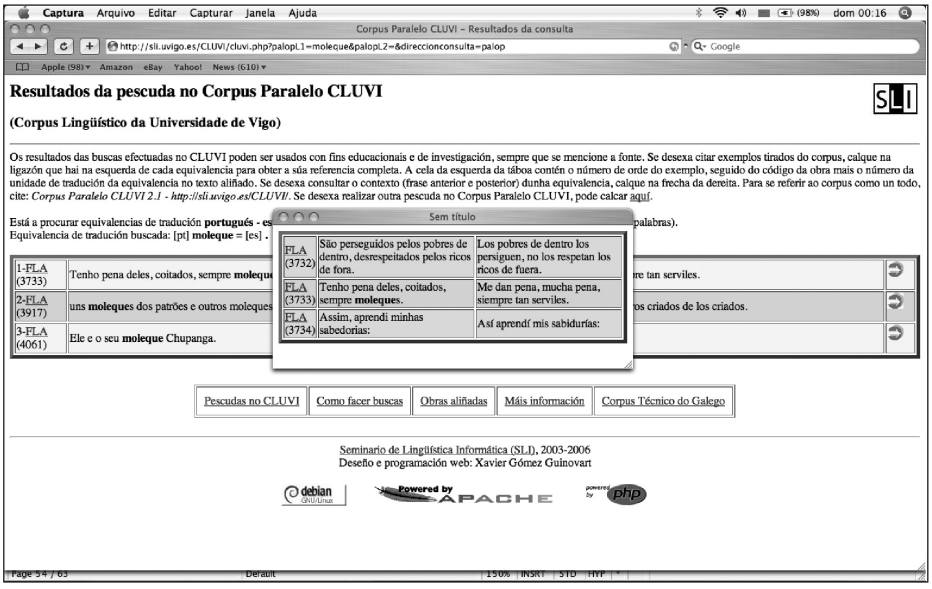
Como pode ser observado, este tipo de busca, que permite localizar uma sequência de palavras nalgum dos textos, devolve os segmentos em que a sequência foi localizada acompanhada da sua unidade de tradução. Além disso, se fizermos um clique nas setas localizadas à direita dos alinhamentos, podem ser também consultados, junto com o alinhamento em questão, os segmentos anterior e posterior:

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 64

(FIGURA 2)



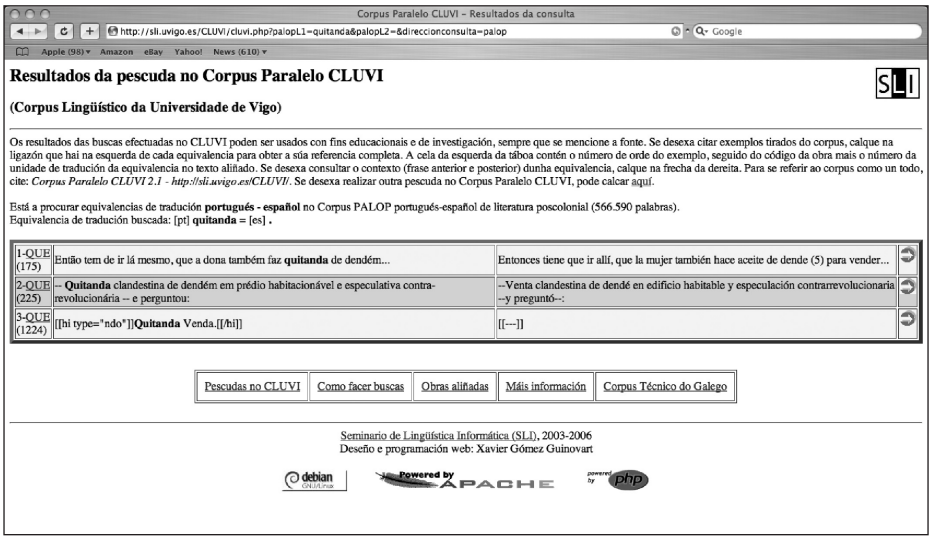
(FIGURA 3)



1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 65

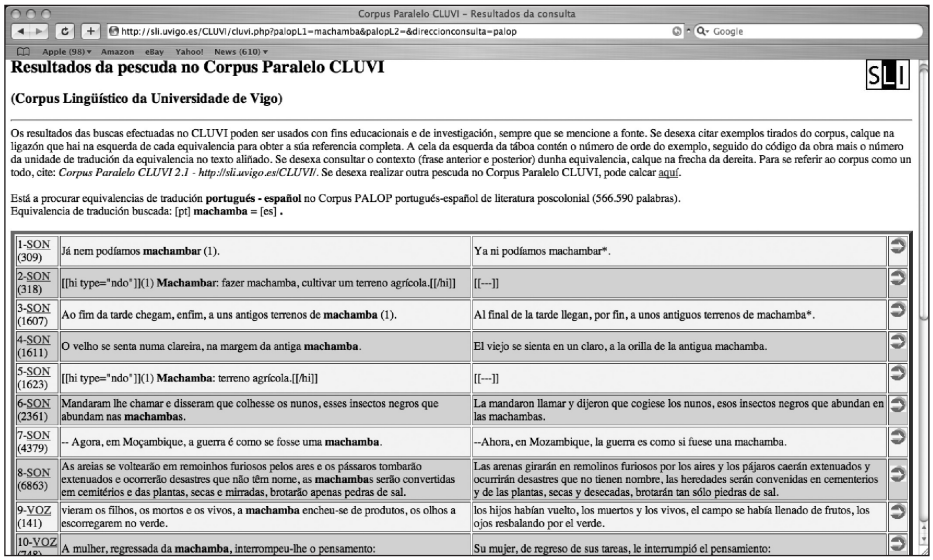
Texto de busca: *quitanda*

(FIGURA 4)



Texto de busca: *machamba*

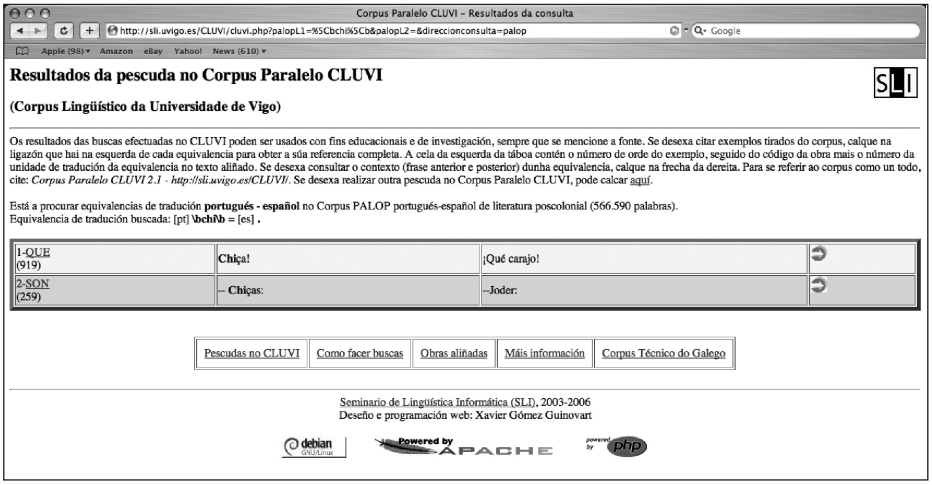
(FIGURA 5)



1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 66

Remissão para a oralidade:
Texto de busca: *chiça*

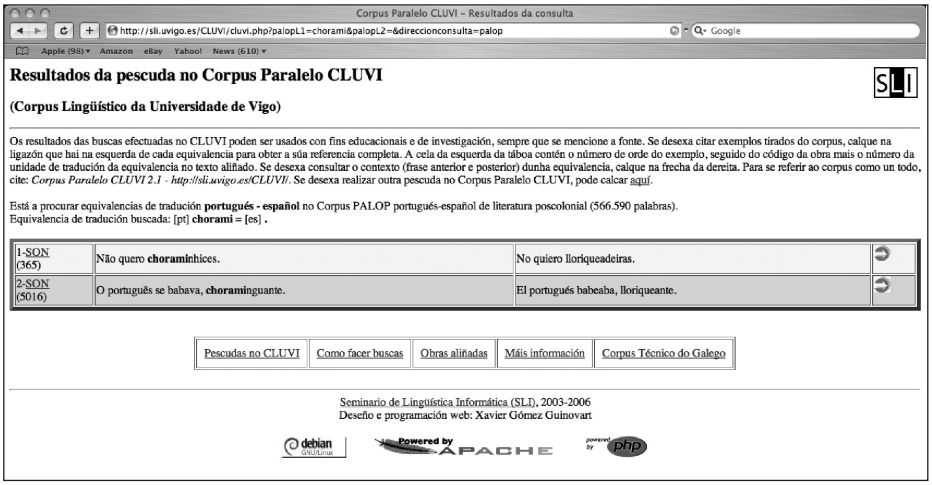
(FIGURA 6)



Invenção de palavras:

Texto de busca: *chorami**

(FIGURA 7)



1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 67

Para finalizar este apartado referido à aplicabilidade gostaria de acabar dizendo que, além da aplicabilidade que hoje em dia pode ser atingida neste campo, espera-se no futuro poder chegar a implementar nos ficheiros TMX, em que está armazenada cada memória de tradução, um tipo de cabeceira TEI que permita a realização de buscas por nome e nacionalidade do/a autor/a e/ou por obra.

6. Conclusões

Uma vez finalizada a exposição pormenorizada do processo de construção do corpus PALOP-PENP e das suas aplicabilidades, conscientemente delimitadas, proceder-se-á, para finalizarmos este trabalho, à realização, a modo de síntese, de um repasso das mais importantes questões que, para chegarmos a este ponto, necessariamente tiveram de ser discutidas.

Desta maneira, tal e como pôde ser comprovado ao longo deste trabalho, o papel central que na actualidade jogam, ou quando menos podem potencialmente jogar, os corpora no desenvolvimento da actividade investigadora, industrial ou laboral de muito diferentes tipos profissionais, contrasta, ao mesmo tempo, com a ainda vigente diversidade de perspectivas acerca do *status* da chamada Linguística de Corpus. Por isso, para uma correcta interpretação do trabalho desenvolvido dentro deste projecto foi necessário, antes de mais, levar a cabo um trabalho prévio de aclaração terminológica baseado na realização de um repasso das diversas metodologias que ao longo da história da Linguística foram empregadas, assim como dos mais importantes acontecimentos que tiveram lugar no seio das ciências e sociedades ocidentais e que, do meu ponto de vista, levaram de maneira unívoca para a consideração da actual Linguística de Corpus como a moderna e aperfeiçoada versão das diversas metodologias de base empírica que foram ensaiadas nalgum momento da história da Linguística. Os corpora, concebidos, desde este ponto de vista, como colecções representativas de dados linguísticos naturais que, pela sua natureza empírica, servem, independentemente do seu formato de armazenamento, para o estudo de fenómenos e usos concretos e reais das línguas, tiveram de superar, no seu processo de consolidação como ferramentas de análise linguística legítimas, uma longa fase de ostracismo, mercê às duras críticas vertidas por Chomsky desde a linguística generativa no que diz respeito à sua natureza empírica e à sua potencial representatividade. Neste sentido, se a consolidação de novas

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 68

disciplinas dentro da Linguística –como a Pragmática ou a Sociolinguística– permitiu o assentamento, no seio da própria Linguística, da ideia, frente às concepções estruturais ortodoxas derivadas da linguística saussureana, de que o estudo da *Parole* –isto é, dos usos linguísticos concretos– é necessário para a consecução de um completo conhecimento do funcionamento complexo das línguas naturais, a invenção e o rápido desenvolvimento dos computadores –que permitiram não só um mais sistemático e rápido processamento dos dados contidos nas colecções textos, senão a construção de imensos corpora– acabaram definitivamente por tornar inválidas às críticas relacionadas com a impossibilidade de chegar, mediante o emprego deste tipo de colecções, a qualquer tipo de grau de representatividade. Deste jeito, os corpora foram, nos últimos anos, ocupando posições cada vez mais centrais nas metodologias de investigação linguística, até se converterem na actualidade em ferramentas indispensáveis para o desempenho de muitas tarefas, anteriormente impensáveis, em muitas disciplinas linguísticas.

De qualquer jeito, tal e como já foi discutido, a construção e implementação de corpora de dados linguísticos –escritos ou orais– não estão, mesmo de um ponto de vista de pura investigação, isentos de complicações, já que a vigência de direitos de copyright, tanto para a maioria dos textos como para muito do software necessário para o seu tratamento, obriga à petição de permissões, em muitas ocasiões sujeitas a algum tipo de pagamento. De facto, dada a insuficiente dotação económica de muitos projectos de investigação, assim como as limitações aquisitivas de muitos/as investigadores/as por conta própria, as complicações derivadas dos direitos de copyright vêm, na maioria dos casos, da mão da impossibilidade de fazer frente às importantes somas de dinheiro que teriam de ser pagadas para não incorrer em nenhum tipo de delito. Contudo, a ambiguidade da legislação vigente em matéria de copyright, assim como o espectacularmente rápido desenvolvimento experimentado nos últimos anos no campo do software livre, conseguiram manter ainda abertas, na actualidade, multidão de portas para o emprego de corpora que com certeza não podem ser desaproveitadas.

Apesar de que, durante o desenvolvimento do processo de descrição da construção do corpus PALOP-PENP, a ampla e diversa aplicabilidade do conjunto de corpora descritos neste trabalho, limitou-se ao campo da Tradução Humana –nas suas modalidades investigadora, didáctica e profissional–, a aplicabilidade que o corpus PALOP-PENP pode

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 69

encontrar noutros campos não fica, por isso, nem muito menos reduzida. Deste jeito, o emprego, dentro da Linguística, de corpora multilingues pode perfeitamente encontrar, desde uma perspectiva teórica, aplicada ou didáctica, um lugar em campos tão diversos como a Sociolinguística, a Pragmática, a Análise do Discurso, a Lexicografia, a Dialectologia, a Linguística Contrastiva, a Linguística Geral ou, incluso, em âmbitos do PLN, como a Tradução Automática. Por outro lado, dado que o corpus está composto de textos literários pertencentes as Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, pode-se, assim mesmo, afirmar que fora da Linguística existem, igualmente, outros campos –como, por exemplo, a Teoria da Literatura ou os próprios estudos literários das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa– em que este corpus pode ser aplicado.

Portanto, tendo em conta que anteriormente não existia nenhum corpus paralelo (português-espanhol) especialmente dedicado ao campo das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, pode-se, a modo de conclusão, afirmar que o corpus PALOP-PENP representa, dado o seu carácter novidoso, uma interessante achega que enriquecerá não só o campo dos Estudos de Tradução, senão que, ao vir a ocupar um lugar anteriormente vazio dentro do mundo dos corpora, poderá resultar atractivo para muitos/as outros/as investigadores/as, entre os quais possivelmente se encontrem pessoas que nunca tinham empregado este tipo de recursos. Desde este ponto de vista, o corpus PALOP-PENP representa, pois, mais uma contribuição para a consolidação de metodologias baseadas na exploração de colecções de dados linguísticos empíricos.

Bibliografia

ABAITUA ODRIOZOLA, J.K. (2001). "Memorias de tradución en TMX compartidas por Internet". Em *Revista Tradumàtica*. 0 (http://www.bib.uab.es/pub/tradumatica/15787559n0a9abaitua.pdf).

ABAITUA ODRIOZOLA, J.K. (1997). "Traducción automática: Presente y futuro (1ª versión)". Em www.foreignword.com (http://www.foreignword.com/es/Technology/art/Abaitua/Abaitua_3.htm).

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 70

ABAITUA ODRIOZOLA, J.K. (2002). "Tratamiento de Corpora Bilingües". Em Mª.A. Martí & J. Llisterri (eds.). *Tratamiento del lenguaje natural*. Barcelona: Edicions Universitat de Barcelona. pp. 61-90.

ABAITUA ODRIOZOLA, J.K.; A. Casillas Rubio & R. Martínez Unanue (1997). "Segmentación de Corpus Paralelos para Memorias de Traducción". Em *Procesamiento del Lenguaje Natural*. 21. pp. 17-30 (http://www.sepln.org/revistaSEPLN/revista/21/21-Pag17.pdf).

AGENCIA Española del ISBN http://www.mcu.es/bases/spa/isbn/ISBN.html (1-10-2004).

AGUIRRE MORENO, J.L.; N. Andino Rodríguez & X. Gómez Guinovart (2001). "Aspectos ortográficos, léxicos y morfosintácticos del etiquetado lingüístico de un corpus de informática en lengua gallega". Em *Procesamiento del Lenguaje Natural*. 27. pp. 1-7. (http://www.sepln.org/revistaSEPLN/revista/27/27-articulo1. pdf).

AGUIRRE MORENO, J.L.; A., ÁLVAREZ LUGRÍS; I. BRAGADO TRIGO; L. CASTRO PENA; X. GÓMEZ GUINOVART; S. GONZÁLEZ LOPO; A. LÓPEZ LÓPEZ; J.R. PICHEL CAMPOS; E. SACAU FONTENLA & L. SANTOS SUÁREZ (2003). "Alinhamento e etiquetagem de corpora paralelos no CLUVI (Corpus Lingüístico da Universidade de Vigo)". Em J.J. ALMEIDA (ed.). *Actas do Worksohp CP3A 2003, Corpora Paralelos: Aplicações e Algoritmos Associados*. Braga: Universidade do Minho. (http://webs.uvigo.es/sli).

AIJMER, K. & B. Altemberg (eds.) (1991). *English Corpus Linguistics: studies in honour of Jan Svartvik*. London/New York: Longman.

ALLEN, J. (1995). *Natural Language Understanding*. Redwood City: Benjamin/Cummings.

ALMEIDA, J.J. (ed.) (2003). *Actas do Worksohp CP3A 2003, Corpora Paralelos: Aplicações e Algoritmos Associados*. Braga: Universidade do Minho.

ALONSO MARTÍN, J.A. (2003). "La traducción automática". Em Mª.A. Martí Antonín (cord.). *Las tecnologías del lenguaje*. Barcelona: Editorial UOC. cap. 4.

ÁLVAREZ LUGRÍS, A. (1996). "Informática e análise textual". Em X. Gómez Guinovart & A.M. Lorenzo Suárez (eds.). *Lingüística e informática*. Santiago de Compostela: Tórculo Edicións. pp. 87-152.

ÁLVAREZ LUGRÍS, A. (2001). "Creación e Explotación de Corpus Bilingües." em A.L. Soto Vázquez (ed.), B. Crespo & P. Cancelo López (eds. associados). *Insights into Translation*.Vol. III. A Coruña: Tórculo. pp. 185-201.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 71

AARTS, J. (1991). "Intuition-based and Observation-based Grammar". Em K. Aimer & B. Altemberg (eds.). *English Corpus Linguistics: studies in honour of Jan Svartvik.* London / New York: Longman.

ATKINS, S.; J. Clear & N. Ostler (1992). "Corpus Design Criteria". Em *Journal of the Association for Literary and Lingistic Computing*. 7:1. pp. 1-16.

BAKER, M. (1993). "Corpus Linguistics and Translation Studies. Implications and Applications" em M. Baker; G. Francis & E. Tognnini-Bonelli. *Text and Technology*. *In Honour of John Sinclair*. Philadelphia / Amsterdam: John Benjamins. pp. 232-250.

BAKER, M. (1995). "Corpora in Translation Studies: An Overview and Some Suggestions for Future Research". Em *Target*. 7:2. pp. 223-243.

BAKER, M. (1999). "The Role of Corpora in Investigating the Linguistic Behaviour of Professional Translators". Em *International Journal of Corpus Linguistics*. 4:2. pp. 281-298.

BAKER, M.; G. Francis & E. Tognnini-Bonelli (1993). *Text and Technology*. *In Honour of John Sinclair*. Philadelphia / Amsterdam: John Benjamins.

BEAUGRANDE, R. De. (1999). "Reconecting Real Language with Real Texts: Text Linguistics and Corpus Linguistics." em *International Journal of Corpus Linguistics*. 4: 2. pp. 243-259.

BEAUGRANDE, R. De; A. Shunbaq & M.H. Heliel (1994). *Language, Discourse and Translation in the West and Middle East*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.

BRIGHT, W. (ed.) (1990). *The Collected Works of Edward Sapir, V: American Indian Languages (1)*. Berlin: Mouton de Gruyter.

CARAVEDO, R. (1999). *Lingüística del corpus. Cuestiones teórico-metodológicas aplicadas al español*. Salamanca: Universidad de Salamanca.

ČERMÁK, F. (2002). "Today's corpus linguistics. Some open questions". Em *International Journal of Corpus Linguistics*. 7:2. pp. 265-282.

CHESTERMAN, A. & R. Arrojo (2000). "Shared Ground in Translation Studies". Em *Target*. 12:1. pp. 151-160.

CHOMSKY, N. (1962). palestra dada na University of Texas 1958, 3rd Texas Conference on Problems of Linguistic Analysis in English. Austin: University of Texas.

CHOMSKY, N. (1970). *Aspectos de la teoría de la sintaxis*. Madrid: Aguilar.

CHOMSKY, N. (1984). *Modular Approaches to the study of the Mind*. San Diego: San Diego University Press.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 72

CHURCH, K.W. & R.L. MERCER (1993). "Introducing to the Special Issue on Computational Linguistics Using Large Corpora". Em *Computational Linguistics*. 19:1. pp. 1-24.

CODESIDO GARCIA, A.I. (sem publicar). "Tecnologias de la lengua y Traducción: recursos y herramientas". Em M. Cal; P. Núñez & I. Palacios (eds.). *Aplicaciones de las nuevas tecnologías a la Lingüística, Traducción y Enseñanza de lenguas*. Santiago de Compostela: Univrsidade de Santiago de Compostela.

COPYRIGHT Licensing Agency em http://www.cla.co.uk (09-06-2005).

COSERIU, E. (1988). *Sincronía, Diacronía e Historia. El problema del cambio lingüístico*. 3ª edición. Madrid: Gredos.

DELISLE, J.; C. LEE-JAHNKE & M. CORMIER (1999). *Terminologie de la Traduction. Translation Terminology. Terminología de la Traducción. Terminologie der Übersetzung*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

DEROSE, S. (1999). "XML and the TEI" em *Computers and the Humanities*. 33:1-2. pp. 11-30.

DÍAZ LABRADOR, J.; I.J. TAQUET; F. QUINTANA HERNÁNDEZ; J. ABAITUA ODRIOZOLA; G. ARAOLAZA & G. BARRUTIETA ANDUIZA (2003) "Gestión de traducciones mediante metadatos TEI y XLIFF". apresentado em *CLiP 2003. Computers, Literature and Philology*. *Università degli Studi di Firenze, Florencia (Italia), 4 a 6 de diciembre de 2003*. (http://www.deli.deusto.es/AboutUs/Publications/CLIP_03_articulo.pdf).

DINI, L. & V. Di Tomaso (1998). "Corpus Linguistics for Application Development". Em *International Journal of Corpus Linguistics*. 3:2. pp.305-318.

DOORSLAER, L. van (1995). "Quantitative and Qualitative Aspects of Corpus Selection in Translation Studies" em *Target*. 7:2. pp. 245-260.

EAGLES Intering Report (1994). 2.1 "Corpus Typology, a Framework for Classification" (http://www/ilc/pi/cnr.it/EAGLES96/coprustyp/).

ESCANDELL VIDAL, M.V. (2002). *Introducción a la Pragmática*. Barcelona: Ariel.

EVEN-ZOHAR, I. (1990 [1972]). «Polysystem Theory». *Poetics Today*. 11:1. pp. 9-26 (http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/trabajos/ps-th_s.htm).

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 73

EVEN-ZOHAR, I. (1999 [1990]). «La posición de la literatura traducida en el polisistema literario». Em M. Iglesias Santos (org.). *Teoría de los Polisistemas*. Madrid: Arco/Libros. pp. 223-231. (http://www.tau.ac.il/~itamarez/works/papers/trabajos/poslit_es.htm).

FERREIRA, M. (1976). "A Literatura Africana de Expressão Portuguesa. Uma Literatura Ignorada". Em *Revista de la Universidad Complutense*. XXV:103. pp. 231-254.

FERNÁNDEZ CASAS, Mª. X. (2004). *Edward Sapir en la Lingüística actual. Líneas de continuidad en la historia de la Lingüística*. Anexo 54. *Verba, Anuário Galego de Filología*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.

FERNÁNDEZ PÉREZ, M. (1986). *La Investigación Lingüística desde la Filosofía de la Ciencia. (A propósito de la lingüística chomskiana)*. Anexo 28. *Verba, Anuário Galego de Filología*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.

FERNÁNDEZ PÉREZ, M. (1996). "El Campo de la Lingüística Aplicada. Introducción". Em M. Fernández Pérez (coord.). *Avances en Lingüística Aplicada*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela. pp. 11-45.

FERNÁNDEZ PÉREZ, M. (coord.) (1996). *Avances en Lingüística Aplicada*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.

FIRTH, J.R. (1957). *Papers in Linguistics 1934-1951*. Oxford: Oxford University Press.

FRANCIS, W. N. (1982). "Problems of assembling and computerizing large corpora". Em S. Johanson (ed.). *Computer corpora in English language research*. Bergen: Norwegian Computing Centre for the Humanities.

FRANCIS, W. N. (1992). "Language Corpora B.C." em Svartvik, J. *Directions in Corpus Linguistics. Proceedings of Nobel Symposium 82 Stockholm, 4-8 August 1991*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter. pp. 17-32.

FRIES, C.C. (1952). *The Structure of English: an introduction to the construction of English sentences*. New York: Harcourt, Brace & World.

GARSID, R.; G. LEECH & T. MCENERY (1997) *Corpus Annotation. Linguistic Information from Computer Text Corpora*. London/New York: Longman.

GAUSSIER, É.; D. HULL & S. AÏT-MOKHTAR (2000). "Term alignment in use". Em J. Véronis (ed.). *Parallel Text Processing*. Dordrecht/Boston/London: Kluver Academic Publishers. cap 13.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 74

GÓMEZ GUINOVART, X. & A.M. Lorenzo Suárez (eds.) (1996). *Lingüística e informática*. Santiago de Compostela: Tórculo Edicións.

GÓMEZ GUINOVART, X. & E. Sacau Fontenla (sem publicar). "Técnicas de procesamento linguístico-computacional de corpus paralelos no CLUVI (Corpus Linguístico da Universidade de Vigo) apresentado no *VI Congreso de Linguística General, Santiago de Compostela, 3-7 maio 2004*. (http://webs.uvigo.es/sli/).

GÓMEZ, J. (29-03-2005). "Una Guía al TMX (Translation Memory Exchange)" em http://sirio.deusto.es/abaitua/deli/xtrabi-e341.htm.

GREFENSTETTE, G. & F. Segond (1997). "Multilingual Natural Language Processing". Em *International Journal of Corpus Linguistics*. 2:1. pp. 153-162.

HALLEBEEK, J. (1999). "El Corpus paralelo". Em *Procesamiento del Lenguaje Natural*. 24. pp. 5-16. (http://www.sepln.org/revistaSEPLN/revista/24/24-articulo5.pdf).

HAUENSCHILD, C. & S. Heizmann (eds.) (1997). *Machine translation and translation theory*. Berlin: Mouton: University of Texas Press.

HILL, A.A. (ed.) (1962). *The Third Texas Conference on Problems of Linguistic Analysis in English*. Austin: University Texas Press

HJELMSLEV, L. (1969 [1943]). Prolegomena to a Theory of Language. Madison: University of Wisconsin Press.

HOCKEY, S. (1998). "Textual databases". Em J.M. Lawler & H.A. Dry (eds.). *Using Computers in Linguistics. A Practical Guide*. London/New York: Routledge. pp. 101-115.

HOARD, J. E. (1998). "Language understanding and the emerging alignment of linguistics and natural language processing". Em J.M. Lawler & H.A. Dry (eds.). *Using Computers in Linguistics. A Practical Guide*. London/New York: Routledge. pp. 197-201.

HUNTER, D. (2001). *Iniciación a XML*. Barcelona: IFORBOOK'S. cap 1.

HUTCHINS, W. J. (1992). "Why Computers do not Translate Better" em VV.AA. *Translating and the computer. A marriage of convenience?*. London: Aslib. pp. 3-17

HUTCHINS, W.J. (ed.) (1997). *Early years in Machine Translation. Memoirs and biographies of Pioneers*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

HUTCHINGS, W.J. & H.L. Somers (1995). *Introducción a la Traducción Automática*. Madrid: Visor.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 75

IGLESIAS SANTOS, M. (org.) (1999). *Teoría de los Polisistemas,* Madrid: Arco.

INSTITUTO ANTÓNIO HOUAISS (2001). *Dicionário Houaiss da Lingua portuguesa*. Versión (electrónica) 1.0. Editora objectiva: Rio de Janeiro.

JOHANSON, S. (ed.) (1982). *Computer corpora in English language research*. Bergen: Norwegian Computing Centre for the Humanities.

JONES, D. (1996). *Analogical Natural Language Processing*. London: University College London Press / Centre for Computational Linguistics.

KENNEDY, G. (1998). *An Introduction to Corpus Linguistics*. New York: Longman.

KOLLER, W. (1995). "The Concept of Equivalence and the Object of Translation Studies". Em *Target*. 7:2. Amsterdam: John Benjamins. pp. 191-222.

KRISTEVA, J. (1988). *História da Linguagem*. Lisboa: Edições 70.

LANGUAGE TECHNOLOGY (1987). "Rosetta. Rock-Aided-Translation" em Meer, J. van der (ed.). *Language Technology. The Magazine of the Language Industries*. 1. p. 11.

LANGUAGE TECHNOLOGY (1988). "Jean Gachot Resurrecting Systran". Em *Language Technology. The Magazine of the Language Industries*. 6. pp. 26-29.

LABOV, W. (1982 [1966]). *Social Stratification of English in New York City*. Washington D.C.: Center for Applied Linguistics.

LAWLER, J. M. & H.A. Dry (eds.) (1998). *Using Computers in Linguistics. A Practical Guide*. London / New York: Routledge. pp. 1-3.

LEECH, G. (1991). "The State of the Art in Corpus Linguistics." em K. Aijmer & B. Altemberg (eds.). *English Corpus Linguistics*, London / New York: Longman. pp. 8-29.

LEECH, G. (1992). "Corpora and theories of linguistic performance". Em J. Svartvik. *Directions in Corpus Linguistics. Proceedings of Nobel Symposium 82 Stockholm, 4-8 August 1991*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter. pp. 105-122.

LEECH, G. (1993). "Corpus annotation schemes". Em *Literary and Linguistic Computing*. 8:4. pp. 257-281.

LEECH, G. (1997). "Introducing Corpus Annotation". Em R. Garsid; G. Leech & T. McEnery. *Corpus Annotation. Linguistic Information from Computer Text Corpora*. London / New York: Longman. cap 1.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 76

LISA http://www.lisa.org.

MAHONEY, A. (2003). "Talking about Meter in SGML" em *Computers and the Humanities*. 37:4. pp. 469-473.

MALINOVSKI, B. (1935). *Coral Gardens and their Magic*. 2. London: Allen & Unwin.

MARRAFA, P. & M.A. Mota (org.) (1999). *Linguística Computacional. Investigação fundamental e aplicações. I Workshop sobre Linguística Computacional da APL, FLUL, Maio de 1998*. Lisboa: Edições Colibri / Associação Portuguesa de Linguística.

MARTÍ ANTONÍN, Mª.A. (cord.). (2003). *Las tecnologías del lenguaje*. Barcelona: Editorial UOC.

MARTÍ ANTONÍN, M.ªA. & J. Llisterri (eds.) (2002). *Tratamiento del lenguaje natural*. Barcelona: Edicions Universitat de Barcelona.

MARTÍN, R. (1999). *Alineación automática de corpus paralelos: una propuesta metodológica y su aplicación a un dominio de especialidad*. Tesis doutoral. Universidad de Deusto.

MATA, I. (1995). "A periferia da periferia. O estatuto periférico das literaturas Africanas de Língua Portguesa e a adupla perifericidade das literaturas são-tomense e guineense" em *Discursos*, 9. pp. 27-36.

MCENERY, T. (2003). "Corpus Linguistics" em R. Mitkov (ed.). *The Oxford Handbook of Computational Linguistics*. New York: Oxford University Press. cap. 24.

MCENERY, T. & A. Wilson (2001). *Corpus Linguistics. An Introduction (Second Edition)*. Edinburgh: Edinburgh University Press.

MELBY, A.K. (2000). "XML and the Translator" em *Translation Journal*. 4:2. (http://accurapid.com/journal/12xml.htm).

MITKOV, R. (ed.) (2003). *The Oxford Handbook of Computational Linguistics*. New York: Oxford University Press.

MORENO FERNÁNDEZ, F. (1990). "Lingüística Informática e Informática Linguística". Em *Lingüística Española Actual*. 12:1. pp. 5-16.

MORENO SANDOVAL, A. (1998). *Lingüística Computacional. Introducción a los modelos simbólicos, estadísticos y biológicos*. Madrid: Síntesis.

MOURE, T. & J. LLISTERRI (1996). "Lenguaje y nuevas tecnologías: El Campo de la Lingüística Computacional". Em M. Fernández Pérez (coord.). *Avances en Lingüística Aplicada*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela. pp. 147-227.

NAGAO, M. (1984). "A framework of a mechanical translation between Japanese and English by analogy principle". Em A. Elithorn & R.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 77

Banerji (eds.). *Artificial and Human Intelligence*. Brussels: NATO Publications.

NAGAO, M. (1989). *Machine Translation. How far can it go?*. New York: Oxford University Press.

NAGASHIMA, Y. (ed.) (1968). *Selected writings of Edward Sapir*. Tokio: Nan'un-do.

OCH, F.J. & H. Ney (2004). "The Alignment Template Approach to Statistical Machine Translation". Em *Computational Linguistics*. 30:4. pp. 417-449.

OLOHAN, M. (2004). *Introducing Corpora in Translation Studies*. Oxfordshire / New York: Routledge.

OLSEN, M. & A. Music McLean. (1993) "Optical Character Scanning: A Discusion of Effiency and Politics" em *Computers and the Humanities*, 27: 2. pp. 121-127.

PALMER, F.R (1968). *Selected Papers of J.R. Firth 1952-59*. London / Harlow: Longman.

POGSON, G. (1988). "Maghi King on Machine Translation". Em *Language Technology. The Magazine of the Language Industries*. 5. pp. 11-12.

P. RODRIGUES, J.H. (2000). *Introduçom à Lingüística com Corpora*. Ferrol / Santiago de Compostela: Artábria Fundaçom / Laiovento.

RABADÁN, R. & F.J. FERNÁNDEZ POLO (1996). "Linguística Aplicada a la Traducción". Em M. Fernández Pérez (coord.). *Avances en Lingüística Aplicada*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela. pp. 105-145.

RAFEL I FONTANALS, J. & J. SOLER I BOU (2003). "El procesamiento de corpus. La lingüística empírica". Em Mª.A. Martí Antonín (cord.). *Las tecnologías del lenguaje*. Barcelona: Editorial UOC. cap. 2.

RIERA, M. (ed.) (1992). *Quimera*. 112-114. p. 3.

RODRÍGUEZ PRADO, M. F. (2001). "Literaturas Africanas de Língua Portuguesa no Estado Espanhol: Uns poucos livros." em *Cadernos Vianenses*. 30. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo. pp. 81-92.

ROSSINI FAVRETTI, R. (2000) *Linguistica e Informatica. Corpora, Multimedialità e Percorsi di Apprendimento*. Roma: Bulzoni Editore.

SANTOS, D. (1999). "Disponibilização de corpora de texto através da WWW". Em P. Marrafa & M.A. Mota (org.). *Linguística Computacional. Investigação fundamental e aplicações. I Workshop sobre*

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 78

Linguística Computacional da APL, FLUL, Maio de 1998. Lisboa: Edições Colibri / Associação Portuguesa de Linguística. pp. 323-335.

SANTOS, D. (2000). "The translation network". Em J. Véronis (ed.). *Parallel Text Processing*. Dordrecht / Boston / London: Kluver Academic Publishers. cap 8.

SAPIR, E. (1929). "Central and North American languages" em W. Bright (ed.) (1990). *The Collected Works of Edward Sapir, V: American Indian Languages (1)*. Berlin: Mouton de Gruyter. pp. 95-104

SAPIR, E. (1933). "Language" em Nagashima, Y. (ed.) (1968). *Selected writings of Edward Sapir*. Tokio: Nan'un-do. pp. 42-93

SAUSSURE, F. de (1998). *Curso de Lingüística General*. Madrid: Alianza Editorial.

SDL Internacional e-nabling global business (15-03-2005). "Knowledge-based Translation". Em http://www.sdl.com/localization-information/white-papers-articles/premium-white-papers/premium-white-papers-knowledge-based-translation.htm.

SDL Internacional e-nabling global business (15-03-2005). "The Importance of TMX". Em http://www.sdl.com/localization-information/white-papers-articles/white-papers-list/white-papers-importance-of-tmx.htm.

SCHUETZ, J. (1987). "A computer Translation System for Authors". Em *Procesamiento del Lenguaje Natural*. 5. Monográfico sobre las III Jornadas de la SEPLN. pp. 93-97. (http://www.sepln.org/revistaSEPLN/revista/5/5-Pag93.pdf).

SIMÕES, A.; X. Gómez Guinovart & J.J. Almeida (2004). "Distributed Translation Memories implementation using WebServices". Em *Procesamiento del Lenguaje Natural*. 33. pp. 89-94. (http://193.144.40.227/search*gag/jprocesamiento+del+lenguaje+natural/jprocesamiento+del+lenguaje+natural/1%2C1%2C1%2CB/l856&FF=jprocesamiento+del+lenguaje+natural&1%2C0%2C%2C1%2C0).

SINCLAIR, J. (1991). *Corpus, Concordance, Collocation*. Oxford: Oxford University Press.

SINCLAIR, J. (2000). "Current Issues in Corpus Linguistics." em R. Rossini Favretti. *Linguistica e Informatica. Corpora, Multimedialità e Percorsi di Apprendimento*. Roma: Bulzoni Editore. pp. 29-38.

SLOCUM, J. (ed.) (1988). *Machine translation systems*. Cambridge: Cambridge University Press.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 79

SNELL-HORNBY, M. (1986). Übersetzungwissenschaft – eine Neuorientierung: Zur Integrierung von Theorie und Praxis. Tübingen: Narr. [Uni-Taschenbücher, 1415].

SOTO VÁZQUEZ, A. L. (ed.); B. CRESPO & P. CANCELO LÓPEZ. (eds. associados) (2001). *Insights into Translation*, Vol. III. A Coruña: Tórculo.

STODDARD, J. (1987). "My Computer Speaks to Me in Pidgin. Ruminations on Natural Language Interfaces" em *Language Technology. The Magazine of the Language Industries*. 4. p. 7.

STREITER, O. (2000). "Learning Lessons from Bilingual Corpora: Benefits for Machine Translation". Em *International Journal of Corpus Linguistics*. 5:2. pp. 199-230.

SVARTVIK, J. (1992). *Directions in Corpus Linguistics. Proceedings of Nobel Symposium 82 Stockholm, 4-8 August 1991*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter.

SVARTVIK, J. (1996). "Corpora are becoming mainstream" em J. Thomas & M. Short. *Using Corpora for Language Research. Studies in the Honour of Geoffrey Leech*. London / New York: Longman. pp. 3-13.

TEI Guidelines em http: / / www.tei-c.org.

THOMAS, J. & M. Short (1996). *Using Corpora for Language Research. Studies in the Honour of Geoffrey Leech*. London / New York: Longman.

TOGNINI-BONELI, E. (2001). *Corpus Linguistics at work*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.

VALERO GARCÉS, C.; D. Sale; B. Soto & M. El-Madkouri (2004). "Panorama de la Traducción de Literatura de Minorías en la España de Comienzos de Siglo: Literatura de la India, Literatura Árabe, Literatura Magrebí y Literatura de Países Africanos" em *Revista Electrónica de Estudios Filológicos* (http: / / www.um.es / tonosdigital / znum8 / estudios / 18-tradumin.htm).

VANHOUTTE, E. (2004) "An Introduction to the TEI and the Tei Consortium" em *Literary and Linguistic Computing. Journal of the Association for Literary and Linguistic Computing*. 19:1. pp. 9-16.

VÁRADI, T. & G. Kiss (2001). "Equivalence and Non-equivalence in Parallel Corpora". Em *International Journal of Corpus Linguistics*. 6 (Special Issue). pp. 167-177.

VÉRONIS, J. (2000). "From the Rosetta stone to the information society". Em J. Véronis (ed.). *Parallel Text Processing*. Dordrecht / Boston / London: Kluver Academic Publishers. cap 1.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 80

VÉRONIS, J. (ed.) (2000). *Parallel Text Processing*. Dordrecht / Boston / London: Kluver Academic Publishers.

VERSCHUEREN, J. (1987). "The pragmatic perspective". Em J. Verschueren & M. Bertucceli-Papi (eds.). *The pragmatic perspective: selected papers from the 1985 International Pragmatics Conference*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins. pp. 3-8.

VERSCHUEREN, J. & M. BERTUCCELI-PAPI (eds.) (1987). *The pragmatic perspective: selected papers from the 1985 International Pragmatics Conference*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.

VILLAYANDRE LLAMAZARES, M. (1997). "Lingüística Computacional: Heterogeneidad e Interdisciplinaridad" em *Interlingüística*. 7. pp. 259-265.

VUYST, J. de (1990). "Knowledge Representation for Text Interpretation". Em *Journal of the Association for Literary and Lingistic Computing*. 5:4. pp. 296-302.

VV.AA. (1992). *Translating and the computer. A marriage of convenience?*. London: Aslib.

WILS, W. (1994). "Translation as a Knowledge-Based Activity. Context, Culture and Cognition" em R. de Beaugrande; A. Shunbaq & M.H. Heliel. *Language, Discourse and Translation in the West and Middle East*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins. pp. 35-43.

WORLD WIDE WEB Consortium http: / / www.w3.org / .

ZARECHNAK, M. (1987). "Space Age and Machine Translation" em *Language Technology. The Magazine of the Language Industries*. 4. p. 6.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 81

AGÁLIA nº 89-90 / 1º SEMESTRE (2007): 081 - 100 / ISSN 1130-3557

"Como fala Gil Vicente...": Falares vicentinos na Dramaturgia brasileira (*)

Márcio Ricardo Coelho Muniz

(Universidade Estadual Feira de Santana)

Resumo:

Partindo do conceito de *Escola vicentina* estabelecido por Teófilo Braga, no séc. XIX, o presente texto investiga a presença da obra de Gil Vicente na dramaturgia brasileira, em especial, na dramaturgia nordestina, objeto de estudo do atual projeto de pesquisa do autor. Por meio do instrumental disponibilizado pelos estudos de Literatura Comparada, em particular os estudos das *fontes*, o texto demonstra e analisa a influência exercida pelos autos do dramaturgo português sobre a criação teatral da escritora paraibana Lourdes Ramalho, detendo-se na análise e interpretação de uma de suas peças: *O trovador encantado*. Busca-se demonstrar que o diálogo vivenciado pelos dois autores dá-se no nível dos sentidos e dos temas que abordam em suas obras, mas também alcançam as formas, a sintaxe dramática e a linguagem com a qual ambos caracterizam suas personagens. Conclui-se por algo já explicitado por Lourdes Ramalho em sua peça, qual seja, que a dramaturga paraibana *fala* a língua vicentina.

Palavras-chave:
Gil Vicente; Literatura comparada; Lourdes Ramalho; *O trovador encantado*; Teatro em língua portuguesa.

Abstract:

As far as the concept of Vicentin School established by Teófilo Braga, in century XIX, is concerned, this text herein investigates the presence of Gil Vicente´s pieces in Brazilian drama, mainly, in the Northeastern drama, the author´s current research project study object. This text demonstrates and analyzes the influence performed by the plays of the Portuguese drama writer about the theatrical works by Lourdes Ramalho, who´s originally from Paraíba, through the instrument turned available by the Compared Literature, in particular the studies of sources, focusing on the analysis and interpretation of one of her plays: *O trovador encantado*. Its aim is to show that the dialogue between the two authors takes place on the level of the meanings and themes which they talk about in their plays, but also they reach the shapes, the drama synthax and the language with which both mark their characters. We may conclude, through something already known, that Lourdes Ramalho, in her plays, speaks the Vicentin language.

Key words:
Gil Vicente; Compared Literature; Lourdes Ramalho; *O trovador encantado*; Theatre in portuguese.

1. Este texto apresenta resultados parciais do Projeto de Pesquisa *Presença do Teatro Ibérico da Dramaturgia Nordestina* – projeto financiado pelo Edital Universal/2006 – CNPq. O autor agradece o apoio recebido pelo CNPq.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 82

1.

Quando o poeta e crítico literário português Teófilo Braga, no séc. XIX, se dedicou aos estudos dos dramaturgos posteriores a Gil Vicente que lhe teriam acompanhado os passos, denominando-os a *Escola Vicentina*, não conseguiu incluir no rol de seguidores de Vicente muitos brasileiros (BRAGA, 1898). Refere-se somente aos jesuítas luso-brasileiros: José de Anchieta, Álvaro Lobo e Manoel da Nóbrega. Os dois primeiros merecem comentários de suas obras; o último é apenas referido (BRAGA, 1898, p. 328-336). A outro dramaturgo luso-brasileiro pertencente, hoje, aos cânones da literatura dos dois países, Antônio José da Silva, o Judeu, recebe de Braga apenas uma brevíssima referência, dando a entender que não o considera pertencente à *Escola Vicentina* (BRAGA, 1898, p. 465)[2]. Braga não conhecia nem poderia conhecer, à época, as obras, por exemplo, do dramaturgo novecentista brasileiro Qorpo-Santo, cuja obra só veio à luz na metade do séc. XX, nem provavelmente as de Martins Pena, nas quais reverbera o exercício teatral vicentino. Porém, como era de esperar-se, a situação mudou significativamente do XIX até os nossos dias. São maiores e mais especializados os estudos sobre a dramaturgia brasileira, e o desenvolvimento dos estudos de literatura comparada contribuiu muito para estabelecer relações e aproximações das obras de alguns de nossos dramaturgos aos *Autos* de Vicente. Desde Qorpo-Santo e Martins Pena até João Cabral de Melo Neto e Ariano Suassuna, para limitar-se aos mais canônicos, muitos são os trabalhos, acadêmicos ou não, a apontarem as influências ou as permanências da tradição teatral estabelecida por Gil Vicente em autores e obras do teatro brasileiro.

No limite deste texto, vou contornar essa história – já contada por muitos, inclusive, no que diz respeito a Qorpo-Santo, com minha colaboração (MUNIZ, 2005) – e me concentrar na vasta obra de uma dramaturga nossa contemporânea. Refiro-me a Maria de Lourdes Nunes Ramalho ou simplesmente a Lourdes Ramalho. Professora, poeta e dramaturga, Lourdes Ramalho descende de uma linhagem familiar que, segundo estudiosos, foi responsável pela introdução da cantoria de viola sertaneja no Brasil, que resultou na conhecida tradição dos repentes nordestinos[3]. Proveniente de uma família de intelectuais e artistas paraibanos, a autora deu continuidade à tradição familiar criando, ao

2. Esta perspectiva excludente se confirma quando consultamos o "Repertorio dos Autos e Farças do Theatro nacional" e a "Bibliographia chronologica dos Autos e Farças do Theatro nacional", ao fim da obra de Braga, e constatamos que Antônio José da Silva, o Judeu, e suas obras não são referidos (BRAGA, 1898, p. 555-576).

3. Cf. essas e outras informações no site da escritora: http://www.lourdesramalho.com.br/.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 83

longo de mais de 30 anos de criação, desde o meado da década de 1970, uma vasta e premiada obra, composta de aproximadamente 50 textos, em sua grande maioria teatro, adulto e infantil, e, também, poesia e estudos de genealogia. Ao lado de Leilah Assunção, Consuelo de Castro e Maria Adelaide Amaral, entre outras, Lourdes Ramalho parece já ter garantido seu nome entre as grandes autoras teatrais do séc. XX e início do XXI.

Quem lê com alguma atenção as peças de Lourdes Ramalho não tarda a perceber que por detrás ou paralelo às tradições populares do Nordeste – refletidas na linguagem das personagens, nos espaços e ambientes em que estas se movem, nos temas comuns ao imaginário e também à realidade nordestina, nos tipos de personagens que freqüentam seus enredos, na presença constante de danças, músicas e ritmos próprios da região de onde é originária – há uma outra forte tradição cultural e teatral habita a obra de nossa autora: a ibérica, em particular, as manifestações da literatura e do teatro medieval da Península Ibérica. Peças como *O romance do conquistador* (1990), *Reino de Preste João* (1994), *Charivari* (1997) ou *O trovador encantado* (1999), restringindo-se apenas a exemplos de seu teatro adulto, revelam em seus próprios títulos o diálogo com as formas, práticas e temas tradicionais da literatura medieval ibérica. Outras, como a sua antológica *As velhas* – a obra que lança, em 1975, o nome de Lourdes Ramalho no cenário teatral brasileiro –, parecem dialogar, como recentemente demonstrou a pesquisadora Valéria Andrade, com o universo teatral ibérico do séc. XX, especialmente com a obra de Frederico Garcia Lorca (ANDRADE, 2005). A própria dramaturga, é bom que se diga, lançou, em 2002, uma obra de cunho histórico-cultural em que investiga as *Raízes ibéricas, mouras e judaicas do Nordeste*, revelando ao público o que os estudiosos de sua obra já sabiam, ou seja, seu interesse pela pesquisa das raízes de nossa cultura (RAMALHO, 2002).

Neste universo literário e teatral ibérico, que Lourdes Ramalho admite ter exercido forte influência sobre sua criação, ocupa um lugar de destaque a obra de Gil Vicente. O dramaturgo português é textualmente nomeado e citado pela autora, seja em suas peças seja nas diversas entrevistas concedidas, nas quais comenta as influências e a presença do autor português em seu campo de referências. Além disso, enquanto simples leitor ou espectador é possível sentir, ver e ouvir reverberações das personagens, da linguagem, das estruturas de representação, de temas e, em alguns casos, de posicionamentos ideológicos da obra vicentina em muitas das peças de Lourdes Ramalho. Nesse sentido, a dramaturga pode ser apontada como pertencente à linhagem vicentina,

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 84

delineada por Teófilo Braga lá no já distante séc. XIX. Embora a noção de uma *Escola Vicentina* me pareça hoje um pouco ingênua – frente ao grande desenvolvimento dos estudos comparatistas, em particular com todo o questionamento a que foi submetido a crítica das fontes –, não se pode negar, e Lourdes Ramalho, ao contrário, faz questão de afirmar: o teatro de Vicente é, sim, fonte de inspiração criativa da autora paraibana.

De que modo se constrói esse diálogo? Que estruturas, formas e modos teatrais vicentinos são ou foram aproveitados por Lourdes Ramalho? Com que propósitos ela recorreu a esses estratagemas? Sugerir algumas hipóteses de respostas a essas e outras perguntas é o que pretendo com a leitura uma de suas peças: *O trovador encantado*.

2.

Publicada em livro em 1999 e levada aos palcos no ano seguinte, 2000, em Campina Grande, na Paraíba, a propósito da comemoração dos 500 anos de nosso *achamento*, a peça *O trovador encantado* ao mesmo tempo em que revela o desejo da autora em participar das atividades programadas para lembrar data tão simbólica para todos nós, aponta para o modo muito particular de Lourdes Ramalho se colocar artisticamente no mundo, ou seja, de forma engajada. A dramaturga rememora os 500 anos do Brasil, mas o faz por via da reflexão crítica sobre nosso passado. Não será, por exemplo, para as grandes personagens históricas de reis, senhores ou navegadores que irá dirigir sua atenção. Ao contrário, Lourdes Ramalho dará voz aos excluídos e aos silenciados pela história oficial. Suas personagens, em *O trovador encantado*, são as putas, as bruxas, os homossexuais e, particularmente, os judeus, travestidos em cristão-novos, enfim, os *indesejados* sociais. Todos eles liderados pela figura, também indesejada, mas revolucionariamente poética, de um Trovador.

O enredo da peça é bastante simples. A sinopse, que a introduz, contextualiza assim as ações que serão encenadas:

> O Reino de Portugal, após o massacre dos judeus, tornou-se um lugar de angústias e apreensões. E, instalado o Tribunal da Inquisição, cada cidade, cada lugar do reino, passou a ser totalmente governado pelo medo. A Igreja, o Clero, o Santo Ofício penetravam inteiramente a vida de cada pessoa. Foi sob este clima que apareceu, na cidade de Nenhures, o Cavaleiro Andante, menestrel, violeiro, que logo encantou toda a população. Toda, não, porque os despeitados, os invejosos, trataram logo de infernizar sua vida,

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 85

> denunciando-o ao Santo Ofício como judeu, incréu, anti-cristo. Foi o Trovador, então, pronunciado, processado e condenado à fogueira. Algo de extraordinário, porém, veio a acontecer... Por artes não se sabe de quem, foi a cidade, de repente, envolvida numa imensa cerração..., e nela o violeiro sumiu... encantou-se... (RAMALHO, 2005, 67)[4].

É este *encantamento* do Trovador que irá desencadear a ação dramática. Frente ao desaparecimento de alguém "tão perigoso", a Igreja, imediatamente, envia à cidade, sugestivamente chamada de *Nenhures* – ou seja, *nenhum* e, ao mesmo tempo, *qualquer lugar* – um Inquisidor para apurar o fato. O enviado, todavia, revela não se ser só esta sua missão. A suspeita de que o Padre de *Nenhures*, judeu disfarçado de cristão-novo, realizasse rituais heréticos, com ajuda de outros "marranos", como a Bruxa, faz com que o Inquisidor nos fale de seus reais propósitos:

> Inquisidor: Esta é a tal capela
> onde se encontram os judeus!
> Cristãos-novos de mentira,
> não passam de pigmeus;
> perseguidores da igreja,
> avarentos fariseus,
> obreiros da má-peleja,
> malignos e sandeus!
> [....]
> Usando de feitiçaria
> desfizeram cadeados,
> por conta desta heresia
> todos serão castigados!
>
> Os suplícios mais tiranos
> serão experimentados!
> Se usaram a falsa doutrina,
> rituais abominados,
> eu – INQUISIDOR DA IGREJA,
> do Santo Ofício nomeado,
> decretarei: na Fogueira
> paguem o nefando Pecado!... (p. 74)

4. Para citação de trechos de *O trovador encantado* utilizarei RAMALHO, 2005 – dados completos nas referências bibliográficas ao fim do texto. A partir deste ponto, indicarei apenas as páginas correspondentes aos trechos citados.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 86

O que vemos encenado, então, é justamente um desfile de personagens – Beata, Mulher Dama, Padre Durão Pinto Mole, Zé Cudeflor, Bruxa – pelo interior da igreja: algumas vezes observados pelo Inquisidor, que acompanha suas falas com comentários; outras vezes, interrogados duramente pelo representante da Santa Inquisição. Enquanto este investiga e interroga todos os possíveis envolvidos no *encantamento* do trovador e também os responsáveis pelas práticas heréticas, um navio é sigilosamente preparado para a fuga dos revolucionários, que embarcarão para a "nova terra achada", a iniciar uma nova "história da Criação".

Ouçamos uma das falas final dita pela Bruxa, comunicando ao Padre que o barco para a fuga está pronto. Diz a Bruxa:

> Alvíssaras, Pinto Duro!
> É hora de viajar!
> O veleiro nos espera
> no cais da beira mar!
> Salva está a Mulher Dama,
> a Beata já embarcou,
> com jovens fortes, valentes
> lá está o Cudeflor!
> O caminho está livre, o futuro é promissor,
> afinal – desencantado,
> na proa está o Trovador!
> (Todos em cena, cantam)
>
> – Seguem a bordo, aventureiros,
> jovens fortes, promissores,
> estudantes, professores,
> gente boa, idealista,
> a fina flor dos artistas
> que, a fugir dos horrores,
> levam em si inovadores
> planos de Sonho e Conquista!
>
> Que nos chamem de marranos,
> que nos chamem de semitas,
> ou chamem de israelitas,
> cristão-novo, o que quiser!
> Não nos tiram a resistência!
> Nosso trabalho é fecundo,

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 87

unidos, correndo mundo,
haveremos de vencer!

A história da Criação
vai começar outra vez,
do canto que viveu ontem
ao novo canto entremez! (p. 107-108)

Como se pode perceber, Lourdes Ramalho opta por situar a peça "comemorativa" no longínquo e, para nós, brasileiros, muito significativo séc. XVI, período de nosso *achamento,* mas também de árdua lembrança para parte da população portuguesa, pois época de forte repressão e perseguição político-ideológica dos judeus e cristãos-novos, época de instauração da Inquisição em Portugal. Aproveita a dramaturga para retomar, desta forma, o mito da "terra prometida" e "benfazeja", com que os cronistas nos delinearam, todavia não para reafirmá-lo conforme a história oficial, conforme o *status quo,* mas, sim, para propor uma outra chave interpretativa para esse paraíso "novamente achado": ele será ainda paraíso, não porque habitam aqui ingênuos e puros índios, mas, sim, porque será terra de liberdade para aqueles que enfrentavam a opressão de um poder totalitário e injusto no período contemporâneo aos princípios de nossa colonização.

Repare-se que seguirão para a "nova terra" na revolucionária *nau* "[...] aventureiros, / jovens fortes, promissores,/ estudantes, professores, / gente boa, idealista,/ a fina flor dos artistas/ que, a fugir dos horrores,/ levam em si inovadores/ planos de Sonho e Conquista". Portanto, em época de comemoração do "achamento" da *terra brasilis*, e, ao mesmo tempo, dos 20 anos do fim do regime totalitário brasileiro, que nos dominou durante a segunda metade do séc. XX, Lourdes Ramalho recria a velha denominação de "paraíso terreal" para o Brasil, interpretando-a pelo viés de terra da liberdade... e da democracia. Não mais degredados, vadios, bandidos, escória social, mas sim "jovens aventureiros e promissores", "estudantes e professores", "artistas", enfim, "gente boa e idealista". São eles que traçaram e executarão os novos *planos de Sonhos e Conquista*!

3.

E Gil Vicente, onde entra nessa história? Como se verá, em quase toda ela. Como disse acima, *O trovador encantado* foi escrito e encenado pelo

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 88

desejo da dramaturga de participar das comemorações de nosso "achamento". O festejo que propõe é meio enviesado, já que pretere as "grandes figuras" da história luso-brasileira para tratar da errância dos judeus e cristãos novos e da perseguição que lhe impôs a Igreja e o reino português do séc. XVI até, pelo menos, o XVIII. Ao escolher o tema da diáspora judia e tratá-lo numa perspectiva que, a meu ver, aponta para uma solução humanista, Lourdes Ramalho, não ao acaso, se alinha a um dos grandes temas do teatro vicentino. Como se sabe, o judeu é figura constante nos autos de Vicente e, como já nos ensinou Celso Lafer, em trabalho clássico sobre o tema, o tratamento que o dramaturgo português dá ao tema é altamente humanista (LAFER, 1978).

Quando encena seus autos, Gil Vicente, entre 1502 e 1536, é contemporâneo da perseguição que Lourdes Ramalho ficcionaliza em *O trovador encantado*. Ou seja, o que é história passada para a dramaturga brasileira é história presente e vivenciada para o teatrólogo português. Todavia, o posicionamento de ambos é o mesmo: o humanista. Não se discute a verdade ou falsidade dos credos postos em pauta, mas se defende a necessidade de diálogo e de compreensão com a diferença. Em Vicente, autor cristão, financiado *por*, encenando *para* e defendendo *a* ideologia de uma corte cristã, tal posicionamento é, senão revolucionário, porque previsto no universo humanista-renascentista, altamente louvável pela solução harmonizadora que apresenta. Vicente propõe uma conversão dos judeus pela argumentação, pelo convencimento por meio da palavra e da *verdade* cristã.

Como exemplo disto, lembro de um evento ocorrido no ano de 1531, em Portugal, e sobre o qual Gil Vicente nos legou um testemunho precioso e revelador de seu posicionamento no que diz respeito à questão dos judeus e cristãos novos. Neste ano de 1531, uma série de tremores abala as terras portuguesas. Os tremores atingem, especialmente, as regiões que margeiam o Tejo, na linha da Extremadura, estendendo-se desde Lisboa até Santarém. Apesar de acontecerem durante dias seguidos, parece que o sismo do dia 26 de janeiro deve ter sido o maior, pois a este dia em particular refere-se Gil Vicente na Carta que manda ao Rei D. João III comentando algumas das conseqüências do episódio[5]:

5. Em trabalho anterior, analisei em detalhe esta carta. Cf. MUNIZ, 2000. Nos parágrafos seguintes, permito-me reproduzir algumas das considerações feitas naquele texto.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 89

> Carta que Gil Vicente mandou de Santarém a el rei dom João, o terceiro do nome, estando sua alteza em Palmela, *sobre o tremor da terra que foi a 26 de janeiro de 1531*[6].

Note-se que a data parece não corresponder nem ao momento da escrita, nem ao dia do fato descrito nela, mas sim ao dia do tremor de terra. A corte está em Lavradio, relativamente distante dos centros dos tremores e dos episódios que os sucederam. A carta de Vicente deve ter sido, então, um dos muitos relatos que possivelmente chegaram ao rei. Todavia, seu conteúdo e seus propósitos a distinguem no correr da história.

A carta possui estrutura muito particular, pois, dirigida ao rei, traz dentro de si uma fala/sermão feita aos frades em Santarém, sendo, portanto, texto dentro de texto. Ela se subdivide em três momentos distintos. Na parte inicial, o dramaturgo dirige-se ao rei explicando o porquê daquela:

> Senhor. Os frades de cá [de Santarém] nam me contentaram nem em púlpito nem em prática sobre esta tormenta da terra que ora passou, porque não abastava o espanto da gente mas ainda eles lhe afirmavam duas cousas que os mais fazia esmorecer:
> A primeira que polos grandes pecados que em Portugal se faziam a ira de Deos fizera aquilo e nam que fosse curso natural, nomeando logo os pecados por que fora em que pareceu que estava neles mais soma de ignorância que de graça do Spírito Santo.
> O segundo espantalho que à gente puseram foi que quando aquele terremoto partiu ficava já outro de caminho senam quanto era maior e que seria com eles à quinta feira ua hora depois do meo dia. Creo o povo nisto de feiçam que logo o saíram a receber por esses olivais e inda o lá esperam.
> E juntos estes padres a meu rogo na crasta de são Francisco desta vila, *sobre estas duas proposições lhe fiz ua fala da maneira seguinte* [...] (p. 10).

A partir daí, Vicente parece descrever com exatidão a fala proferida aos frades no Claustro de São Francisco, em Santarém. E sobre o que fala Gil Vicente? Sobre a ignorância dos frades. O discurso vicentino é

6. Todas as citações do texto da carta serão feitas a partir de MATEUS, 1988, indicando-se apenas a página correspondente. Mateus segue de perto a edição fac-similada das obras de Gil Vicente, de 1928, promovendo mudanças necessárias para adequar o texto às convenções ortográficas em vigor em 1988. Os itálicos serão sempre meus.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 90

bastante duro. Descontente com o pânico espalhado pelos frades de que os tremores de terra haviam sido provocados pela *ira Dei* com os pecados dos portugueses e que mais tremores viriam a seguir aqueles, caso Portugal não se livrasse daquilo que o fazia pecar, Vicente afirma que os frades ignoravam o "curso natural" dos acontecimentos e que faltava neles a graça do "Spírito Santo". Eis o motivo que indignou nosso dramaturgo e fê-lo intervir, via pregação.

Na continuação, Vicente, como dissemos, parece transcrever — não sabemos se *ipsis litteris* — o discurso feito aos frades. Este se divide em duas partes complementares, que buscam responder a duas "ignorâncias" demonstradas pelos religiosos de Santarém, ou seja, primeiro que os tremores não provêm da *ira Dei*; segundo, não pertence ao homem prever o futuro.

As duas proposições devidamente desenvolvidas e fundamentadas na Bíblia permitem ao poeta a conclusão de sua fala aos frades:

> Concruo virtuosos padres sob vossa emenda que nam é de prudência dizerem-se tais cousas pubricamente nem menos serviço de Deos porque pregar nam há-de ser praguejar. As vilas e cidades dos reinos de Portugal principalmente Lisboa, se i há muitos pecados, há infindas esmolas e romarias, muitas missas e orações e procissões, jejuns, disciplinas e infindas obras pias púbricas e secretas. *E se alguns í há que são ainda estrangeiros na nossa fé e se consentem, devemos imaginar que se faz por ventura com tanto santo zelo que Deos é disso muito servido e parece mais justa virtude aos servos de Deos e seus pregadores animar a estes e confessá-los e provocá-los que escandalizá-los e corrê-los por contentar a desvairada openião do vulgo* (p. 8-9).

Para surpresa do leitor/ouvinte, é neste momento que se revela, a nosso ver, o verdadeiro elemento motivador de tamanha ousadia do dramaturgo: é para a situação dos judeus neste Portugal pré-Inquisição que atenta Gil Vicente, melhor dizendo, é a posição dos cristãos-novos que sensibiliza o poeta. Nas palavras de Osório Mateus: "Em 1531, a questão dos judeus é história de actualidade que o tremor de terra vem exacerbar" (MATEUS, 1988, p. 8). Como disse acima, o posicionamento de Vicente no sermão e na carta que envia ao Rei é ousado e altamente revelador de sua visão humanista. Lembre-se que D. João III, desde 1524, vem enviando reiteradas missões diplomáticas a Roma com a finalidade de solicitar ao Papa a permissão para o funcionamento do Tribunal da Santa Inquisição em Portugal. Sabedor das práticas do Santo Tribunal em terras castelhanas, o Papa resiste em ceder à demanda do rei português.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 91

Dentro deste contexto, a defesa duma conversão pela palavra empreendida por Vicente na Carta de 1531 é a prova mais eloqüente do humanismo que caracterizou as obras vicentinas.

4.

Poder-se-ia contra-argumentar a tudo que foi dito até agora que o tema escolhido pela autora é pouco para propor uma possível relação de influência. Mas, há mais, de que mais tarde falarei. Antes, ainda tratando do tema, tempo e espaço de *O trovador encantado*, lembro que Lourdes Ramalho situa a peça exatamente no período de mais de trinta anos em que produziu Gil Vicente. Os dois "bobos" que fazem a contextualização histórica da peça, em seu início, parecem localizar e limitar o espaço e o tempo da peça no reino de Portugal – como vimos, numa cidade chamada *Nenhures* –, entre os anos de 1500 e 1536, pois se referem ao nosso "achamento", em 1500; depois, ao *progrom* de 1506[7], época do governo do venturoso D. Manuel I, em que centenas de judeus foram massacrados em Lisboa; e, em seguida, à implantação da Inquisição em Portugal, em 1536, no governo de D. João III. Ora, não se pode esquecer que Gil Vicente encenou seu primeiro auto, em 1502, para comemorar o nascimento do príncipe D. João, futuro rei D. João III, filho de D. Manuel I; que foi "mestre de cerimônia" das cortes desses dois reis, portanto responsáveis pelas festas régias – que sempre abrilhantou com a encenação de seus autos –; e que, coincidência ou não, sua última peça, *Floresta de Enganos*, foi encenado para D. João III, em 1536, ano, como dissemos, em que este rei alcança a permissão definitiva de instalação do tribunal da Inquisição em Portugal. Some-se a isto uma fala de Zé Cudeflor, espécie de parvo da peça, em que Gil Vicente, junto com Camões, é textualmente referido, e a presença do dramaturgo português no horizonte de diálogos de Lourdes Ramalho parece-me bastante clara. Na cena 7, respondendo ao interrogatório do Inquisidor, Zé Cudeflor explica assim o "encantamento" do Trovador :

> Pois se vós quereis saber
> o que aqui aconteceu,
> toda a desgraça se deu

7. Este *progrom* caracterizou-se por uma série de distúrbios acontecidos após um incidente na Igreja de São Domingos, em Lisboa, em que um homem foi acusado de herege, apontado como cristão novo e queimado, por ter duvidado de um suposto milagre que os fiéis acreditavam ter presenciado. Este incidente resultou em três dias de distúrbios por toda a cidade e na morte de aproximadamente duas mil pessoas (SARAIVA, 1985, p. 40, nota 6).

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 92

foi por culpa de mulher!
Como dizia Camonge,
o hábito não faz o monge,
mas donzelas e casadas,
folgaram com tanta arte,
que caganeira as mate
neste folgar indecente,
como fala Gil Vicente,
foi aquele assanhamento,
foi aquela baixaria,
que, trazendo a cerração,
na força da escuridão,
envolveu o Trovador
nessa horrenda bruxaria,
terminando na agonia
de sumiço e encantamento! (p. 84)

Além dessa referência textual – bastante significativa, pois iguala o falar da personagem às falas dos autos vicentinos: *como fala Gil Vicente* –, do tema que norteia a peça e do posicionamento ideológica em que se situa a autora, outros elementos presentes em *O trovador encantado* comprovam e renovam o diálogo com o texto vicentino. Para não se estender por demais, aponto alguns elementos em que se pode comprovar o que afirmo.

Em termos estruturais, *O trovador encantado* recupera uma sintaxe dramática própria do teatro vicentino, uma sintaxe que denominei, em trabalho anterior, de *estrutura processional* (MUNIZ, 2003). Em síntese, a *estrutura processional* se traduz por uma organização da peça semelhante à sintaxe coordenada, ou seja, há uma série de cenas justapostas, em forma do que em teatro denominamos *esquete*, com apenas um ou dois elementos ordenadores, via de regra, uma personagem, e transcorrendo em um espaço privilegiado. Pense-se, em termos dos autos vicentinos, nos denominados *Autos das Barcas*, na *Farsa do Juiz da Beira*, na *Romagem dos Agravados*, no *Auto da Fama*, na *Tragicomédia do Templo de Apolo*, entre outros exemplos, em que há um verdadeiro desfile ou procissão de personagens, no interior de um espaço fixo, e em que o deslocamento das cenas justapostas pouco ou nada alteraria o sentido da obra.

Esta mesma estrutura se encontra em *O trovador encantado*. De suas catorzes cenas, nove se passam no interior de um mesmo espaço, uma capela de *Nenhures*. É neste espaço que se dará o encontro e os diálogos

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 93

do Inquisidor, que investiga o "encantamento" do trovador, com quase todas as personagens da peça: a Beata, a Mulher Dama, o Padre Durão Pinto Mole, a Bruxa e Zé Cudeflor. Há como que um verdadeiro desfile ou procissão dessas personagens pela capela. E cada uma delas construirá uma cena específica, própria, com o Inquisidor, que parece ser o elemento ordenador do enredo. E a ordem assumida por essas cenas parecem não significar muito para a economia da peça, podendo ser alterada sem desestruturar seu sentido geral, como de resto é o que parece acontecer naqueles autos citados acima de Vicente.

Outro elemento significativo no diálogo que busco demonstrar entre Lourdes Ramalho e Gil Vicente é o nome e a caracterização das personagens. Como se sabe, predominam no teatro vicentino as *personagens alegóricas* e, particularmente, as que denominamos *personagens tipos*, ou seja, as que representam não uma individualidade, mas, sim, uma classe ou um grupo social (FORSTER, 2005; CANDIDO, 1976; BRAIT, 1985). Em Vicente, via de regra, essas personagens não têm nomes que as individualize, são nomeadas por sua profissão ou função social – sapateiro, alcoviteira, juiz, judeu, parvo, frade, ama, mãe, pai, etc. – e trazem consigo objetos, vestimentas, características exteriores que as identificam de imediato para o espectador, ou melhor, que identificam a classe ou o grupo social que representam. Ora, como se pôde ver pela listagem de personagens de *O trovador encantado*, acima apresentada, o mesmo se dá em Lourdes Ramalho. Todas as personagens da peça são nomeadas conforme sua classe social – os Bobos, o Inquisidor, a Beata, a Mulher Dama, o Padre Durão Pinto Mole, a Bruxa e Zé Cudeflor –, e mesmo o "faz tudo" Zé Cudeflor, que possui um nome, em realidade, traz no nome não uma individualidade, mas a identificação de uma origem e uma orientação: a origem do povo, revelado pelo nome *Zé* – como o Parvo Joane do *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente –, e a orientação homossexual, revelada pelo sobrenome satírico *Cudeflor*.

É ainda com o exemplo desta personagem que aponto um último e, a meu ver, fundamental elemento de aproximação entre a obra de Lourdes Ramalho e Gil Vicente: a caracterização das personagens pela fala e, conseqüentemente, o papel fundamental que a linguagem desempenha no todo da peça. A riqueza do teatro de Vicente, como se sabe, está exatamente no tratamento lingüístico que dispensa a cada personagem. Além da caracterização por via de elementos exteriores, como roupas, bijuterias e objetos que carregam consigo, as personagens vicentinas constroem-se pela linguagem. Características sociais, sexuais, etárias, culturais, profissionais, ideológicas, enfim, quase tudo que estrutura

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 94

uma personagem vicentina está revelada por suas falas. Costumo dizer que a sociolingüística tem nas personagens de Vicente um manancial rico de investigação.

Para lembrá-los desta característica das obras vicentinas e para me servir do exemplo mais à frente, ouçamos o diálogo do Parvo Joane com o Diabo, personagens do mais conhecido texto vicentino, o *Auto da Barca do Inferno*. Observe-se o espanto daquele quando se dá conta de que a figura com quem fala é o Diabo.

Vem um Parvo e diz ao Arrais do Inferno:

Parvo: Ou daquela.
Diabo: Quem é?
Parvo: Eu sou.
É esta naviarra nossa?
Diabo: De quem?
Parvo: Dos tolos.
Diabo: Vossa.
Entra.
Parvo: De pulo ou de voo?
Oh pesar de meu avô
soma vim a adoecer
e fui màora morrer
e nela pera mi só.
Diabo: De que morreste?
Parvo: De quê?
Samica de caganeira.
Diabo: De quê?
Parvo: De cagamerdeira
Má ravugem que te dê
Diabo: Entra põe aqui o pé.
Parvo: Oulá não tombe o zambuco.
Diabo: Entra tolazo eunuco
que se nos vai a maré.

Parvo: Aguardai aguardai lá.
E onde havemos nós d'ir ter?
Diabo: Ao porto de Lucifer.
Parvo: Como?
Diabo: Ò Inferno, entra cá.
Parvo: Ò Inferno? Ieramá.
Hiu hiu barca do cornudo

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 95

beiçudo beiçudo
rachador d'Alverca hu há.

Capateiro da Candosa
antrecosto de carrapato
sapato sapato
filho da grande aleivosa.
Tua molher é tinhosa
e há de parir um sapo
chantado no guardanapo
neto de cagarrinhosa.

Furta cebolas hiu hiu
escomungado nas igrejas
burrela cornudo sejas
toma o pão que te caiu.
A molher que te fogiu
pera ilha da Madeira
ratinho da Giesteira
o demo que te pariu.

Hiu hiu lanço-te ?a pulha
de pica na aquela
hiu hiu caga na vela
cabeça de grulha.
Perna de cigarra velha
pelourinho da Pampulha
rabo de forno de telha (VICENTE, 2002, p. 223-225).

Ainda que tenha anunciado de que é gente do povo – "eu soo", "tolo", "ninguém", são alguma das expressões que Joane se utiliza para referir-se a si próprio –, esta informação é quase desnecessária para que o reconheçamos como tal. Mais significativo e eloqüente é a sua fala. A linguagem usada pelo Parvo revela sua origem popular. No trecho citado, nada do que diz tem sentido exato, senão o de ser uma série de xingamentos, de impropérios, de baixo-calão, de expressões desconexas para expressar seu espanto frente à constatação de que falava com o Diabo. Ainda que nada soubéssemos sobre Joane, esta sua fala ter-nos-ía indicado sua origem social e cultural. Sua fala é de um tipo proveniente das classes baixas, da "gente miúda", como dizem os portugueses.

Da mesma forma, em Lourdes Ramalho, e, em particular, em *O trovador encantado*, a linguagem das personagens é elemento fundamental

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 96

para sua construção. E, algumas delas, a meu ver, estão francamente inspiradas em personagens vicentinas. Sem me estender muito, acompanhemos um pouco mais o diálogo de Zé Cudeflor com o Inquisidor, quando este procura saber o que aquele sabe e até quanto está envolvido com a revolução pressentida pelo religioso.

Cena 7 – Encontro com o Inquisidor na Capela

(Cudeflor vai entrando e cantando)

Zé Cudeflor: -Una , duna, tena, catena
cigalha, migalha, no bico de pena,
capela de missa em vez de novena,
senti um arrepio da gota serena...
- Ai, ui!

Inquisidor: Quem é você?

Zé Cudeflor: Eu: Eu sou o Zé Cudeflor,
florista desse lugar,
alimpador de capela,
enfeitador do altar...

Inquisidor: .....

Zé Cudeflor: Sou aprontador de noiva,
casamento, batizado,
sou fazedor de coroa,
sou lavador de defunto,
sou vestidor de finado....

Inquisidor: .....

Zé Cudeflor: Sou tirador de incelença
e, de costume adamado,
para entrar, peço licença,
me viro de todo lado...
para fazer um bom despacho,
rezo... e fico aliviado!

Inquisidor: Então vai rezar agora,
seu sujeito amaricado!

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 97

uma reza diferente
da que está acostumado!

Zé Cudeflor: Pelo sinal, do bico real,
comi toucinho, não me fez mal,
se mais tivesse, mais comeria,
adeus, seu padre, até outro dia!

[.....]

Inquisidor: Ou conta a história direito
ou eu o faço lembrar,
mando enfiá-lo no poço,
bebendo água salgada,
de cabeça para baixo,
até resolver falar!

[.....]

Inquisidor: Que tem a ver o sumiço
com folgar e assanhamento?
Estava o homem na masmorra
na hora do encantamento!
Junte as pontas da história
e me dê a solução
– quem desfez os cadeados,
quem os portões fez abrir
quem fez a tal bruxaria,
quem fez o Trovador sumir?

Zé Cudeflor: Já disse, é a mulher a culpada
de tudo que acontecer!
Do jeito que a Deus a fez
veio o diabo espairecer!
Se uma é desavisada,
é a outra aperaltada,
(arranco trança e totó!).
Mulher Dama encalacrada
bota os homens a perder,
cara de bosta de vaca,
mijo de doida cadela,
semente de alfavaca,

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 98

flor de defunto, amarela,
se ela sabe, eu também sei
o namorar como é,
e, quando o jogo é perfeito,
entra tudo no escarcéu,
nós dois vamos de enxeridos
pois somos filhos de Deus!
E nessa magia negra,
lé com cré e cré com cré,
pisque seu olho direito,
pise na ponta do pé!
Assim... assim desse jeito,
Está vendo como é que é?
Aprendeu tudo perfeito.

Inquisidor: lé com cré e cré com crê.

Zé Cudeflor: É o reino do Capiroto!
Lavoura de Satanás!
Se quer ir ao cemitério,
vá sozinho, se é capaz!
Ficando escuros eu não vou,
essa hora eu não vou mais,
nem com procissão e vela
e o coro cantando atrás! (p. 82-85)

No *nonsense* e comicidade da fala de Zé Cudeflor ressoa claramente aquele outro diálogo *nonsense*, e também muito cômico, a do Parvo Joane com o Diabo, no *Auto da Barca do Inferno*. Em ambos, o conteúdo do que se diz tem pouca importância. Mais significativo é o que revelam, por meio de uma linguagem desconexa, de medo e confusão frente a uma situação – o Parvo, frente à figura assustadora do Diabo; Cudeflor, frente ao temido Inquisidor – com a qual não sabem lidar e da qual só conseguem sair, de modo a não se comprometerem, pela desorganização, *rebaixamento* ou *carnavalização* do discurso (BAKHTIN, 1993). Observe-se que tanto Vicente quanto Ramalho recorrem às *anáforas*, repetições que acabam por traduzir lingüisticamente o nervosismo e a ansiedade que a situação cria nas personagens; às *palavras de baixo calão*, de modo a simular um falar popular, típico nas descrições do encontro com o *Capiroto* – e o Inquisidor é retratado como tal por Lourdes Ramalho; aos *neologismos*, como forma de representar o indescritível; às expressões de sentido pouco claro; às *onomatopéias*, para reproduzir a movimentação

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 99

cênica; enfim, são muito os recursos lingüísticos comuns aos dois dramaturgos.

Nos dois casos, o *nonsense* em que resultam as falas das personagens produz o cômico e desencadeia o riso do espectador e o conseqüente relaxamento da tensão a que a situação conduz (BERGSON, 1987). Pontua-se e revela-se a crítica, mas sem se deixar de rir do mundo em desordem em que se vive. Pode-se, assim, concluir que, além dos estratagemas lingüísticos semelhantes aos dois dramaturgos, apontados acima, muitos dos sentidos, das estruturas, das formas e dos modos teatrais vicentinos certamente inspiraram e inspiram ainda hoje a criação teatral de Lourdes Ramalho, o que nos autoriza a dizer que Lourdes Ramalho *fala* Gil Vicente.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Valéria. A força nas anáguas: matizes de hispanidade na dramaturgia de Lourdes Ramalho. In: Sheila D. Maluf; Ricardo B. de Aquino. (Org.). *Reflexões sobre a cena*. Maceió / Salvador: EdUFAL; EdUFBA, 2005, p. 315-331.

ANDRADE, Valéria. De encantações, errâncias e cantorias. *In*: RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. *Teatro de Lourdes Ramalho:* 2 textos para ler e / ou montar (*As velhas* e *O trovador encantado*). Org., apres., notas e estudos de Valéria Andrade e Diógenes Maciel. Campina Grande / João Pessoa: Bagagem / Idéia, 2005, p. 123-131.

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. de Yara Frateschi Vieira. 2. ed. São Paulo: HUCITEC / Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 100

BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987 [1. ed., 1940].

BRAGA, Teófilo, História da Literatura Portuguesa: *Eschola de Gil Vicente*. Porto, Livraria Chardron, 1898.

BRAIT, Beth. *A personagem*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

CÂNDIDO, Antonio. A personagem do romance. *In*: _____ *et all. A personagem de ficção*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FORSTER. E. M. *Aspectos do romance*. 4. ed. Porto Alegre: Globo, 2005 [1ª Edição, 1927].

LAFER, Celso, *Gil Vicente e Camões*, São Paulo: Ática, 1978.

MATEUS, Osório. *Tormenta*. Lisboa: Quimera, 1988

MUNIZ, Márcio R. C. 1531: Gil Vicente, Judeus e a instauração da Inquisição em Portugal. *Contexto*, Vitória, ano 7, 2000, p. 95-108.

MUNIZ, Márcio R. C. A estrutura processional e o teatro de Gil Vicente. *Camoniana*, São Paulo, v. 13, 2003, p. 65-76.

MUNIZ, Márcio R. C. Qorpo-Santo e Gil Vicente: diálogos possíveis. *In*: MALUF, Sheila Diab; AQUINO, Ricardo Big. (Org.). *Reflexões sobre a cena*. Maceió / Salvador: EdUFAL / EdUFBA, 2005, p. 213-232.

RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. *Teatro de Lourdes Ramalho:* 2 textos para ler e / ou montar (*As velhas* e *O trovador encantado*). Org., apres., notas e estudos de Valéria Andrade e Diógenes Maciel. Campina Grande / João Pessoa: Bagagem / Idéia, 2005.

RAMALHO, Maria de Lourdes Nunes. *Raízes ibéricas, mouras e judaicas do Nordeste*. João Pessoas: EdUFPB, 2002.

SARAIVA, Antônio José. *Inquisição e Cristãos-Novos*. 5. ed. Lisboa: Estampa, 1985.

VICENTE, Gil. *As obras de Gil Vicente*. Direção científica de José Camões. Lisboa: Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002, v. 1.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 101

AGÁLIA nº 89-90 / 1º SEMESTRE (2007): 101 - 127 / ISSN 1130-3557

Estratégias de canonização. O ensaio de Guerra da Cal sobre Eça de Queirós como modelo para Machado de Assis (*)

Joel R. Gômez

(Grupo de Investigaçom Galabra-USC)

para Gilda Santos

Resumo:

Ernesto Guerra da Cal anunciou em diferentes ocasiões entre 1958 e 1975 a intenção de dedicar a Machado de Assis um estudo na linha do que publicara em 1954 sobre Eça de Queirós. Não fez esse trabalho, mas manteve a expectativa e afinal esse projeto frustrado pôde ser a causa de que não se realizasse para o produtor brasileiro um estudo de teor estilístico-comparativo como o modelo inicialmente proposto por Guerra da Cal. Demonstra-se assim a importância que para determinados agentes de um campo cultural e para alguns dos fabricadores de determinadas ideias nesse campo sobre a nação, o prestígio, etc., tem uma eventual intervenção canonizadora como a de Guerra da Cal, bem como o papel relevante que, em determinadas e para determinadas comunidades ou segmentos importantes das mesmas pode vir a ter a literatura como mecanismo de coesão social/nacional e de orgulho pátrio. O objectivo de equiparação de Machado com Eça, para usufruir de uma alta e central posição que teria alcançado já Eça, supõe que a "carência" desse estudo por parte de Machado iria no seu prejuízo comparado com Eça, que sim o tinha, vindo de um crítico/agente de campo altamente consagrado como Guerra da Cal.

Palavras-chave:
Guerra da Cal. Eça de Queirós. Machado de Assis.Estilística. Literatura Comparada. Campo Literário e da Crítica Literária.

Abstract:

Ernesto Guerra da Cal announced several times from 1958 to 1975 his purpose to dedicate a study on Machado de Assis in the same way as the one he wrote on Eça de Queirós. He didn´t eventually write that essay, but kept the expectation until the end. That´s why this frustrated project might be the reason why no stylistic-comparative study on the Brasilian producer was made following the same model as the one Guerra da Cal proposed. This way it is proved the importance which an eventual canonizing intervention done by Guerra da Cal, has for some of the agents in the cultural field and producers of specific ideas on that field over the nation, the prestige, etc. It is also shown the relevant role which literature, in specific and for specific communities or important segments of them, may become in its role as a socializing/nationalizing cohesion, or to reinforce their national pride. The goal, in comparing Machado and Eça, is to make profit of a high and central position which Eça would have already reached. This means that the "lack" of that study would go to the Machado´s detriment once compared to Eça, who did have it. And it was a study coming from such a highly confirmed critic/agent of the field as Guerra da Cal was.

Key words:
Guerra da Cal. Eça de Queirós. Machado de Assis. Stylistics. Comparative Literature. Literary and Literary Criticism Fields.

(*) O presente trabalho foi apresentado em Abril de 2004 no Rio de Janeiro, no Segundo Colóquio do Pólo de Pesquisa sobre Relações Luso-Brasileiras organizado pelo Centro de Estudos do Real Gabinete Português de Leitura, que se centrou em "Relações Luso-Brasileiras, Deslocamentos e Permanências". O texto original encontra-se nas Atas desse acontecimento. Aquele estudo, revisto e acrescentado com novos materiais, fruto de posteriores pesquisas nessa cidade brasileira e na The Hispanic Society of America de Nova Iorque (estas últimas graças a uma ajuda concedida pela "Consellaría de Cultura da Xunta de Galicia", na sequência da convocatória para trabalhos sobre a "Memoria histórica" do ano 2006, que possibilitou uma estada na cidade norte-americana) é o que agora se publica.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 102

1. A necessidade de um estudo esperado.

Entre 1958-1960 e 1970-1975 Ernesto Guerra da Cal anunciou publicamente no Brasil em diferentes ocasiões a intenção de oferecer a Machado de Assis uma análise do mesmo teor à que o tinha consagrado pelo estudo sobre Eça de Queirós. Aquele projeto foi recebido com enorme expectativa e será-lhe reclamado muitas vezes por produtores dos campos Literário e da Crítica Literária brasileira confiantes que, de se materializar, contribuísse para o processo de canonização do escritor brasileiro, como tinha acontecido com o português, que se beneficiava do trabalho de Da Cal para uma maior projeção internacional, além de para progredir e consolidar-se numa posição de centralidade nos campos literários português e brasileiro.

Ernesto Guerra da Cal, professor e crítico nascido na Galiza em 1911, exilado (como perdedor da Guerra civil de Espanha) nos Estados Unidos desde 1939, onde se nacionalizou em 1945, era no primeiro dos períodos assinalados Professor Catedrático e «Chairman» do Departamento de Línguas Românicas na New York University (NYU); e no segundo ocupava também altas responsabilidades docentes e administrativas na City University of New York (CUNY). Especialista em línguas e literaturas ibéricas, com especial dedicação para as culturas e as literaturas portuguesa e brasileira, prestara maior atenção a Eça de Queirós, objecto da sua Tese de Doutoramento, defendida na Columbia University nova-iorquina nos finais da década de 40, a primeira sobre literatura portuguesa nos Estados Unidos. Este trabalho estudava a língua e o estilo de Eça de Queirós e foi publicado em quatro versões (Da Cal, 1954, 1967, 1969, 1981), a primeira em espanhol sob o título *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz*[1] (LEEQ, de aqui por diante), e as outras três em português, convertendo-se desde o início numa referencia para o queirosianismo, e com fortuna na recepção internacional. Foram muitos os críticos e investigadores que classificaram esse ensaio de modelar e reconheceram o seu relevo para renovar o trabalho sobre Eça, e não só, pois constituiu grande novidade e na atualidade está valorizado como fundacional para os modernos estudos literários, pela maneira como

1. Neste trabalho, alicerçado na Tese de Doutoramento, oferecia uma visão consagradora de Eça, combatendo os preconceitos e as resistências que se invocavam por parte da crítica contra ele. Além disso, comparava-o com produtores europeus coevos e indigitava-o como modelo para os campos literários português e brasileiro mas, sobretudo para figuras tão valorizadas das letras em língua espanhola no âmbito lusófono como Valle-Inclán ou Rubén Darío, entre outras. Aplicava as teorias da Estilística e da Literatura Comparada, prestigiadas como instrumentos legitimizadores na altura, analisando toda a produção queirosiana editada (romances, contos, trabalhos jornalísticos, epistolários...) e recuperando mesmo algum texto esquecido. Renovava pois o reportório do Campo da Crítica Literária, introduzindo um novo modelo, altamente canonizador para Eça de Queirós.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 103

introduziu a Estilística e a Literatura Comparada, metodologias muito incipientes na altura e que vingarão nos anos e décadas seguintes. Além disso, a proposta de Da Cal contribuía para ultrapassar o subjetivismo que caracterizara até aos meados do século XX os estudos literários, pois o seu modelo visava a objetividade, ao se centrar nos textos e na maneira como eles tinham sido produzidos.

Esse ensaio de Da Cal era bem conhecido e reconhecido no Brasil, e tinha recebido importante projeção nos meios culturais brasileiros. Isso traduzir-se-á no interesse pelo anúncio do estudo sobre Machado de Assis, que gerava expectativas pela autoridade de Da Cal no campo da crítica literária.

A primeira das personalidades que se ocuparam de LEEQ no Brasil fora o já consagrado na altura Gilberto Freyre (1954), que escrevera dele: «É um livro esse, do professor Da Cal, que nenhum devoto brasileiro do Eça e do seu estilo, da sua expressão literária, deve deixar de ler». Merecem destaque também dois professores filiados na linha mais renovadora da crítica brasileira: Sílvio Elia (1955), que salientara a sua «proveitosa leitura» indicando que «traz para o melhor conhecimento da linguagem artística portuguesa farto material escrupulosamente escolhido e interpretado»; e Moacyr de Albuquerque (1958), quem frisara do «admirável livro [...] eruditíssimo, manuseando a mais completa bibliografia de Eça de Queirós que já encontrei em qualquer estudioso do genial novelista luso» como contribuía para «destroçar» a «campanha sofrida por Eça, acusado a torto e direito de galicista e desnacionalizador». Dos setores que defendiam uma visão mais tradicional também surgiram vozes discrepantes, como a do professor paulista Silveira Bueno (1956), quem afirmara que nesse trabalho dacaliano «só há elogios; só encontrou perfeições»[2] sobre Eça, e tentava assim questionar o seu contributo.

O estudo visava contribuir para que a produção de Eça fosse «tirada do perímetro puramente lusitano e projectada num âmbito total ibérico», como explicava a «Nota prévia» de LEEQ, assinada pelo autor. E não só, pois Da Cal também difundia Eça em meios especializados dos Estados Unidos, desse modo internacionalizando-o (v.gr. Da Cal 1944, II-1946, 1947 e 1952-1953; ou Sem Autor, 1-IV-1946; bem como nas suas contribuições para a estação de rádio *A Voz de América*).

2. Com anterioridade a Da Cal, o estilo de Eça tinha sido posto em destaque por outros estudiosos, como Fidelino de Figueiredo ou Rodrigues Lapa. Lapa, no entanto, e apesar da alta valorização do trabalho de Eça, põe reparos, v. gr. pela utilização de estrangeirismos, um dos assuntos que combate LEEQ, argumentando o pesquisador galego/norte-americano que essas vozes empregadas na produção queirosiana foram incorporadas no léxico cotidiano, e eram necessárias para a renovação da língua efetuada por Eça.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 104

Como Eça, Machado de Assis teve resistências e sofreu desqualificações em vida pela sua produção literária. O estudo introdutório às *Obras Completas* machadianas assinalava como (Coutinho, 1959: 60, e passim) fora contestado por Sílvio Romero e outros críticos, e classificado de antinacionalista, para além de reprovações pelo seu absentismo político, entre outras questões. Davam-se assim coincidências nas críticas a Eça e a Machado, o que reforçava a hipótese de que um estudo semelhante para o produtor brasileiro ajudasse a banir esses preconceitos negativos, como acontecia com Eça por causa dos contributos de Da Cal.

Quando Machado morre em 1908, ocupando a presidência da Academia Brasileira de Letras, era figura consagrada, e teve rápido reconhecimento como «o ponto mais alto e mais equilibrado da prosa realista brasileira», como o define Alfredo Bosi (1997:193). Coincidindo com o centenário do nascimento, em 1939, e com o cinqüentenário da morte, em 1958, publicaram-se numerosos estudos sobre a sua produção, e repositórios bibliográficos. No entanto, o maior reconhecimento estava sobretudo no intersistema lusófono, e era aspiração brasileira uma maior projeção internacional. Por isso o especial interesse em que este mestre de Nova Iorque lhe dedicasse esforço do mesmo teor que ao produtor português[3]. O que influía, conseqüentemente, em favorecer a promoção de Da Cal no Brasil, e os seus interesses profissionais, mas também literários, como se verá.

2. **Os primeiros anúncios.**

Será em finais de Novembro de 1958 quando Ernesto Guerra da Cal anuncia através da imprensa brasileira a intenção de dedicar a Machado de Assis um estudo semelhante ao que quatro anos antes publicara sobre Eça de Queirós, de grande repercussão internacional, pelas continuadas referências de que era objeto em diversos países e línguas e ao se ter ocupado dele nomes muito reconhecidos da crítica.

3. O principal contributo especificamente machadiano publicado por Da Cal era, até aquela altura, um verbete na edição de 1953 da *Collier's Encyclopedia*, de valor certamente para a projeção do produtor brasileiro no ámbito de língua inglesa, por se incluir em publicação referencial, mas trabalho muito modesto em comparação com a vultosa produção queirosiana. Também se transmitira, em Julho de 1952, um trabalho seu sobre uma tradução machadiana para inglês publicada nos EUA. No entanto, o interesse sobre o produtor brasileiro era de muito antes, e de facto em carta a Eduardo Blanco Amor datada em Julho de 1941, informa este seu amigo dos seus projectos no exílio nova-iorqueino, e entre eles afirma: "También tengo entre las manos la traducción de algunas de las novelas brasileñas de Machado de Assis", projeto este que não materializou.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 105

Assim, no *Jornal do Brasil*, foi publicado que (Meira, 21-11-1958) Da Cal levava do Rio, onde estivera de visita, «grande material» sobre Machado para um novo livro, e que «pretende fazer um trabalho comparativo entre o estilo de ambos os escritores [Eça e Machado]». Quatro dias depois, o *Diário de Pernambuco* recolhia este seu depoimento: «Não morrerei sem fazer um estudo comparativo entre Machado de Assis e Eça de Queirós, dois irónicos tão diferentes». Estas mesmas palavras, exatas, encontram-se em 26 de Novembro, em nova informação, no *Diário de Notícias* da Bahia.

Em 7 de Dezembro de aquele ano, no suplemento dominical do *Jornal do Brasil*, Teresa Trota na reportagem «Ernesto da Cal: Eça e Machado», indica notar nele a intenção de «dedicar-se a Machado» ao finalizar os estudos sobre Eça, e que lhe dera a entender «que pretende, no futuro, escrever um vasto trabalho de literatura comparada sobre ironistas como Eça, Machado, Swift, Anatole». Por enquanto, ia começar «a introdução, que já lhe foi encomendada por José Aguilar, da edição das Obras Completas de Machado de Assis, a ser lançada na grande coleção de clássicos luso-brasileiros dêsse editor», redigida «em língua acessível ao público» que constituiria «verdadeiro anúncio dos trabalhos futuros, contendo, inclusive, um estudo sôbre o ironismo luso-brasileiro e completa análise estilística da obra de Machado». Recolhia Trota este depoimento de Da Cal:

> Não há ironistas na literatura de língua castelhana. Os grandes ironistas do mundo ibérico são mesmo Eça de Queirós e Machado de Assis.[...]
> A ironia de Eça é mais linguística, mais aparente, mais sensualista, epidérmica em comparação com a de Machado. Eça não era um pessimista: não perdia a esperança no ser humano. Machado, um recalcado, um escondido, um críptico, com sua linguagem correta de mais, com seu purismo por complexo de inferioridade. Eça é antes de mais nada um renovador da língua, alguém que nos ensina a dizer de maneira nova o que já conhecemos de sobra. Não há ideias em Eça de Queirós: há maneiras de dizer. Já em Machado temos toda uma visão do mundo, vista do ângulo de uma linguagem instrumental, sóbria, funcional.

Ainda no número de Dezembro de 1958, o *Jornal de Letras* do Rio de Janeiro destacava na capa que «Guerra da Cal vai estudar o estilo de Machado de Assis». Segundo essa notícia, dissera que tão logo terminasse as investigações bibliográficas sobre Eça e publicasse o segundo tomo sobre o romancista português «voltará sua atenção para Machado de

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 106

Assis, ao qual espera dedicar alguns anos de estudos e pesquisas, para uma obra semelhante à que tem quase realizada sobre Eça de Queirós»[4].

Da Cal fez esses depoimentos na seqüência de uma viagem realizada em Novembro de 1958 para selecionar estudantes em universidades brasileiras com ensejo de participar num estágio do Brazilian Institute. Esta instituição, da qual ele fora um dos principais artífices, começará o seu funcionamento oficialmente, na NYU, nos primeiros dias de Dezembro desse ano, com reconhecimento da prefeitura da cidade norte-americana e participação de altos cargos dos dois países, entre eles o governador do Estado de Nova Iorque, Nelson Rockefeller[5]; e o ministro da Fazenda brasileiro, Lucas Lopes, para além de representantes dos campos Literário, da Crítica Literária, da Economia, da Política, das Artes e do Ensino. Tratava-se de uma instituição estratégica para as duas partes: para os Estados Unidos porque, segundo a revista *Visão*, em informação de destaque, publicada em 28 de Novembro de 1958, compravam mais do Brasil que de qualquer outro país americano e tinham investidos na altura mais de um bilhão de dólares; e para o Brasil, pela potencialidade do mercado dos Estados Unidos para os seus interesses de todo o tipo, e que visava a utilização da cultura como veículo de penetração econômica[6]. Da Cal aproveitara a viagem de Novembro para manter contatos privilegiados com várias universidades relevantes para o seu labor profissional.

Os meios de comunicação brasileiros ofereceram importantes espaços para informar da inauguração do Instituto Brasileiro, e *Visão* salientava, em 5 de Dezembro, o desconcerto que produzira entre os norte-americanos a referência no ato à Operação Pan-Americana, por ser «praticamente desconhecida nos EE. UU.», segundo sublinhava o próprio semanário[7], demonstração do interesse de determinadas elites e

4. Nesta notícia dizia-se que se estava preparando a tradução de LEEQ para lançar no Brasil, realizada por Eduardo Portella, com prefácio de Alceu Amoroso Lima. Porém, essa tradução só acontecerá em 1969, realizada por Estella Glatt ,com prefácio de Euryalo Cannabrava e editada na editora Tempo Brasileiro do Rios que, com efeito, dirigia Eduardo Portella.

5. Para além do cargo político, Rockefeller tinha interesses econômicos no Brasil, e poucas semanas antes fora recebido pelo próprio presidente brasileiro Juscelino Kubistchek.

6. De fato, na delegação brasileira que se deslocou para as comemorações, para além do ministro citado, figurava Roberto de Oliveira Campos, presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, segundo referência da *Visão* em 5 de Dezembro de 1958.

7. *Visão* autodefinia-se como «a revista dos homens de negócios», e com certeza que o era. Informara da Operação Pan-Americana em 10 de Outubro desse ano, com a significativa manchete «Brasil assume a liderança da América Latina», assinalando como antecedente uma carta do presidente Juscelino a Eisenhower, e a exposição que o próprio presidente brasileiro fez às Forças Armadas em 17 de Julho.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 107

grupos próximos ao poder político brasileiro em se introduzir e influenciar mais nos Estados Unidos.

Da Cal, pois, aparecia como figura central para a frutificação de um projeto nacional do maior enlevo para grupos de muito diferentes campos de atividade brasileira, o que lhe suporá continuados reconhecimentos[8].

Assim, em 17 de Abril de 1959, uma fotografia sua e de Carleton Sprague-Smith (apresentado este como o outro grande impulsionador do Instituto Brasileiro nova-iorquino) ocupava a capa de *Visão*, que dedicava ampla reportagem aos dois no interior. Nesse lugar reiterava-se novamente que Da Cal «para a Editôra Aguilar preparou uma introdução crítica à edição das obras completas de Machado de Assis, que será lançada em 1960». Também com Sprague-Smith foi convidado para participar na Semana de Estudos Americanos celebrada no verão de 1959 na Universidade do Brasil, no Rio.

Em Agosto, Da Cal recebeu as medalhas de Doutor Honoris Causa da Universidade da Bahia pelo apoio à cultura do Brasil na NYU, e teve participação notável no IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, celebrado nessa cidade[9].

8. Reconhecimento que também recebia na sua própria Universidade. Assim, o Departamento de Espanhol e Português do Washington Square College, da NYU, que ele dirigia, ofereceu-lhe uma homenagem, no clube da Universidade «por el éxito obtenido en su labor de acercamiento cultural entre el Brasil y los Estados Unidos», que «ha dado su fruto» na posta em andamento do Instituto Brasileiro, segundo figura num recorte de jornal conservado no Espólio de Ernesto Guerra da Cal (Sem Autor, II-1959). Nesse lugar informa-se terem assistido «todos los miembros» do Departamento, e intervido no acto o Professor Molina, encarregado interinamente do mesmo, quem salientou a dimensão de Da Cal como docente e investigador e «recordó el significado de Compostela, la eximia ciudad gallega» comparando Da Cal «con un peregrino –caminante— de nuestros días, que porta el mensaje de esa cultura, y como las estrellas, alumbra o deslumbra», indicando nele «las tres cualidades que debe poseer todo profesor, y que se resumen en la personalidad del homenajeado», segundo a definição do presidente da Universidade, Newson. Também intervieram Alceu Amoroso Lima, quem «hizo hincapié en la importancia de la fusión de la cultura brasileño-luso-hispano-americana para la sobrevivencia de la cultura occidental», e finalmente o próprio Da Cal «valiéndose del español y portugués, dio las gracias en emocionadas palabras».

9. Da Cal apresentou um trabalho sobre Eça que foi, com Machado de Assis, o escritor que teve maior atenção dos congressistas, mesmo com algum estudo comparatista entre os dois, como o apresentado por Gaspar Simões, que resultará polémico ao afirmar este crítico tempo depois que Machado da Rosa se alicerçou nele no volume *Eça, discípulo de Machado?* e indicando Da Cal como testemunha. Da Cal teve grande protagonismo neste acontecimento, com enfrentamento com críticos portugueses por diferenças políticas de fundo, mesmo sendo celebrado como poeta ao se estrear uma cantata segundo texto de um seu poema de homenagem ao Colóquio no concerto oficial de encerramento. Estes assuntos, e outros aludidos no presente trabalho, estão focados com mais pormenor num meu outro estudo (Gômez, 2002, sobretudo p. 116 e passim; sobre o relacionamento Da Cal-Brasil veja-se também Gômez, 2003; e Gômez, 2006b). No que diz respeito a esse poema, justamente intitulado «Colóquio», foi publicado em 9 de Agosto no *Diário de Notícias* de Bahia, onde se indicava que pouco antes fora apresentado em sessão da Academia Brasileira de Letras. Em 1959 Da Cal já se tinha dado a conhecer como poeta no Brasil, na revista *A Ordem*, do Rio, onde através de Tristão de Ataíde, nome central do campo da crítica literária do Brasil na altura, o seu trabalho «Serán Mística» fora apresentado como o primeiro poema galego editado nessa publicação.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 108

Em Agosto de 1959 Da Cal recebeu o Doutoramento Honoris Causa pela Universidade da Bahia, na seqüência da celebração do IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, em que teve intervenção de destaque, e em que os estudos literários se centraram em Eça de Queirós e em Machado de Assis.
<Foto cedida por Elsie Allen da Cal>

Com tal ensejo, o *Correio da Manhã* do Rio (Sem Autor, 2-8-1959) informava que: «Na Biblioteca Nacional fez pesquisas sobre Machado de Assis [...] Já tem pronto um estudo sobre *Dom Casmurro*»; acrescentando no mesmo meio estas palavras dele: «Espero obter fundos de alguma fundação para editar em inglês o meu estudo sobre a estilística machadiana», palavras que denunciavam finalidade diferente à primeira intenção, mais alargada e ambiciosa, talvez mesmo de um modo mais próprio do que se esperava dele para os melhores interesses do escritor brasileiro por parte dos grupos que dominavam o Campo da Crítica Literária do Brasil. E poucos dias mais tarde, o jornal *O Estado da Bahia*, em nova entrevista, recolhia estas palavras de Da Cal (Sem Autor, 9-8-1959):

> Tenho a intuição de que Machado tem mais profundidade no seu estilo do que Eça, talvez pela própria visão pessimista do autor de *Dom Casmurro* diversa da de Eça, um otimista que se revela um estilo de fogo de artifício. O escritor brasileiro se escondia num estilo aparentemente neutro, mesmo conservador, que possui elementos de profundidade que atingem o recôndito do ente humano. Creio

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 109

Américo da Costa Ramalho, professor português visitante na New York University, a cônsul brasileira em Nova Iorque Dora Vasconcellos, e Da Cal, no acto celebrado na primavera de 1960 na New York University com ensejo da entrega da condecoração da Ordem do Cruzeiro do Sul pelo Governo do Brasil, em reconhecimento ao apoio da Da Cal à cultura brasileira nos EUA.
<Foto cedida por Américo Ramalho>

> que Machado, no seu tempo, ficou um bocado ao lado da evolução da língua portuguesa, preferindo utilizar-se daquele português que lhe ficou de herança.

Este último depoimento, na Bahia, merece destaque, por se produzir na sequência do IV Colóquio Internacional dos Estudos Luso-Brasileiros, e ter reunido aquele acontecimento a principal intelectualidade dos dois países, para além de lusitanistas de outros lugares, receptores de destaque a que se dirigiam aquelas palavras. Aí transpareceu também a luta política entre os exilados portugueses e a delegação oficial que encabeçava Marcelo Caetano, situação para a qual não foi indiferente Da Cal, de quem a imprensa lembrou a sua condição de exilado e antifranquista[10].

10. Assim se colocando ao lado dos opositores à ditadura em Portugal. Nesse instante, as suas relações com a Administração salazarista, com a que tivera diferenças por não encontrar apoio para os seus projectos na NYU em prol da cultura e as letras portuguesas, tinham melhorado, após encontro com o novo Ministro de Negócios Estrangeiros, Marcelo Matias, conseguindo que Américo da Costa Ramalho, professor da Universidade de Coimbra, se deslocasse para o curso acadêmico que começava em Setembro desse ano 1959 para leccionar na NYU; mas certamente não frutificaram as gestões para estabelecer um Instituto Luso-Brasileiro, como fora a sua intenção durante muitos anos.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 110

Ernesto Guerra da Cal em 1960: esse ano foi, junto com o francês Jean Paul Sartre, Convidado de Honra no I Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, celebrado no Recife, onde o seu estudo sobre a língua e o estilo de Eça de Queirós foi indigitado de modelo para o estudo de Machado de Assis.
<Foto cedida por Elsie Allen da Cal>

Em 1959 publicou-se a anunciada *Obra Completa* de Machado de Assis na Biblioteca Luso-Brasileira da editora Aguilar, mas sem qualquer contributo seu. No entanto, nesse lugar, em um trabalho crítico introdutório, Afrânio Coutinho afirmava (1959:64) que «um estudo geral sobre a estilística machadiana ainda está faltando»; e o próprio Coutinho reproduz parte do relatório apresentado por Antônio Houaiss ao IV Colóquio Internacional antes citado, intitulado «Introdução ao texto crítico das *Memórias Póstumas de Brás Cubás* de Machado de Assis», no qual salientava (Coutinho, 1959: 38-39) que, a respeito do literato brasileiro, «há uma larga tarefa de pesquisa da língua literária por fazer». Quer dizer: dois nomes centrais do campo da crítica literária brasileira asseveravam a necessidade de um estudo de Machado na linha em que se fizera com Eça em LEEQ, que como fica demonstrado interessava muito aos diferentes críticos do sistema literário brasileiro como modelar, o que favorecia a idéia de que alguém com a autoridade de Da Cal se ocupasse, em estudo semelhante, de Machado de Assis. A respeito desse ensaio dacaliano, nesse ano outro reconhecido crítico brasileiro, Aderson de Magalhães (1959), salientara-o como «admirável livro» e afirmara que «o que Guerra da Cal apresenta é coisa completamente nova e que naturalmente terá proporcionado aos cultores da memória de Eça imensa satisfação», incluindo recomendação semelhante à de Freyre em 1954 (ver supra). E ainda nesse ano é de sublinhar novo trabalho favorável ao ensaio no Brasil, publicado após o Colóquio da Bahia, do poeta e crítico português exilado Adolfo Casais Monteiro (1959).

Será, porém, em 1960 quando Da Cal receba o maior reconhecimento como crítico no Brasil, e quando ao máximo nível se admita aquele seu estudo queirosiano como modelar para aplicar a Machado. Aconteceu no Primeiro Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, celebrado no Recife em Agosto. Da Cal foi convidado para participar nesse

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 111

acontecimento em carta enviada pelo Reitor da instituição organizadora, José Alfredo G. Da Costa Lima, datada aos 12-2-1960**,** em que lhe indica: «A presença de Vossa Excelência será considerada como uma alta distinção à Universidade do Recife, tal o mérito da sua contribuição aos estudos literários contemporâneos», solicitando resposta «com a possível brevidade, para tomar as providências relativas a viagem e estadia».

O congresso aconteceu entre 7 e 14 de Agosto e Da Cal foi Convidado de Honra, junto com o francês Jean Paul Sartre. Teve tratamento de grande personalidade em todos os aspectos, mesmo a sua chegada foi noticiada pelo *Diário de Pernambuco* (Sem Autor, 7-8-1960:11)[(11)].

Da Cal teve protagonismo importante. Segundo Eduardo Portella[(12)], ao participar no comentário e debate das comunicações; mas também ao intervir na solene sessão de encerramento, fazendo parte da Mesa, e pronunciando um discurso como representante dos congressistas estrangeiros. Nesse lugar, Da Cal[(13)]:

> Agradeceu, em nome dos seus colegas estrangeiros, a oportunidade oferecida pela Universidade do Recife para um contato tão reve-

11. Até em três páginas diferentes se ocupa nesse mesmo dia este jornal do acontecimento. O mesmo *Diário de Pernambuco* entrevistou Da Cal (Sem Autor, 12-VIII-1960:5). Nesse I Congresso de Crítica e História Literária figuravam como Presidente de Honra o próprio Presidente do Brasil, Juscelino; Vice presidentes de honra, os ministros de Exteriores e Cultura; Comissão de Honra, os Reitores de universidades brasileiras; Presidente executivo e da comissão organizadora, José Alfredo Gonçalves da Costa Lima, Reitor da Universidade do Recife; Secretário Geral, Eduardo Portella; Secretário coordenador, Joel Pontes.

    O convite para participar neste acontecimento como Convidado de Honra confirma a mais alta valorização de que disfrutava Da Cal entre os seus pares brasileiros. O Secretário-Geral do congresso, Eduardo Portella, jovem professor e crítico de ascendência galega, empenhou-se especialmente na sua presença, pois visava-se uma renovação da crítica e dos estudos literários universitários brasileiros, introduzindo a linha do modelo que Da Cal representava. Com efeito, nas sessões discutiu-se sobre o objetivo do ensino da literatura e o modo como devia ser feito; houve debate sobre a crítica literária jornalística e a necessidade de dar maior protagonismo à critica especializada universitária; defendeu-se a necessidade de introduzir a Estilística e a Literatura Comparada, ou de pôr em andamento uma Associação de Críticos, também relacionada com a instituição universitária; e (Leal, X/XII-2002:38) «Foi nesse congresso que as disciplinas Teoria da Literatura e Lingüística foram propostas ao Governo para constar do currículo mínimo dos cursos de letras das universidades brasileiras». Neste trabalho de Leal frisa-se o acerto de Portella por ter convidado Da Cal e Sartre. E não só: uma personalidade do Campo do Poder Político como Jânio Quadros aproveitou a sua intervenção para reclamar um Ministério da Cultura.

12. Assim o testemunha na (Portella: 1964) «Apresentação» dos *Anais* (no início do volume, na terceira página desse trabalho, que está sem numerar). Nesse texto frisa: «foram comunicações comentadas e debatidas, com rara movimentação, por nomes como Ernesto Guerra da Cal, Afrânio Coutinho, Jorge Amado, Sérgio Buarque de Hollanda, Peregrino Júnior, Antônio Soares Amora, Guilhermino César, Wilson Martins, José Aderaldo Castelo, Oscar Mendes, Mário da Silva Brito, Ernesto Faria (que enriqueceu o Congresso com palpitante mesa-redonda sôbre o problema do ensino das línguas clássicas), Adonias Filho, Barboza Mello, José Cardoso Pires, Renato Jobim, Celso Cunha, para citar apenas os mais participantes. Isto sem mencionar a conferencia-debate promovida com Jean-Paul Sartre, e discutida sobretudo pelas novas gerações da Universidade».

13. Este resumo do seu depoimento figura assim recolhido (Glatt, 1964: 63) nos *Anais*.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 112

> lador com aquelas fôrças vivas da cultura brasileira. Disse ainda que essa constatação que fazia não estava acompanhada de nenhuma dose de surprêsa, porque de há muito segue de perto o desenrolar cultural do Brasil e, auxiliado pela sua condição de galego-luso-brasileiro, sempre confiou na realidade e no destino dêste país.

Para além desse papel de destaque, várias das intervenções insistiram na necessidade de se realizar estudos na linha do que ele fizera com Eça de Queirós. Ao respeito são de especial relevo duas das intervenções: a do consagrado Alceu de Amoroso Lima[14], quem enviou uma mensagem para desculpar a «impossibilidade de comparecer pessoalmente ao Congresso», na qual insistia em não ter dissociado, na sua trajetória, crítica e criação, reivindicando essa linha e finalizando com esta frase (Lima, 1964:289): «E, acima de tudo, seja a crítica uma obra de amor», palavras que com certeza lembram a primeira frase da «Nota Prévia» de LEEQ (que começava afirmando: "Este livro é obra de amor"); e, muito em especial Da Cal foi protagonista da comunicação apresentada ao congresso por Sílvio Elia, intitulada «*Sílvio e Sílvia*, uma aproximação estilística». Nesse trabalho, ao analisar esse livro de contos de Machado de Assis, indigitava como modelo LEEQ, que qualificava como (Elia, 1964: 41) «conhecido e valioso estudo», citando diversos exemplos e parágrafos, e fazendo uma análise da língua e o estilo machadianos de teor semelhante. Confirmava-se deste modo, com este exemplo prático tão significativo, como no Campo da Crítica Literária brasileiro era tomada em consideração a metodologia de Da Cal e como se valorizava de interesse para ser aplicada para o estudo de Machado, o escritor nacional mais canonizado, emblema da Academia Brasileira de Letras. A intervenção de Elia era, com certeza, um novo apelo ao mestre galego / norte-americano para que tivesse dedicação às letras brasileiras e nomeadamente a Machado[15].

Após finalizar o congresso de Recife, Da Cal deslocou-se para o Rio de Janeiro e proferiu palestra na salão nobre da Faculdade de Filosofia sob o tema "Tempo, espaço e realidade no Dom Quixote", segundo figura em

14. Outro notável consagrado, igualmente ausente mas que enviou comunicação dos "melhores votos pelo brilho dêsse oportuno Congresso" foi Antônio Cândido, segundo relata Eduardo Portella (1964, na página 2, sem numerar) nos *Anais*.

15. Nos *Anais*, e segundo ata lavrada e assinada por Lucilo Varejão (1964:45), consta que esta intervenção de Sílvio Elia aconteceu no dia 12 de agosto, de tarde, em sessão presidida por Soares Amora. Após o resumo de Elia assinala que "Em aparte, o Professor Afrânio Coutinho ressalta a seriedade do trabalho do Professor Sílvio Elia, elogiando-lhe o valor estilístico, no que é acompanhado pelo Professor Eduardo Faria. Ambos pedem um voto de louvor ao trabalho, que é aprovado por todos". Um parágrafo que reforça ainda mais a ascendência da estilística de teor dacaliano no Brasil, pela defesa realizada por dois dos vultos mais significados, e legitimadores, da universidade, como o eram na altura Coutinho e Faria.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 113

recorte de uma notícia que se conserva no espólio, mas de que não consta data nem meio em que foi publicada. Nela indicam-se dados sobre a biografia de Da Cal, apresentado como "poeta e crítico galego"; e informa-se que "há cerca de um ano, começou a preparar um livro sobre Machado de Assis, com objectivos e técnicas semelhantes aos do que dedicou a Eça de Queirós".

O congresso, com efeito, supôs o início de novos rumos na crítica e nos estudos literários brasileiros, o mesmo que aconteceu na América Latina. Como assinala Eduardo Coutinho (2003: 117):

> Na América Latina, os estudos literários sofreram uma grande transformação nas décadas de 1960 e 1970, passando do periodismo para o meio académico e das mãos dos críticos em geral para as de professores e pesquisadores universitários. Tal transformação, contudo, se por um lado deu ensejo à profissionalização desses estudos, substituindo um tipo de apreciação diletante pela investigação sistemática da literatura, por outro levou a uma mistificação da disciplina acadêmica, que adquiriu foros de ciência.

Aquela participação com tanto destaque no Recife acontecia num ano muito convulso na biografia de Da Cal, em que o Brasil lhe forneceu muitas alegrias, enquanto a sua posição na NYU começava a enfraquecer e colocavam-se os alicerces para a sua saída da instituição quatro anos mais tarde[16]. Para além do reconhecimento como crítico, também era valorizado como poeta, e o seu primeiro poemario, *Lua de alén Mar*, fora

16. As desavenças produziram-se por lutas para o controle acadêmico na instituição e ao não aceitar Da Cal a perda da independência, segundo explicava em carta a Machado da Rosa datada em Março desse ano. No Brasil, porém, tudo era favorável para os seus interesses: em Março foi-lhe entregue a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, com a que o condecorara o Governo brasileiro; e também nesse ano foi distinguido com a Medalha Padre Anchieta, da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura do Distrito Federal do Rio, e como Cidadão de Honra do Rio. Além disso, tinha bom andamento o Junior Year no Brasil, que começara no ano anterior, e que supunha a imersão de um grupo de estudantes norte-americanos em diversos centros brasileiros para completarem a sua formação, o que representava uma novidade no campo da pedagogia. Do Brasil recebera convites dos portugueses Adolfo Casais Monteiro e Jorge de Sena para preparar volumes sobre Eça para as editoras Civilização Brasileira e Agir, em que trabalhavam aqueles intelectuais; e do livreiro e também editor carioca Antônio Pedro Rodrigues igualmente para preparar uma edição de Eça, embora nenhum dos três projetos se concretizou, por diferentes motivos. Estabelecera novos contatos, entre eles com Francisco Casado Gomes, da Universidade de Rio Grande do Sul, quem lhe oferecia colaboração; e mantivera outros anteriores com vultos como Érico Veríssimo, Agbar Renault, Paulo Cavalcanti, Afrânio Coutinho, o editor José Aguilar, ou Hélio Simões, da Universidade da Bahia, quem em carta de Fevereiro de aquele ano lhe comunicava a boa disposição para organizar um centro de estudos galegos nessa cidade, projecto que tinha promovido Da Cal no Colóquio Internacional dos Estudos Luso-Brasileiros do ano anterior, e que se concretizará com a participação de outros dois professores, os portugueses Alberto Machado da Rosa e, sobretudo, Agostinho da Silva. Ainda em Dezembro desse 1960 Da Cal viajará a São Paulo, onde estabelecerá contato com o futuro presidente Fernando Henrique Cardoso, entre outras personalidades académicas e intelectuais, com ensejo da nova edição do Junior Year da NYU. Na revista

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 114

elogiado pelo acadêmico, crítico e poeta já consagrado Manuel Bandeira[17] na sua coluna habitual do *Jornal do Brasil*; e resenhado em trabalho assinado nesse mesmo ano por «S.L.» na seção de crítica literária de *O Jornal do Comércio* paulista. Na década de 60 LEEQ continuou como referência no campo da crítica literária brasileira[18], com recepção em diferentes estudos, e também prosseguiu a atenção, ativa e passiva, para a produção poética de Da Cal[19], de quem se difundem composições em publicações especializadas como o *Jornal de Letras* do Rio.

3. Renovar as expectativas.

Aquela expectação do anúncio do trabalho sobre Machado entre 1958-1960 manteve-se, e renovou-se em 1970, o segundo momento de maior projeção brasileira de Da Cal, pois em Janeiro desse ano interveio em dois ciclos de conferências e foi apresentada a tradução brasileira de LEEQ na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Nas palestras houve alusões a Machado: Na primeira delas, intitulada «O impacto da cultura brasileira nos Estados Unidos», referiu-se às versões do produtor brasileiro nos Estados Unidos, desde 1952, salientando ser o primeiro tradutor «o meu amigo William Grossman[20], que nessa altura era

Clã, da Universidade do Ceará, publicou-se também um seu depoimento em que explicava a sua visão do Brasil, e onde compartilhava espaço com o brasileiro Jorge Amado e com o exilado português Adolfo Casais Monteiro.

17. Bandeira, junto com Cecília Meireles, foi traduzido para inglês e apresentado com texto de Da Cal esse mesmo ano na antologia *The Poem Itself*, publicada nos Estados Unidos, sob coordenação de Stanley Burnshaw: difundia 13 produtores franceses, 5 alemães, 16 hispanos e luso-brasileiros, e 11 italianos. Também Da Cal estudava e traduzia nesse livro dois poemas de Fernando Pessoa: era a primeira vez que se traduziam para inglês este produtor português e aqueles dois brasileiros. Essa antologia também mereceu dois artigos de Bandeira (VI-1960) na imprensa brasileira. Há que frisar igualmente a versão que este poeta realizou (Bandeira, 1965) de dois poemas de Da Cal.

18. E também no campo literário. Assim, Franklin de Oliveira assinala em artigo publicado em 19 de Novembro de 1978 na *Folha de São Paulo*, citado por Corbacho Quintela (2001: 2) ser Guimarães Rosa «quem me chamou a atenção para esse livro». Entre os críticos que se ocuparam de LEEQ nessa década, antes e depois da versão brasileira, encontram-se Eduardo Portella (1965, em trabalho que também foca a poesia de Da Cal), Othon M. Garcia, Wilson Martins, Euryalo Cannabrava, Artur de Almeida Torres, Correia Sá, Fausta Herrera, Renato Bittencourt, Wilson Sousa, e outros que assinaram com iniciais ou pseudônimos. Exceto Silveira Bueno, que redigira uma crítica muito negativa, os restantes contributos ofereceram valorização positiva do estudo, demandando-se em ocasiões a anunciada segunda parte do mesmo.

19. Entre os trabalhos elogiosos para sua poesia, quer do poemário de 1959 ou do posterior, *Rio de Sonho e Tempo* (1963), merecem destaque os de Antônio Oliveira Coelho (1965) no *Jornal de Letras* do Rio e o de Estella Glatt (1963), tradutora brasileira de LEEQ, em *Tempo Brasileiro*. Nesta revista é de salientar ainda um demorado estudo de Euryalo Cannabrava (1969), de uma vintena de páginas, em que compara a poesia de Da Cal com o trovador Bolseiro e com Garcia Lorca.

20. Esse ano e o seguinte Grossman publicou as versões para inglês de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro*. Informa também da tradução, em 1954, de *Quincas Borba*, por Clotilde Wilson; em 1955 de *Esaú e Jacó* por Helen Caldwell; e uma antologia de contos, preparada por Grossman e Caldwell em 1963. Caldwell é também autora de pesquisas sobre Machado, sobretudo a sua Tese de Doutoramento defendida nos Estados Unidos e subordinada ao título *The Brazilian Othello of Machado de Assis: A study of Dom Casmurro*, considerada referencial entre os estudos e estudiosos machadianos.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 115

também meu colega na New York University». Informava de outras publicadas até aquele momento, e de referências muito elogiosas de críticos dos Estados Unidos sobre o produtor brasileiro, concluindo (Da Cal, 1970; e 2003: 213, cito por esta mais recente reedição desse trabalho):

> Sabemos que esta equipa de machadófilos, ou talvez seria mais exato chamá-los "machadólatras", planejam entregar ao público mais gêmeas do minério do grande efabulador dos abismos da psique humana. O facto incontrovertível é que Machado de Assis é hoje já reconhecido como um clássico do romance internacional nos meios literários e críticos dos Estados Unidos –e além disso, tem um quantioso público de leitores, como demonstram as edições repetidas das suas obras–, isto é, o sucesso é simultaneamente minoritário e maioritário, coisa, como sabemos, nada vulgar.

Poucos dias depois proferiu um ciclo de três conferências sobre «Problemas do romance cervantino e a sua projeção no romance ibérico», ocupando-se em todas elas de questões de Machado e Eça. Nessas palestras afiançou a sua doutrina sobre o cânone da narrativa, que teria como centro Cervantes, cujo magistério fora seguido por estes dois produtores, entre outros muitos. Assim, em «Tempo e espaço como tema e como técnica no Dom Quixote» frisa (Da Cal, 1973: 15 e 31) a

> ironia admirável [de *Dom Quixote*], pela qual, aludindo ao caráter forçosamente intérmino, ou interminável, de todo o relato autobiográfico, pela impossibilidade do herói de contar a sua própria morte –(milagre este realizado, porém, por Moisés na Bíblia e por Brás Cubas[21])— põe-se de relevo o problema da identidade da vida contada e vida vivida, a equação discrepante de vida literária e vida real, personagem e pessoa, que deveriam acabar ao mesmo tempo, visto o personagem haver de existir até o último suspiro da pessoa. [...]
>
> Cervantes abriu todos os rumos e explorou todas as rotas que haveriam de percorrer Dostoievski e Melville, Proust e Pirandello, Unamuno e Gide, Machado de Assis e Eça de Queiroz.

21. Isto vem significar que está colocando a personagem de Machado de Assis como superior à produção de Cervantes nesta questão. Apesar de ocupar o centro sistémico na visão dacaliana, Cervantes é ultrapassado em certos elementos repertoriais. No caso de Eça, em LEEQ assinalara ser melhor o tratamento da figura do zeugma no produtor português que em Cervantes. Eça e Machado, apesar de devedores do autor hispânico, melhorariam portanto a sua herança; não se daria pois plágio. O conceito de plagiato foi especialmente combatido por Da Cal no trabalho apresentado no IV Colóquio Internacional da Bahia em 1959, antes citado; trabalho publicado em 1961, em francês, na *Revue de Littérature Comparée*.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 116

Na segunda conferência, «Fronteiras de vida e ficção no *Dom Quixote*», a respeito da separação do tempo pessoal e do tempo objetivo, afirma (Da Cal, 1973: 41) que «Com Benengeli como instrumento, Cervantes pode praticar a técnica que Mendilow chama de "split-time" ou "Shift-time", técnica esta favorita de Sterne, que Machado de Assis cultivou e que fascinava Thomas Mann», concluindo neste trabalho (Da Cal, 1973: 63): «Cervantes demonstra ser o maior artífice do tempo e de todos os tempos». E no terceiro estudo, «*A Relíquia*, romance picaresco e cervantesco», trabalho central para a consolidação do novo discurso sobre Eça[22], assinala (Da Cal, 1973: 94):

> O verdadeiro satírico, como Cervantes, como Eça, como Machado de Assis, é sempre um padre laico que tem uma ampla visão e compreensiva das potencialidades sonhadoras do homem. [...] *A Relíquia* é entre todas as suas obras [de Eça] traduzidas aquela que a crítica alheia considerou como mais universal –quiçá porque, como Cervantes, ou como Machado de Assis, Eça soube nela infundir de validade super-espacial e super-temporal os elementos substantivos da sua cultura e do seu tempo.

Observa-se bem nestes trabalhos a persistência na linha estilística e comparatista de LEEQ.

Estas intervenções tiveram importante repercussão na imprensa. Entre elas, em entrevista no *Jornal de Letras* do Rio, assinada pelo diretor, Elysio Condé, novamente anuncia Da Cal, em Janeiro de 1970, o estudo de Machado de Assis, deste modo:

> É um projeto que acalento há muitos anos e venho me debruçando sôbre o grão mestre do romance brasileiro e universal. Julgo que o estilo de Machado de Assis, mais hermético e difícil de analisar e dissecar do que o eciano, está pedindo uma análise em profundidade.

Palavras que procuram chamar a atenção para a validade e atualidade do seu método apesar dos 16 anos decorridos da primeira edição de LEEQ, e da sua necessidade para aplicá-la ao produtor brasileiro. Confirmará a especialização machadiana em nova entrevista, publicada em abril por Lilia Pandolfi no *Jornal de Ipanema*. E merece destaque o

22 Desta conferência ocupo-me no volume antes citado (Gômez, 2002, sobretudo nas pp. 168 e seguintes); e dediquei um trabalho específico, publicado na revista *Queirosiana* (Gômez, 2006a).

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 117

trabalho assinado, em 18 de Junho, no *Correio da Manhã* do Rio de Janeiro, por Edilberto Coutinho, intitulado «Guerra e Eça –Machado é mais difícil», onde se afirma que Da Cal, após o lançamento da tradução brasileira de LEEQ «dedica-se agora a estudos que visam um levantamento de igual envergadura sôbre Machado de Assis», e atribui a Da Cal as mesmas palavras, exatas, sobre o estilo de Machado e Eça e a necessidade de «análise em profundidade», como tinha recolhido em Janeiro o *Jornal de Letras*. Coutinho qualifica LEEQ de «livro indispensável», e conclui: «e venha o Machado, mestre Ernesto, com a mesma fôrça criadora, que nunca está ausente da melhor crítica». Para além de jornalista, Coutinho era produtor literário e verifica-se neste trecho final a penetração no campo literário de elementos do campo da crítica literária, na linha de Da Cal[23]. A persistência da atenção continuada dos meios a este assunto cultural demonstra o interesse do ponto de vista social para reforçar Machado de Assis como elemento identitário.

As conferências de 1970 foram publicadas em 1973 pela Faculdade de Letras da UFRJ, com prefácio de Afrânio Coutinho, elemento de consagração e legitimação, em que se indica (1973: 8), após elogiar a sua trajetória: «Atualmente, projeta ampliar as suas investigações pelo universo novelesco de Machado de Assis». Evidência de como os especialistas acreditavam nesse fato e esperavam que se materializasse.

Anos mais tarde[24], em 9 de agosto de 1975[25], difunde-se um amplo trabalho de António Carlos Villaça no *Jornal do Brasil*, intitulado «Ernesto Guerra da Cal entre Eça e Machado» —recolhido em 1976 no volume

23. Também Ibrahim Sued salienta nesse ano na sua popular coluna social, no jornal *O Globo*, o fenômeno da «machadolatria» nos Estados Unidos, assinalado por Da Cal na primeira conferência, publicada posteriormente em jornais de Recife e de Porto Alegre.

24. Em 1974 publica Da Cal crítica do romance *Lusco Fusco*, do português Pablo La Noche (pseudônimo), em *Colóquio Letras*. Nesta revista portuguesa volta ao comparatismo Eça-Machado, pois assinala haver nessa narrativa «*humour*, de índole mais machadiana do que queirosiana, mais no conceito do que na verbalização, e que joga com as idéias, com os sentimentos e com os temas, o autor paira sobre o seu cosmos de ficção, ironizando o narrador e a narração».

25. Da Cal passou esse ano férias no Brasil. Com tal ensejo, de novo Ibrahim Sued, na sua coluna social de *O Globo*, testemunhou em Julho se encontrar «circulando no Rio o maior conhecedor mundial da obra de Eça de Queiroz». E em 14 de Setembro, em nova crônica, refere a despedida que lhe fizeram alguns dos principais vultos da crítica e do queirosianismo, deste modo: «o casal Altair de Souza ofereceu um almoço em mesas de quatro lugares, puxado a fados e guitarradas, ao professor luso-brasileiro-galaico Ernesto Guerra da Cal e sua mulher Ela [sic, erro por Elsie], ambos de partida para Nova York. [...] Presentes imortais Luís Viana, Antonio Houaiss, Francisco de Assis Barbosa, Viana Moog [...]. E mais: Marcio Burlamaqui, Waldemar Cavalcanti, o casal Guilherme Figueiredo, o luso Luiz Forjaz Trigueiro[s], o ex-ministro de Educação de Portugal Adriano Moreira e Sra., Sras. Lucy Bloch e Betty Lage, Roberto da Silva Ramos e outros que ficam na geladeira». A aparição nas colunas de Sued confirma a transferência para outros campos e popularidade.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 118

Literatura e Vida—, ilustrado com grande foto de Da Cal, escoltada significativamente por desenhos de Eça na parte superior e de Machado na inferior, com a explicação: «Depois de uma vida dedicada a Eça de Queiroz, Ernesto Guerra da Cal volta-se agora para Machado de Assis». Villaça, reputado produtor ligado à literatura e ao jornalismo, refere-se a LEEQ como «livro clássico». Na apresentação do trabalho anuncia que Da Cal «se volta para Machado de Assis, que considera maior do que Proust [...] há seis anos, estuda Machado e deseja escrever um estudo crítico sobre o seu estilo». Aí Da Cal refere-se à crítica de Machado aos primeiros romances de Eça, para comparar estes dois produtores:

> me parece [a crítica de Machado a Eça] injusta, frágil de argumentação. As sensualidades do Eça magoaram a timidez elefantina de Machado. Pudícia. Machado reagia contra o realismo. Temia o realismo. [...] E saíram dois brasileiros em defesa do Eça, e sob pseudónimo. Devotou Eça enorme admiração não correspondida a Machado. Fria, muito fria, a crónica da *Gazeta de Notícias*, assinada por Machado de Assis quando da morte de Eça, em 1900. De Bristol, Eça respondeu à crítica de 1876 amistosamente, num tom cordial. [...] E não se conhece resposta de Machado. No livro de Machado, aquela dedicatória seca célebre *–A Eça de Queirós, Machado de Assis*. [...]
>
> São duas ironias diferentes. [...] Machado é um continuador da língua literária. Eça é um renovador dela. [...] Dois ápices. Não há comparação. Eis os dois maiores ironistas da tradição hispânica, depois de Cervantes. Eça, extrovertido, conversador, mimético, embora tímido. Machado, puramente introvertido [...] Eça é mais fácil. Há uma retórica perfeitamente captável no plano verbal. Eça tem uma pirotécnica fácil. Machado de Assis é profundo. A profundeza de Machado me impressiona. Machado é um purista, ao contrário do Eça. Eça e Machado são os dois maiores ironistas da língua. São duas ironias diferentes. A ironia em Machado é transverbal. É toda metafísica. O estilo de Machado é mais difícil de se lhe enterrar o dente.
>
> Machado é um continuador da língua literária, Eça é um renovador dela. Em Machado a ironia não atinge as fórmulas da linguagem. Por baixo da pureza verbal, da elegancia ou do comedimento, está a profundidade da exploração da alma humana. As personagens de Machado são misteriosas. São pessoas. Não são tipos. Eça cria tipos.

Afirma serem Eça, Machado e Cervantes «três desígnios que me fascinaram» e que «Meu escritor preferido, entre os mortos, é Machado

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 119

de Assis»; e reitera a idéia, exprimida com anterioridade em jornais, de que «quero vir morar no Brasil» ao se aposentar. Pode se observar o afã canonizador e como insiste na mesma linha de análise.

Outro depoimento da altura é a entrevista com José Carlos Borba, do *Jornal de Letras* do Rio de Janeiro, também em agosto de 1975, publicada com o antetítulo «Guerra da Cal, poeta e crítico literário, autor de notável estudo sobre Eça de Queiroz vai fazer pesquisas sobre a língua e estilo de Machado de Assis». Recolhe este depoimento de Da Cal, também de interesse comparatístico:

> Machado de Assis, sendo no original um escritor de conceitos, é um escritor neutro na tradução para o inglês, enquanto a linguagem de Eça de Queirós é tão espetacular no inglês como no português, com suas ondas de frases. Os americanos admiram, principalmente, em Machado de Assis, a estrutura de romancista, tendo-o por um notável inovador, criador do romance ambíguo, de que é modelo *Dom Casmurro*. A captação artística das ambivalências humanas, e suas implicações na estonteante tentativa de avaliação de situações que se espraiam ao social, é fenômeno moderno, de reações múltiplas que tanto se busca interpretar no campo da psicologia e da psiquiatria quanto com elas se defrontam todos no campo crescente dos conflitos imprevisíveis. Machado de Assis, correto, clássico, elegante, escritor de linguagem fixada e lúcida, avançou, sem dúvida, revolucionariamente no estudo do caráter humano, fluente e indefinido. Isto é apaixonante e apaixona os leitores de seus romances, conferindo a estes o mérito das criações adiantadas ao tempo e inerentes à dúbia percepção do mundo pelos homens.

Já não haverá novas referências no Brasil a esse projetado empreendimento[26] de Ernesto Guerra da Cal para estudar Machado.

26. Nessa ocasião falou da *Bibliografia Queirociana*, que começaria a se publicar em breve pela Universidade de Coimbra, em seis volumes, com mais de 3.000 páginas e 14.000 verbetes no total, editados entre 1975 e 1984. Nesse repositório, muito valorizado pela crítica internacional, Machado tem muita presença, sendo um dos que figura em mais verbetes: 7 do primeiro volume, 86 entre os dois tomos do segundo, 11 do terceiro e 19 no quarto; 123, pois, no total. Aí ocupa-se do relacionamento entre os dois produtores e de como foi focado pela crítica. O conhecido trabalho de Machado assinado como Eleazar em que criticava o realismo de Eça, acusando-o de plagiário de Zola, com a polêmica que suscitou, relatando defensores das duas posturas; a resposta de Eça, no prefácio da edição posterior de *O Crime do Padre Amaro* e em carta particular, com a reprodução destes trabalhos por diferentes autores; a presença de Machado na missa solene organizada no Rio em honra a Eça aquando a sua morte, em que foi representante da Academia Brasileira de Letras; trabalhos de críticos que viam influência de Eça em Machado e vice-versa; comparatismo do ironismo, humorismo e de outras questões da produção dos dois (como *O Enfermeiro* e *O Mandarim*, ou *O Crime do Padre Amaro* e *Dom Casmurro*); reprodução de cartas de Machado de Assis a Carlos Magalhães de Azeredo ou a H. Chaves, e do editor Ernesto Chardron e Domício da Gama a Machado, em que há

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 120

Só em 1981, quando se tinham por fim editado os primeiros tomos do projeto da *Bibliografia Queirociana*, publicou Da Cal trabalho machadiano, com focagem das metodologias estilística e comparatista que defendia: «A realidade conjectural num relato de Machado de Assis: "A Missa do Galo"». Editou-se em Portugal, num volume de homenagem a Rubém Andressen Leitão. Aí defende (Da Cal, 1981:139)

> acontece que Machado de Assis é um grande artista, cuja personalidade ressalta entre os melhores romancistas do moderno mundo ocidental como talvez o do parente espiritual mais afim com o criador da arte que ele cultivou: Cervantes. Distingue-se Machado por um traço que é capital em toda a sua arte narrativa. Este traço ou característica é o que poderíamos chamar o equívoco sistemático, a ambiguidade como método de representar e recriar a realidade virtual

Afirma que o gênero do conto atingiu com ele (Da Cal, 1981: 140) «a altura máxima nas modernas letras luso-brasileiras –e talvez nas universais», e diferencia no conto machadiano várias tendências, que relaciona com as tradições oriental e medieval, com Hoffman, com Villiers de L'Isle Adam, com Poe e outros, embora «entre os melhores» estejam alguns «que qualificaríamos de "machadianos"». Valoriza «Missa do Galo» como (Da Cal, 1981: 141) «um dos seus relatos magistrais». Refere que Machado «conhecia muito bem os romances picarescos do Século de Ouro» e ainda nessa mesma página insiste que nesta narrativa «Machado está de facto reagindo contra o chamado «realismo» de escola e antecipando formas contingenciais de ficção que só viremos a encontrar em romancistas como Virgínia Wolf ou Faulkner». Após analisar o conto –um «leve incidente, belíssima e ambiguissimamente desenvolvida»–, conclui (Da Cal, 1981: 144): «Eis as notas essenciais da arte hermética, profunda, misteriosa e inquietadora

referências a Eça; encenações de Eça no Rio, ou como Machado de Assis foi requerido para defender os direitos do produtor português perante edições piratas; mesmo notícia de uma pesquisa literária organizada no Rio em 1893, em que os romances de Eça *Os Maias* e *O Primo Basílio* aparecem como preferidos do público, e só em terceiro lugar *Memórias Póstumas de Brás Cubás* de Machado, ocupando o quarto lugar *A Relíquia* de Eça e o quinto *A Mão e a Luva* de Machado. São assuntos que se tratam com informação precisa e com pormenor em ocasiões, nesta obra hoje de consulta preferencial entre os queirosianos. Nomes como Augusto Pissarra, Lúcia Miguel Pereira, Josué Montello, José Augusto, Waldemar de Oliveira, Gaspar Simões, Wilson Martins, José Pereira de Sampaio «Bruno», Raimundo Magalhães Júnior, Camilo Castelo Branco, Joaquim Paço d'Arcos, Mário de Alencar, Sônia Brayner, José Brito Broca, A. Fonseca Pimentel, Lopes de Gomensoro, Rafael Bordallo Pinheiro, Henrique Chaves, Afrânio Coutinho, José Souza Ferreira de Araújo, Alberto Machado da Rosa, José Pereira Tavares ou Luís de Andrade aparecem entre os críticos e os objetos de estudo que, em diferentes maneiras, intervieram para o relacionamento dos dois produtores.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 121

de Machado de Assis, que, como no início dissemos, tão fortemente evoca as polivalências de conjecturabilidade do cosmos novelesmo cervantino». Mantém, pois, nesse lugar, a metodologia defendida em trabalhos anteriores, quando no campo da crítica literária já dominavam outras, e visa canonizar Machado salientando a sua originalidade estilística e comparando-a com produtores de clara referência internacional no conto. Não cita ninguém, nem oferece bibliografia, reivindicando assim mais uma vez a validade da sua metodologia e a ausência na aplicação a Machado.

A crítica machadiana conheceu entretanto contributos de relevo como os de Raymundo Faoro em 1974, Roberto Schwarz em 1977 (e posteriormente em 1991), ou John Gledson já mais adiante (em 1984 em trabalho original inglês, traduzido em 1991 no Brasil), por indicar alguns dos mais citados, de teor bem diferente ao trabalho de Da Cal, pois utilizam mais outros elementos, sociológicos e políticos.

4. Conclusão.

O labor comparatístico Eça-Machado continua como um âmbito do maior interesse, como o demonstra, v. gr., o colóquio celebrado na segunda quinzena de Setembro de 2003 em São Paulo, com presença de reputados especialistas e 230 participantes, sob organização das universidades PUC/SP e UNICAMP. Nesse foro internacional, segundo notícia do *Jornal de Letras* português, os conferencistas (Sem autor, 1/10/2003) «dedicaram as suas intervenções aos textos não ficcionais dos dois grandes mestres da língua portuguesa, debruçando-se sobre crónicas, prefácios, críticas literárias, textos de intervenção e jornalísticos».

Porém, o estudo estilístico e comparatístico de fôlego, tantas vezes anunciado por Da Cal, na linha do que fizera ele com Eça, nunca se cobriu na bibliografia machadiana[27].

Podemos concluir portanto que o anúncio desse trabalho, pela expectativa que criou, ajudou para a projeção de Da Cal no Brasil, contribuindo para que crescesse o seu capital simbólico e prosperasse nos campos Literário, da Crítica Literária e mesmo no profissional, por causa do prestígio que conseguira após a publicação de LEEQ. Este estudo estilístico-comparatístco, e a posterior *Bibliografía Queirociana*

27. No entanto, não se esquece. Em Agosto de 2003, em diálogo com Eduardo Portella, este ensaísta e membro da Academia Brasileira de Letras aludia a esse projeto assinalando que talvez pudesse encontrar-se inédito. No entanto, no espólio de Da Cal conservado em Lisboa pela viúva, Elsie Allen da Cal, verifiquei que não existe.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 122

foram fulcrais para o processo de canonicidade de Eça de Queirós e contribuíram para consolidá-lo também a ele como referência internacional do queirosianismo, lugar que hoje não lhe é discutido, ocupando o centro dos estudos queirosianos.

Estamos, pois, perante um exemplo da complexidade do campo literário, de como ultrapassa as fronteiras nacionais, da relação entre os interesses culturais e econômicos, e da maneira como se dá uma evolução do campo em função da autoridade de certos produtores. Neste caso, o ter anunciado Da Cal o projeto de Machado de Assis, com valorizações muito canonizadoras do produtor brasileiro, e em que mesmo frisava a sua superioridade sobre Eça, talvez contribuísse para desativar que outros estudiosos se colocassem a possibilidade desse trabalho, por ser ele pessoa indicada e prestigiada pelo estudo de LEEQ, e também pela sua alta valorização nos campos político e intelectual do Brasil, o que fazia muito difícil que outro se atrevesse com esse empreendimento.

Passou o tempo da estilística na linha da metodologia que ele defendia, e Machado ficou sem estudo dessa perspectiva. O anúncio de um trabalho que não pôde ser realizado (não só os produtos têm incidência, pois; merecem ser valorizados, como neste caso, os projectos que não prosperaram, talvez pela impossibilidade de tempo na vida para a dedicação que anunciara) serviu-lhe no entanto a Ernesto Guerra da Cal para progredir e, afinal, fez com que Machado de Assis também contribuísse para maior reconhecimento de Eça, ao ser indicado o ensaio de LEEQ como modelo para o estudo do literato brasileiro.

5. Bibliografia.

Trabalhos assinados:

ALBUQUERQUE, Moacyr de, (4-VIII-1957), Eça de Queirós e a Estilística, Recife, *Diário de Pernambuco.*

BANDEIRA, Manuel (19 e 22-VI-1960), "Uma antologia diferente", Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, p. 3.

BANDEIRA, Manuel, (21-XII-1960), "Um poeta galego", Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*.

BANDEIRA, Manuel, (VIII-1965), "Compaixão" e "Enigma" (versão de dois poemas de Ernesto Guerra da Cal), Rio de Janeiro, *Jornal de Letras*, p. 7.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 123

BORBA, José Carlos, (VIII-1975), "A Expansão da cultura luso-brasileira nos States", Rio de Janeiro, *Jornal de Letras*.

BOSI, Alfredo, (1997), *História concisa da Literatura Brasileira*, São Paulo: Cultrix (3ª edição, 16ª tiragem).

BUENO, Silveira, (I/III-1956), "Língua e Estilo de Eça de Queiroz", São Paulo, *Jornal de Filologia*, Vol. IV, Fascículo I, pp. 67-69.

BURNSHAW, Stanley, (1960), *The Poem Itself*, Nova Iorque, Rinehart and Winston.

CANNABRAVA, Euryalo, (1968), "Comunicação Poética: Forma e Ritmo Vocabular", Rio de Janeiro, *Tempo Brasileiro*, nº 19-20, pp. 57-78.

COELHO, António de Oliveira, (II-1965), "A Lírica de Ernesto Guerra da Cal", Rio de Janeiro, *Jornal de Letras*, p. 11.

CONDÉ, Elysio, (I-1970), "Entrevista especial para JL: Professor Guerra da Cal de City

University of New York", Rio de Janeiro, *Jornal de Letras*, nº 235.

CORBACHO QUINTELA, Antón, (2001), *A canonização de Sagarana*, (Memória de Licenciatura inédita), Universidade de Santiago de Compostela.

COUTINHO, Afrânio, (1959), "Estudo Crítico. Machado de Assis na Literatura Brasileira", in *Obra Completa de Machado de Assis*, Vol. I, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, pp. 23-65.

COUTINHO, Afrânio, (1973), "Ernesto Guerra da Cal, poeta e crítico", in Da Cal, Ernesto Guerra, *Problemas do romance cervantino e a sua projeção no romance ibérico*, Rio de Janeiro: UFRJ, pp. 7-8.

COUTINHO, Edilberto, (18-VI-1970), "Guerra e Eça Machado é mais difícil", Rio de Janeiro, *Correio da Manhã*.

COUTINHO, Eduardo F., (2003), *Literatura Comparada na América Latina*, Rio de Janeiro, Editora da Universidade do Estado de Rio de Janeiro.

DA CAL, Ernesto Guerra, (VII-1941), carta a Eduardo Blanco Amor, Ourense, Biblioteca da Deputaçom Provincial. (2002), (reproduzida in Pérez Rodríguez, Luís, "Oito cartas de Ernesto Guerra da Cal a Eduardo Blanco Amor", *Ernesto Guerra da Cal. Lonxe da súa terra matricial*, Ferrol en tempo de hisoria. Recuperación da nosa memoria história, Concello de Ferrol, pp. 89-110).

DA CAL, Ernesto Guerra, (1944), "*Eça de Queiroz e o século XX*, de Clodomir Vianna Moog", Nova Iorque, *Revista Hispánica Moderna*, Columbia University.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 124

DA CAL, Ernesto Guerra, (II-1946), "Ensaios de Crítica. Por Guilherme Moniz Barreto", Nova Iorque, *The Romanic Review*, Vol. XXXVII, pp. 96-97.

DA CAL, Ernesto Guerra, (1947), "Eça de Queiroz", in *Columbia Dictionary of Modern European Litertura*, Horatio Smith (ed), Nova Iorque, Columbia University Press.

DA CAL, Ernesto Guerra, (21-VII-1952), "*Epitaph for a Small Winner*, by J. M. Machado de Assis", para A Voz de America.

DA CAL, Ernesto Guerra, (1952-1953), "Machado de Assis" e "Portuguese Literatura", Nova Iorque, *Colliers Encyclopedia*.

DA CAL, Ernesto Guerra, (1954) *Lengua y Estilo de Eça de Queirós*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, (tradução portuguesa: Lisboa, Aster, 1967, realizada por Helena Cidade Moura; tradução brasileira: Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1969, de Estella Glatt; tradução portuguesa "definitiva": Coimbra, Almedina, 1981, de Elsie Allen da Cal de colaboração com o próprio autor).

DA CAL, Ernesto Guerra, (IV-1959), "Serán Mística", Rio de Janeiro, *A Ordem*.

DA CAL, Ernesto Guerra, (9-VIII-1959), "Colóquio", Bahia, *Diário de Notícias*.

DA CAL, Ernesto Guerra, (1959), *Lua de alén Mar*, Vigo: Galaxia.

DA CAL, Ernesto Guerra, (III-1960), carta a Alberto Machado da Rosa, Évora, Espólio Machado da Rosa conservado pela viúva Aldegice Machado da Rosa.

DA CAL, Ernesto Guerra, (V-1960), "Depoimento", in "Guerra da Cal, Casais Monteiro, Jorge Amado e a Universidade do Ceará", *Clã* ("Revista de cultura"), Fortaleza, pp. 102-104.

DA CAL, Ernesto Guerra, (VII/IX-1961), "Eça de Queiroz, Baudelaire et *Le Parnasse Contemporain*", Paris, *Revue de Litterature Comparée*, pp.401-420.

DA CAL, Ernesto Guerra, (1963), *Rio de Sonho e Tempo*, Vigo: Galaxia.

DA CAL, Ernesto Guerra, (1964), "Cantiga a Luís de Camões", São Paulo, *Revista Camoniana*, vol. I, p. 199-200.

DA CAL, Ernesto Guerra, (VIII-1965), "Compaixón" e "Enigma", Rio de Janeiro, *Jornal de Letras*, p.7.

DA CAL, Ernesto Guerra, "O impacto da cultura brasileira nos Estados Unidos", (palestra proferida na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em Janeiro de 1970, publicada inicialmente nesse

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 125

mesmo ano no *Jornal do Commercio* de Recife, em 5 de Julho; e no *Correio do Povo* de Porto Alegre em 18 e 25 de Outubro; reeditada na revista *Agália*, Santiago de Compostela, nº 73/74, pp. 207-222, segundo semestre 2003, texto pelo qual se cita)

DA CAL, Ernesto Guerra, (1973), *Problemas do Romance Cervantino e a sua Projeção no Romance Ibérico*, Rio de Janeiro, UFRJ.

DA CAL, Ernesto Guerra, (1974), "Da ambiguidade psicológica em *Lusco-Fusco"*, Lisboa, *Colóquio Letras*, pp. 47-53.

DA CAL, Ernesto Guerra, (1975-1984), *Bibliografia Queirociana Sistemática y Anotada e Iconografía Artística del Hombre y la Obra* (6 tomos), Coimbra, Por Ordem da Universidade.

DA CAL, Ernesto Guerra, (1981), "A realidade conjectural num relato de Machado de Assis: «A Missa do Galo»", in *Homenagem a Rubém Andressen Leitão*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp. 139-144.

ELIA, Sílvio, (1964), "*Sílvio e Sílvia*, uma aproximação estilística", in *Anais do I Congresso de Crítica e História Literária*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, pp. 141-151.

FAORO, Raymundo, (1974), *Machado de Assis: A pirâmide e o trapézio*, Rio de Janeiro: Globo.

FREYRE, Gilberto, (31-VII-1954), "O Estilo de Eça de Queiroz", Rio de Janeiro, *O Cruzeiro*.

GLATT, Estella (ed), (1964), *Anais do I Congresso de Crítica e História Literária*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

GLATT, Estella, (X-1965), "Ernesto Guerra da Cal, *Rio de Sonho e Tempo*", Rio de Janeiro, *Tempo Brasileiro*, nº 7, pp. 169-171.

GLEDSON, John, (1984), *Machado de Assis. Impostura e Realismo*, São Paulo: Companhia das Letras, 1991 (versão original em inglês, 1984).

GÔMEZ, Joel R., (2002), *Fazer-(se) um nome. Eça de Queirós-Guerra da Cal: Um duplo processo de canonicidade literária na segunda metade do século XX*, Sada-A Corunha: Ed. do Castro.

GÔMEZ, Joel R., (2003), "Ernesto Guerra da Cal e o Brasil: um reconhecimento mútuo e frutífero", Santiago de Compostela, *Agália*, nº 73/74, segundo semestre 2003, pp. 203-205.

GÔMEZ, Joel R., (2006a), "O estudo de Guerra da Cal sobre *A Relíquia* e a luta por um novo discurso canonizador queirosiano", *Queirosiana*, nº 10-11, pp. 53-72.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 126

GÔMEZ, Joel R., (2006b), "Da Cal, Ernesto Guerra", Rio de Janeiro, *Convergência Lusíada*, nº 22, pp. 313-316.

LEAL, César, (X/XII-2002), "Fundamentos da investigação literária: Um marco na história das teorias críticas do século XX", Rio de Janeiro, *Tempo Brasileiro*, pp. 33-43.

LIMA, Alceu Amoroso, (1964), "Mensagem", in *Anais do I Congresso de Crítica e História Literária*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, pp. 287-289.

MAGALHÃES, Aderson de, (30-IV-959), *Lengua y Estilo de Eça de Queiroz*, Rio de Janeiro, *Correio da Manhã*.

MEIRA, Mauritônio, (21-XI-1958), "Vida Literária. Professor espanhol (doutor em Eça) está no Rio: Até a voz é boa", Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*.

MONTEIRO, Adolfo Casais, (26-XI-1959), "A retórica da naturalidade", São Paulo, *O Estado de São Paulo* (suplemento literário), p. 3.

PANDOLFI, Lília, (IV-1970), "Entrevista com Ernesto Guerra da Cal", Rio de Janeiro, *Jornal de Ipanema*.

PORTELLA, Eduardo, (1964), "Apresentação", in *Anais do I Congresso de Crítica e História Literária*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro (3 páginas sem numerar).

PORTELLA, Eduardo, (VIII-1965), "A poesia Galega. A palavra (sôbre e de) Ernesto Guerra da Cal", Rio de Janeiro. *Jornal de Letras*, p. 7.

S. L., (16-VIII-1960), "Vida Literária. Da Cal, um poeta galego", São Paulo, *O Jornal do Comércio*, pp. 1 e 7.

SCHWARZ, Roberto, (1977), *Ao vencedor as batatas*, São Paulo: Livraria Duas Cidades.

SCHWARZ, Roberto, (1991), *Um mestre na periferia do capitalismo*, São Paulo: Livraria Duas Cidades..

TROTA, Teresa, (7-XII-1958), "Ernesto da Cal: Eça e Machado", Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil* (suplemento dominical).

VAREJÃO, Lucilo, (1964), "Relatório da quarta sessão ordinária", in *Anais do I Congresso de Crítica e História Literária*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, pp. 43-45.

VILLAÇA, António Carlos, (1976), *Literatura e Vida*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira (publicado inicialmente no *Jornal do Brasil*, em 9-VIII-1975).

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 127

Trabalhos sem assinar (Sem Autor):

(I-IV-1946), "Centenario de Eça de Queiroz", Nova Iorque, *Revista Hispánica Moderna*, Vol. XII, p.176.

(10-X-1958), "Brasil assume a liderança de América Latina", *Visão*.

(25-XI-1958), "Universidade de Nova Iorque promove conferência para mostrar cultura do Brasil", Recife, *Diário de Pernambuco*, 1º caderno, p. 9.

(26-XI-1958), "Universidade da Bahia faz convênio com Porto Rico", Bahia, *Diário de Notícias*.

(XII-1958), "Guerra da Cal vai estudar o estilo de Machado de Assis", Rio de Janeiro, *Jornal de Letras*, p.1.

(II-1959), "Homenaje al Profesor de la U. de N. Y., Ernesto G. Da Cal", Nova Iorque.

(17-IV-1959), "Ernesto Guerra da Cal", *Visão*, pp. 22-23.

(2-VIII-1959), "Da Cal, Professor galego de Nova Iorque, depois de Eça fará crítica de Machado", Rio de Janeiro, *Correio da Manhã*.

(9-VIII-1959), "Entrevista com Ernesto Guerra da Cal", Bahia, *O Estado da Bahia*.

(X-2003), "Eça&Machado de Assis colóquio em São Paulo", Lisboa, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, p. 2.

Epistolários (inéditos).

(14-I-1960), carta de Adolfo Casais Monteiro a Da Cal, Nova Iorque, Arquivo de The Hispanic Society of America.

15-I-1960), carta de Jorge de Sena a Da Cal, Nova Iorque, Arquivo de The Hispanic Society of America.

(II-1960), carta de Hélio Simões (da Universidade da Bahia) a Da Cal, Nova Iorque, Arquivo de The Hispanic Society of America.

(II-1960), carta de Francisco Casado Gomes (da Universidade de Rio Grande do Sul) a Da Cal, Nova Iorque, Arquivo de The Hispanic Society of America.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 128

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 129

AGÁLIA nº 89-90 / 1º SEMESTRE (2007): 129 - 143 / ISSN 1130-3557

A mulher na oratória do Padre António Vieira e na mundividência barroca: polémica sobre «o gosto de sair» (*)

José Eduardo Franco e Maria Isabel Morán Cabanas

(CLEPUL - Universidade de Lisboa / USC)

Resumo:

Poucas vezes o estudo dos sermões tem sido orientado para obter um maior conhecimento das mentalidades, atitudes e doutrinas e comportamentos que dominam a sociedade de uma época. E ainda são mais raras as ocasiões em que a partir destes textos se foca a figura da mulher, vista e julgada sempre sob um olhar masculino que integra tanto o indivíduo como as instituições detentoras do poder (especialmente a Igreja). Apenas nas últimas décadas se observa uma certa vontade de preencher tal lacuna e de demonstrar a validez da oratória sacra como fonte para a investigação da realidade e representatividade dos valores que dominam um determinado contexto sociopolítico e religioso. Através dos sermões do Padre António Vieira pretendemos contribuir para o estudo da visão da mulher na cultura do Barroco, assente sobretudo num choque de paradigmas herdados da teologia medieval: Eva *versus a* Virgem Maria, o qual se reflecte na proliferação de antíteses e hipérboles ligadas ao "outro sexo" (como dizia o pregador do século XVII).

Palavras-chave:

Mulher, Vieira, Sermões, Oratória, Barroco, Portugal, Teologia, Eva, Maria.

Abstract :

Few times the study of the sermons has been guided to get a bigger knowledge of the mentalities, attitudes and doctrines and behaviours that dominate the society of a time. And rarer are the occasions where from these texts it is emphasized the figure of the woman, sighted and judged always under masculine eyes that integrate not only the individual but also the institutions that detain power (especially the Church). But in the last few decades a certain will is observed to fill such gap and to demonstrate to the validity of the religious oratory as source for the inquiry of the reality and representation of the values that dominate certain socio-political and religious context. Through the sermons of António Vieira Priest we intend to contribute for the study of the vision of the woman in the culture of the Baroque, based upon a shock of paradigms inherited from the medieval theology: Eva versus the Virgin Maria, is reflected in the proliferation of antitheses and hyperboles related to the "other sex" (as the preacher of century XVII said).

Key words:

Woman, Vieira, Sermons, Oratory, Baroque, Portugal, Theology, Eva, Maria.

(*) Uma versão reduzida deste texto foi apresentada como comunicação no XII Forun for Iberian Studes: *Queer, queerer, queerest: evolving gender identities in Portugal and Spain*, que teve lugar no Exeter College da Universidade de Oxford durante os dias 1 e 2 de Junho de 2007.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 130

> (...) porque a gente deste género [feminino] é muito amiga de sair e andar por fora; e porque talvez lho proíbam os que têm mando da casa, fingem devoções falsas e mentirosas.
>
> **Padre António Vieira**

0. Poucas vezes o estudo dos sermonários tem sido orientado para obter um maior conhecimento das mentalidades, atitudes, doutrinas e comportamentos que dominam a sociedade de uma época determinada. E ainda são mais raras as ocasiões em que a partir destes textos se pretende focar a figura da mulher, vista e julgada sempre sob um olhar masculino que integra tanto o indivíduo inserido no seio de um grupo social como as instituições detentoras do poder, especialmente a Igreja. Apenas nas últimas décadas se vem observando uma certa vontade de preencher tal lacuna e de demonstrar a validade da oratória sacra como fonte para a investigação da realidade e da representatividade de um sistema de valores que caracteriza os organigramas sociopolíticos e religiosos e que é aplicado ao universo feminino. A presente abordagem pretende contribuir precisamente para reduzir esse vazio historiográfico, sociológico e/ou literário e integra-se no âmbito do livro da nossa autoria sobre o *Padre António Vieira e as mulheres*, que está actualmente no prelo e que pretende contribuir precisamente para reduzir esse vazio historiográfico, sociológico e/ou literário[1]. Recorremos ali às pregações de Seiscentos, analisando a presença e funcionalidade que nelas tem a mulher quer como colectividade quer como ser individual, que sobressai do comum pelas suas acções excepcionais.

Na verdade, as funções desta assentaram ao longo dos séculos sobretudo nos espaços privados e domésticos - e é por isso que a mulher, consideradas como grupo, apenas a encontramos focadas sob a perspectiva da vida quotidiana. Ora, tal como assinala Helger Simmel, os aspectos do dia-a-dia não devem nem podem conceber-se como

1. A obra, acompanhada de um prefácio do Professor Tom Earle, da Universidade de Oxford, será publicada no próximo ano de 2008, comemorando o IV Centenário do Nascimento do famoso pregador tanto em Portugal (Porto, Campo das Letras) como no Brasil (São Paulo, Editora Arké).

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 131

marginais, pois estão mesmo no centro do acontecer histórico, constituindo a verdadeira essência da conformação do ser humano, agente no devir dos séculos. Neste sentido cabe lembrar ainda as explicações e justificações do estudioso alemão Georg Simmel quando quier pôr de manifesto a importância que tem para a abordagem da sociedade a atenção prestada aos "acontecimentos mínimos". Concretamente utiliza este sociólogo uma famosa metáfora organicista em que se compara o tratamento exclusivo dos factos mais espectaculares com uma imitação da medicina interna que se praticava em tempos passados e "que se dedicava intensivamente aos grandes órgãos bem determinados: coração, fígado (...) desdenhando os incontáveis tecidos que careciam de nome popular ou que eram desconhecidos, mas sem os quais nunca produziriam um corpo vivo aqueles órgãos mais determinados"[2].

Em modo de complemento da visão exposta pelo Padre António Vieira, é pertinente (e mesmo preciso) recorrer amiúde a diversos textos em que outros oradores, moralistas, teólogos ou inquisidores coetâneos reflectem a propósito de certos aspectos do universo feminino ou até se dirigem directamente às mulheres com finalidade didáctica e espírito preventivo, informando sobre os "desvios" que se produziam e repreendendo o que consideravam abusivo. Todas estas obras, pouco utilizadas até ao momento, constituem também um ponto de referência especialmente interessante. Com vista a ilustrar diversas argumentações vieirenses em relação ao "outro sexo" da espécie humana avocamos igualmente exemplos tirados da literatura nos seus diversos géneros e crónicas de carácter jornalístico redigidas por visitantes estrangeiros após alguma estadia mais ou menos breve em Portugal – sem esquecermos que talvez estas se encontrem bastante influenciadas por tipificações que existiam naquela altura sobre os / as habitantes do país. Ainda, sentimos a necessidade de comentar no nosso livro certas obras pictóricas de artistas portugueses e de outras nações da Europa, tendo sobretudo em conta que a valorização da imagem – quer dizer, da demonstração visual - é uma das grandes empresas do Barroco e, especialmente, da Contra-Reforma. Porém, limitar-nos-emos neste artigo a uma apresentação geral e à ilustração de apenas um dos traços da condição feminina a que o pregador presta maior atenção, avaliando-o sob vários pontos de vista: a itinerância da mulher ou o chamado "gosto de sair".

2. *Sociología*, Buenos Aires, Espasa-Calpe, 1939, vol. I, p. 26 (a tradução é nossa).

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 132

1. Tanto na parenética de Vieira como em quaisquer das formas de expressão referidas, a mulher equivale sempre a um ser PARADOXAL, capaz do melhor e do pior. Ela pode ser agente dos actos mais nobres, mas também provocar os desastres mais graves, avassalando e perturbando a harmonia pessoal e social. Embora seja possível vislumbrar nele certa consciência crítica perante alguns preconceitos, o pregador português mostra-se como um homem do seu tempo quanto a uma percepção do universo feminino que segue a tradição cultural de Ocidente e que resulta condicionada pela defesa da superioridade do homem até rasar inclusive as fronteiras da misoginia[3]. Regista-se nos seus Sermões uma atitude pessimista, de forte desconfiança ou suspeita em relação ao geral das mulheres que vem contrastar com a extrema valorização do que podemos designar o cosmos de certas figuras deste sexo incomuns ou singulares, as quais são elevadas pelo mesmo orador sagrado aos píncaros mais altos da realização a que um ser humano pode chegar, de acordo com o ideário de perfeição cristã. Eis a imagiologia dual e dominada pelo contraste que caracteriza o Barroco e que advém como o corolário de uma tradição que tem raízes judeo-cristãs, influências filosóficas helenísticas e marcas da elaboração teológica patrística - particularmente agostiniana[4]. Assim, o pregador seiscentista Frei Casimiro Dias, da Ordem dos Agostinhos, demoniza os seres deste sexo e faz deles os protagonistas da desestabilização e da intriga:

> A mulher é o mais monstruoso animal de toda a criação, de mau feitio e pior linguagem. Ter este animal em casa é o mesmo que procurar complicações sob a forma de mexericos, tagarelices, bisbilhotice maliciosa e controvérsia; porque sempre que uma mulher está presente parece impossível haver paz e tranquilidade. Não obstante, tudo isso se toleraria, se não fosse o perigo da lasciva[5].

O mito da mulher tentadora-pecadora de matriz bíblica tem por arquétipo a figura de Eva. O acto primordial que ela levou a cabo segundo o relato do *Génesis*, quer dizer, o se ter deixado seduzir pela serpente e ter comido o fruto da árvore proibida e dá-la depois de comer

3. Sobre este assunto veja-se especialmente a obra de Teresa Martinho Toldy, *Deus e a Palavra de Deus na Teologia Feminista*, Lisboa, Paulinas, 1998.
4. Cf. Maribel Aler Gay, "La mujer en el discurso ideológico del catolicismo", in *Nuevas perspectivas sobre la mujer*, Madrid, Seminario de Estudios de la Mujer de la Universidad Autónoma de Madrid, 1982, p. 232 e ss.
5. Apud C. R. Boxer, *A mulher na expansão ultramarina ibérica (1415-1815),* Lisboa, Horizonte, 1997, p. 121.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 133

a Adão, tornou-se o paradigma fundacional mais revisitado e reinterpretado da teologia moral. A extrema valorização teológica da culpabilidade liga-se via de regra ao princípio da degeneração da humanidade no quadro da história do pecado, sublinhando essencialmente a desconfiança em torno da mulher e desenvolvendo preconceitos segregadores[6]. António Vieira inscreve a sua visão da mulher como tentação, seguindo essa tradição de suspeita com respeito ao "outro sexo" - como ele lhe chama. Eva emerge ao longo dos seus Sermões[7] como arquétipo amiúde revisitado e alegado para prevenir o seu auditório contra as seduções do mal. Afirma ali que a mãe original representa uma maior fragilidade, o que a teria tornado mais propensa às provocações do maligno. E, a tal susceptibilidade matricial, o Padre jesuíta associa uma série de vícios que lhe imputa como arquetípicos do sexo feminino. Defeitos tão repreensíveis como o excesso de apetite, de ambição e de curiosidade são, por exemplo, explicados no *Sermão da Ascensão de Cristo Nosso Senhor*:

> Comeu Eva a fruta vedada; e diz o texto que deu também dela a Adão para que comesse (...). Que comesse Eva, não admira; era mulher, e o seu apetite, a sua ambição, e, quando não houvera outro motivo, a curiosidade (porque ainda não sabia o que havia de comer) lhe pode servir de alguma desculpa. Mas (...) que fim, ou que pensamento podia ter Eva em querer que também comesse Adão?[8].

É precisamente a astúcia ou o seu modo de agir com premeditação e aleivosia, o defeito mais merecedor de condenação: "Também mostrou ser mulher na Astúcia. Darei desta mesma maçã a Adão para comer (...) porque antes quero a Adão no desterro comigo, que no Paraíso sem mim[9]. Ora, ao longo da parenética vieirense sobressai também a figura de Maria de Nazaré, que compensa de sobremaneira a prevaricação de Eva, abrindo-se assim um espaço à mulher para a sua reabilitação. A sua maternidade divina, enquanto deu à luz o Filho de Deus, eleva-a ao estatuto de co-redentora da humanidade. Concretamente no *Sermão de*

6. Cf. Jean Delumeau, *Le péché et la peur. La culpabilisation en Occident (XIIIe-XVIIIe siècle),* Paris, Fayard, 1983, p. 276 e ss.

7. Quanto à transcrição de textos e a referência bibliografia seguimos a edição organizada pelo Padre Alves, *Sermões do Padre António Vieira*, Porto, Lello & Irmão, 1959, 15 vols.

8. *Sermões*, vol. V, p. 372.

9. *Ibidem*, vol. V, p. 372.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 134

Nossa Senhora do Ó, exalta-se como em nenhum outro o paradigma bíblico da mulher perfeita, Virgem e Mãe, capaz de conter em si a imensidade de Cristo. Com efeito, Vieira concede-lhe um lugar eminente entre os seres criados, tanto na ordem terrestre quanto celeste, já que se situa ao pé do próprio Senhor. Trata-se da "maior pessoa depois de Deus", segundo as palavras do pregador no *Sermão do Nascimento da Mãe de Deus*[10]. Qualificativos como *Mãe - ou Santíssima Mãe, Rainha Mãe, Soberana Mãe...-, Protectora e Advogada*, entre muitos outros, fazem parte da vastíssima série com que Ela é evocada neste sentido. Tenha-se em conta que a afirmação da imagem de Maria na teologia cristã foi lenta: no Concílio de Éfeso, em 411, sob a inspiração de São Cirilo, ela foi proclamada "Mãe de Deus" em vez da definição anterior de "Mãe de Cristo". Durante a Idade Média a sua popularidade foi-se consolidando entre os cristãos e, na verdade, depois do século XI houve um desenvolvimento assombroso do culto marial. Santo Anselmo e Abelardo celebraram a "nova Eva", a mulher-símbolo da pureza e da santidade. Com efeito, no tratado *Cur Deus homo* [trad. *Por que Deus se fez homem?*], da autoria do primeiro, consola-se amavelmente as mulheres sublinhando os poderes de Maria: assim como Eva foi a responsável pelo pecado original, a Virgem, "nova Eva", era o instrumento da redenção[11].

É portanto à luz do duplo paradigma mariano e eviano que as mulheres em Vieira são valoradas. O mérito ou o demérito, o louvor ou a depreciação, são feitos em função da aproximação em relação a um destes pólos maniqueistamente estabelecidos, um positivo e outro negativo: AVE *versus* EVA. Lembremos que até em relação ao nível fónico, os comentadores da tradição eclesiástica viram no termo Ave com que o anjo Gabriel saudou a Virgem a inversão simbólica de Eva como nome da primeira pecadora, sem darem importância ao facto de Ave corresponder ao latim e Eva à língua hebraica.

2. Por outro lado, o androcentrismo da cultura ocidental tinha relegado a mulher para um plano secundário no âmbito da dinâmica social, conferindo ao homem o monopólio da acção, da iniciativa, da criatividade, do saber e do poder de ordenação das realidades temporais

10. *Ibidem,* vol. IX, p. 254.

11. E basta apenas recordar as principais solenidades do calendário litúrgico, sem referir o Advento e o Natal, para obtermos uma perspectiva esclarecedora do lugar que Maria ocupava nos sermonários da época de Vieira. Com efeito, para além da série Rosa Mística, este também redigiu os seus discursos para comemorar, entre outras, a Imaculada Conceição, o Nascimento de Maria, a Visitação, a Nossa Senhora do Carmo, a Nossa Senhora do Ó ou a Nossa Senhora da Graça.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 135

e espirituais, enquanto lugar-tenente do Criador, chamando e concentrando em si um papel que também era o do género feminino por direito teológico-criacional. Ao tratar a problemática da visão da mulher na era de Seiscentos, a estudiosa Ana Hatherly sublinha:

> É de todos bem conhecido o modo como a concepção desta dupla face da imagem da mulher se projectou na cultura europeia e suas ramificações, conduzindo quer ao endeusamento da mulher, quer ao seu rebaixamento mais vil, situando-a ora na esfera do mito e do divino, ora na esfera do degradante e do sórdido. Em ambos os casos, o acesso a ela deve ser condicionado, pois a sua presença é sempre essencialmente perigosa. Em termos sociais, deve ser mantida à distância, submetida ao silêncio e à total obediência ao homem[12].

Os sermões de António Vieira apresentam-se como uma expressão eloquente disto mesmo**.** À mulher é-lhe atribuído ali uma função eminentemente passiva por contraste com a função do homem que é, por essência, a de protagonista, a de líder, a de empreendedor, a que tem de operar a transformação do mundo. Neste sentido, cabe lembrar as considerações de Leornardo Boff, quando sublinha que a dialéctica histórica do conflito entre sexos que conduziu à segregação e à marginalização social do papel da mulher aconteceu tardiamente no percurso do povo judeu relatado na Bíblia. Os textos do hebraísmo antigo falam da importância política das mulheres, realçando o papel de antigas profetisas e heroínas. E, na verdade, essa PARIDADE PRIMORDIAL constitui um traço comum na memória das antigas mitologias e cosmogonias religiosas. A unidade do masculino-feminino, do homem-mulher, conforme nos informa a história comparada das religiões, está presente nos relatos fundadores dos diferentes sistemas de crenças, tal como nos explica o mencionado teólogo brasileiro:

> O pensamento chinês representava o feminino e o masculino como um círculo composto de duas partes iguais de luz e de sombra (yang-yin); as civilizações da babilónia e egípcia pelo carácter hermafrodita de toda a realidade, originada de um mesmo princípio simultaneamente masculino e feminino, Ischtar. O caos, a terra e a noite são referidos ao princípio feminino; a ordem, o dia e o ar

12. Ana Hatherly, "Petrarquismo e antipetrarquismo na poesia de Gregório de Mattos", in Fernando da Rocha Peres (org.), *Gregório de Matos: o poeta renasce a cada ano*, Salvador, Fundação Casa Jorge Amado/Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 2000, p. 20.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 136

> aproximados ao princípio masculino. Platão no Simpósio narra o mito do surgimento do varão e da mulher. Nas origens Zeus criara seres andróginos com dois rostos, quatro orelhas, quatro mãos, dois sexos. Há um midrash hebreu que diz: originalmente o varão e a mulher tinham um só corpo, mas dois rostos[13].

Leonardo Boff sublinha que a dialéctica histórica do conflito entre sexos que levou à segregação e à marginalização aconteceu tardiamente no percurso do povo judeu relatado na Bíblia. Aquando da sedentarização do povo e a constituição das cidades, o homem iria assumindo cada vez mais instrumentos de poder social e emergiria assim um antifeminismo generalizado, que reforçou consequentemente uma exegese masculinizante dos textos.

Tal como fazem outros pregadores de Seiscentos, Vieira distancia-se da ideia primigénia da unidade homem-mulher, conferindo a esta uma posição estática em prol da harmonia pessoal e social. Com efeito, defende e insiste na necessidade do seu afastamento e isolamento por motivos cautelares, disciplinando ou contrariando assim a sua tendência para o que o jesuíta define como "gosto de sair". O esforço retórico de fundamentação quanto à restrição dos seus movimentos assenta numa ideia mítica da mulher como *locus* e fonte de pecado. Com efeito, o pregador traz à colação as formulações mais variadas e inusitadas a fim de consolidar a sua tese, segundo a qual as pessoas de sexo feminino teriam vindo ao mundo para a estabilidade, não devendo quebrar-se nunca tal desígnio divino. Apresenta raciocínios que para a nossa sensibilidade hodierna soam a grotesco, mas que eram mesmo recorrentes na oratória daquele tempo. Uma das vias de estampar com autoridade que a condição da mulher é a de um "bem imóvel" pela própria vontade de Deus é a análise filológica. Vieira repara, de facto, na tradução latina do passo do *Génesis* (2, 22) relativo à criação: "Aedificavit... costam in... mulieram", explorando o valor semântico do verbo "aedificavit" e afirmando que nele se demonstra que a mulher foi projectada à semelhança de um prédio, construído para ficar num determinado lugar:

> Quando Deus criou o homem e a mulher, foi com grande diferença, ainda em termos com que o refere a Escritura. Do homem diz que

13. Leonardo Boff, *op. cit.,* e cf., igualmente, Jean Marie Aubert, *La mujer. Antifeminismo y cristianismo*, Barcelona, Herder, 1976, pp. 15-20.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 137

> o formou Deus; da mulher, que a edificou. Não quis o Autor da natureza que a mulher se contasse entre os bens móveis. O edifício não se move do lugar onde o puseram; e assim deve ser a mulher: tão amiga de estar em casa, como se a mulher e a casa fossem a mesma coisa[14].

Segundo tal percepção, a casa é considerada como o espaço adequado para a mulher, não a rua: essa é para o homem. Aliás, precisamente aí descobre o jesuíta um caminho de salvação, pois as mulheres morrem todas com os Sacramentos, o que não acontece com os homens, que morrem amiúde nas guerras sem confissão, nos naufrágios, nos desafios, etc. E, ainda, não desempenhando cargos públicos, políticos ou jurídico-administrativo, também as senhoras terão menos ocasião para pecar e mais facilidade para atingir a santidade. Ora, reconhece o pregador português que o que ele explica em termos teóricos e ideais contrasta fortemente com a realidade do dia-a-dia: "Mas a sua inclinação correspondeu tão pouco ao mistério ou documento com que fora criada, que (...) o maior apetite da mulher é andar e sair"[15]. O "gosto do sair" vê-se, portanto, como um traço infractor e usurpador do papel dinâmico do homem. Precisamente por causa de tal vício preferiu Eva a errância no desterro à quietude beatífica do paraíso, conforme se diz no Sermão Décimo Sétimo: "por sair e andar deixou Eva o esposo, e por sair e andar deixou a Deus. Oh, quantas vezes, por este mesmo apetite vemos deixado a Deus; e os esposos pior que deixados!"[16].

A itinerância da mulher não se aprova nos Sermões, ainda que o motivo de se ausentar de casa derive, em princípio, de boas intenções. Quando a mulher é vista e observada pode despertar, embora seja passivamente, desejos concupiscentes e prejudicar a sua honra e a dos seus familiares. Vieira conclui, apoiado na autoridade do poeta latino Marcial – cujos epigramas satirizam amiúde comportamentos morais -, que muitas esposas saem de casa como Penélopes que esperam fielmente os seus maridos e regressam como Helenas que trazem o escândalo: "Penélope venit, abit Helene. E isto é o que sucedeu à filha de Jacob, que saiu Dina e tornou Indina". Nem o pretexto de visitar a Igreja para fazer oração, faz com que o pregador tolera a mobilidade da mulher. É mais: a partir de jogos de vocábulos, com base na paranomásia e destinados a

14. *Sermões*, vol. XI, p. 415.
15. *Ibidem*, vol. XI, p. 414.
16. *Ibidem*, vol. XI, p. 415.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 138

manter sempre acordada a atenção dos ouvintes, sublinha as possíveis repercussões negativas que podem acarretar as práticas devocionais feitas fora do espaço doméstico. Declara que amiúde as devoções se convertem em "devassidões"; as contas do Rosário tornam "descontos"; e o Terço acaba por ser "terceiro" de sacrilégios e adultério. Insiste mesmo em que na Igreja e nas suas proximidades as mulheres conversam de coisas interditas, o que constitui um grave perigo. Adverte que as esposas utilizam toda a sua argúcia e hipocrisia para sair e enganar os maridos, o que resume com sarcasmo nesta exclamação: "Quantas vezes a mulher faz um voto para cumprir na Igreja e acaba por encontrar um devoto"[17].

Avocando, entre outras muitas, a lição de Oleatro – cognome de Jerónimo de Azambuja, teólogo dominicano que o rei D. João II mandou participar no Concílio de Trento -, Vieira permite e até aconselha ao homem acção de orar em grupo, enquanto defende que a mulher deve recolher-se na sua solidão: "os homens sejam embora muitos, a mulher sempre uma só (...) e onde houver turba, não com ela, mas separada dela"[18]. Na verdade, quanto a este e a outros aspectos é interessante ter especialmente em conta a informação de viajantes estrangeiros sobre o Portugal daquela altura. Ali encontramos comentários que insistem num traço dominante: o recato, encerramento, a clausura que padeciam esposas e filhas e que se prolongou ao longo dos anos. Por exemplo, um autor francês anónimo escreveu no ano de 1700 que, em terras lusitanas, as mulheres só saíam de casa em três ocasiões: para se baptizarem, para casarem e para serem enterradas. Por outro lado, a *Descriptio de la ville de Lisbonne*, publicada na cidade de Paris em 1730, também faz eco do resguardo feminino que imperava e que nem os rituais religiosos conseguiam vencer tal excesso de controlo: "Os maridos têm-nas quase sempre fechadas e vêem-se até mesmo simples comerciantes terem em sua casa capelas em que mandam dizer missa para tirarem as suas mulheres e filhas qualquer pretexto para saída"[19]. Como já assinalámos acima, lembrando as advertências do próprio António Vieira ao seu

17. *Ibidem*, vol. XI, p. 418. Recorde-se que Vieira foi um mestre do conceptismo, que artificializava, torcia e contorcia os vocábulos e os textos ao sabor da necessidade de comprovar teses e carrear argumentos para defender causas numa ou noutra direcção. Escreve José Van den Besselaar que António Vieira "não era cultista, mas conceptista": inventava engenhosos e agudos jogos mentais para explicar ou patentear, processo em que tem lugar um constante saltear da ideia para a palavra, do significado para o significante, da realidade para o símbolo e do sentido próprio para a metáfora (*Vieira: o homem, a obra, as ideias*, Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesas, 1991, pp. 99-100).
18. *Sermões*, vol. XI, p. 414.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 139

auditório, até o espaço da igreja parecia susceptível de se tornar um lugar pernicioso. Via-se como um local que podia facilitar os encontros e as trocas de mensagens entre indivíduos do sexo masculino e feminino. Romarias e outras celebrações consideravam-se como ocasiões alarmantes de luxúria, desconfiando-se das *beatas* que as frequentam em vez de rogar a Deus na intimidade dos seus lares:

> A visita das igrejas durante a Semana Santa faz crescer mais o número dos adultérios num só dia, do que em todo o resto do ano [...]. Os eclesiásticos deste reino continuam a autorizar com as suas presenças e aprovação estas cenas de deboche e de libertinagem (...). Mais de um português deve o seu nascimento às orgias nocturnas ou ajuntamentos báquico destas piedosas funções. As mulheres portuguesas também devem promover e autorizar estas romarias porque não gozando elas de tanta liberdade, como em França ou na Inglaterra, há donzelas que estão esperando pelo tempo em que com a sua família hão-de-ir à romaria, para aparecer ao mundo, fazer tremular os seus adornos e muitas vezes premiar as finezas e suspiros dos seus apaixonados (...).
>
> Para a Procissão do Corpo-de-Deus as mulheres aparecem às janelas sem touca ao véu, muito ornamentadas, não esquecendo nada do que possa atrair sobre elas os olhares dos espectadores. É permitido nesse dia olhar e examinar as senhoras quando se queira, sem perigo de acidente. Mas, quando a Procissão acaba, convém ser muito cuidadoso ao olhar aquelas que ainda se encontram à janela, porque os portugueses têm o costume de se esconder pelos cantos, para espiar as suas mulheres. Desgraçado daquele que dá azo as suspeitas bem ou mal fundadas, que permitam pôr em prática os meios de vingança utilizados neste país contra os galantes e as mulheres[(20)].

Por sua vez, Vieira já tinha denunciado a degradação moral das estrangeiras, sobretudo das francesas. Fala delas num tom marcado pelas

19. Apud Ana Vicente, "A representação da mulher portuguesa em viajantes estrangeiros", in *Ex aequo Revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres*, nº 1, 1999, p. 62. Também o inglês William Beckford, ao recolher as suas impressões das visitas que fez a Portugal no seu *Diário,* vindo a lume em 1778, chama a atenção sobre tal facto e alude mesmo a ele como um hábito nacional, como um estereótipo que se aproximava muito da realidade: "A porta dos aposentos de D. Henriqueta estava aberta de par em par (...). Pude apreciar as suas feições, apesar do retraimento a que o inviolável costume português condena as raparigas na ausência da mãe, mal se aproxime o bicho-homem" (*ibidem*, p. 63).

20. *Ibidem*, p. 63. Com efeito, a estudiosa Mariló Vigil recolhe, sob a epígrafe "Misas, devociones, procesiones, romerías, fiestas, visitas, comedias, paseos, afeites y vestidos", abundantes declarações de autores da época, nas quais se denuncia sistematicamente o uso das idas à Igreja e a assistência a qualquer celebração como estratagemas para encontros, conversas e galanteios. Mesmo se cita algum édito real que se promulgou contra "os que falam com as mulheres nas Igrejas" (cf. *La vida de las mujeres en los siglos XVI y XVII*, Madrid, Siglo XXI, 1986, pp. 156-195).

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 140

recriminações e chega a declarar explicitamente numa das suas cartas: "de lá trouxeram mulheres, todas para a destruição das suas casas, pela liberdade grande com que as senhoras francesas são criadas, pela largueza excessiva de seus gestos e apetites, e outros inconvenientes de maior reparo..."[21].

Todavia, o pregador não retira à mulher capacidades intelectuais e pedagógicas, as quais podem e até devem desenvolver dentro dos limites do seu lar: "E se eu agora dissesse que nesta conquista, assim como os homens fazem ofício de apóstolos na campanha, assim o podem fazer as mulheres em suas casas? [doutrinando escravos e escravas]", diz no Sermão do Espírito Santo[22]. Neste sentido, lembre-se que se reconhece na parenética vieirense que há e houve mulheres em que se uniram com perfeição a virtude e a sabedoria, rivalizando com os homens e atingindo a vitória sobre eles. Entre outros, salienta-se repetidamente o caso de Santa Catarina de Alexandria, que avantajou mais de 50 filósofos!. Aliás, não debateu com os seus adversários um por um, como em situações semelhantes tinham feito tantos homens célebres - só para citar alguns: Santo Agostinho, São Gregório Magno, São Bernardo, São Cirilo, Horácio combatendo os Curiáceos, ou mesmo o pastor David lutando com o gigante Golias; pelo contrário, completamente sozinha, a jovem de Alexandria converteu todos de uma única vez, com apenas um discurso.

Mas estes e outros exemplos de mulheres excepcionais que merecem o qualificativo de "sábias" pelas suas atitudes perante Deus acabam por constituir mais a excepção do que a regra na oratória sacra do Barroco. Tal excepção é sempre, isso sim, especialmente luminosa, superando em excesso as qualidades atribuídas ao universo masculino. Ora, também é verdade que certas santas mártires e místicas (particularmente, Santa Teresa de Jesus) ou algumas rainhas apresentadas por Vieira como instrumentos de Deus recebem amiúde as designações de "varonis" ou de "mulheres homem", sublinhando-se assim uma espécie de *transvestissement* do que se percebe como a natureza própria da mulher. O heroísmo das mulheres dignas de louvor não é caracterizado autonomamente, mas em modo subsidiário, quer dizer, através do empréstimo ou da transposição de traços considerados apenas como inerentes ao proceder masculino. Lembre-se, por exemplo, que o jesuíta elogia a coragem das três Marias na noite da Ressurreição de Cristo pela

21. Apud Raymond Cantel, "La place de la femme dans la pensée de Vieira", in *Caravelle*, nº 4, 1965, p.30 (a tradução é nossa).

22. *Sermões*, vol. V, pp. 397.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 141

sua ousadia em se deslocar ao túmulo de Jesus, sem nenhum medo de represálias, nos seguintes termos: "Eram as Marias umas mulheres tão pouco mulheres, eram umas mulheres tão varonis, umas mulheres tão homens, que de noite saíram das suas casas, de noite passaram da cidade, de noite andaram por lugares desertos e despovoados, e tão medonhos como costumavam ser os cemitérios dos defuntos, e os lugares onde padecem os justiçados"[23].

Maria de Nazaré aparece retratada em toda a oratória sacra como a personagem mais excelente de toda a história, prefigurada por uma estirpe de senhoras heróicas da Bíblia, assim como também sucedida e imitada por outras cristãs de séculos mais ou menos longínquos ou da idade coeva. Entre as primeiras, encontram-se Judite, Rute ou as mulheres activas na Ressurreição; e entre as segundas, uma série de figuras cobertas por uma auréola de santidade que o povo e a Igreja Católica alimentaram através de apelos à devoção e/ou canonização. Sob o prisma de uma moral teocêntrica, o Padre António Vieira atenta na fé, fortaleza, espírito de sacrifício, tenacidade, constância, caridade e outras virtudes que as conduziram pelo caminho da perfeição. Assim, em relação a uma coexistência simultânea – e por isso paradoxal – dos comportamentos da mulher, Eugenio D´Ors chega a falar de "derrota e triunfo" na época em questão, argumentando: "O espírito barroco, para dizê-lo vulgarmente e de uma vez por todas, não sabe o que quer. Quer, ao mesmo tempo, o pró e o contra"[24]. E é claro que na pintura de Seiscentos se reflecte com insistência tal polaridade, proliferando as imagens de Madalena, que reúne em si mesma as faces de pecadora e de penitente, ao lado das representações doutras personagens com "atitudes extremas" e diametralmente opostas, tais como Santa Teresa no momento da sua transverberação ou Salomé olhando sem compaixão a cabeça cortada de São João Baptista.

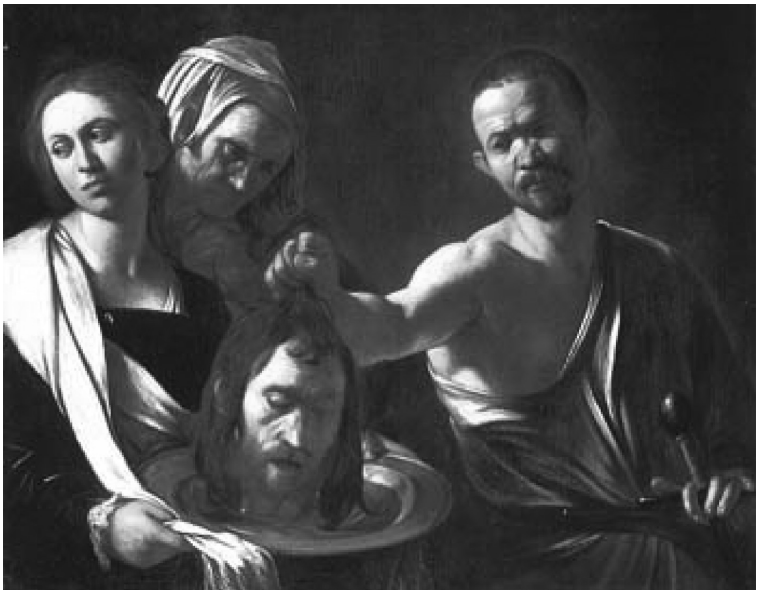
23. *Ibidem*, vol. V, pp. 177-178.
24. *O Barroco*.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 142

Josefa de Óbidos: *Santa Maria Madalena* (1650); Museu Nacional Machado de Castro, Coimbra.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 143

Josefa de Óbidos: *Transverberação de Santa Teresa* (ca. 1672); Igreja Matriz, Cascais.



Michelangelo M. da Caravaggio: *Salomé com a cabeça de São João* (ca. 1609-1610); National Gallery, Londres.

1ESTUDOS90 23/10/07 18:45 Página 144

AGÁLIA, 89-90

2POENOT90 ok 23/10/07 19:24 Página 210

**

Lógica poética

Raiva que coalha em desejo mesmo de nos ferir, procura constante de farsantes. Qual lógica?

**

Quando a ira me invade
Tenho face de corvo
E as minhas mãos são de areia,
Sou amo das facas e versos,
E as paredes quebram-se como papel
Na minha presença,
Quando a ira me inunda tenho a face de areia
E as minhas mãos são de corvo.

Sem comentário ou com o comentário inteiro que é pórtico. Desejo a pureza que se nos negou no tempo dos cabrões:

Os lábios de uma velha selarão o apocalipse:
homens medíocres ocuparão âmbitos pútridos
e os desalmados descerão do céu.
Com o ventre aberto observarei o rio seco.
Destas mãos já mais nada sairá:
escrever com sangue aquele Evangelho.
Ler em sangue por fim um livro.
Um livro por fim fechado.
Benções para os desesperados.
Os avisos chegam
mas ninguém parece escutá-los:
chegará o poder negro
que vos aniquile da terra. É justo.
Horas de matança são necessárias.
Desejo a pureza que se me negou.
Quero ser uma virgem saindo da água.
Quero estar presente quando queimem as cruzes.
Quero ser um morto quando Deus por fim se ajoelhe.
Porque não pude ser a sombra de Peter Pan?
Ai daqueles que não sabem balbuciar,
mal irão buscar o sangue e a demência
nos versos do filho que mora entre os muros de pedra
pois não há duas linhas de vento iguais
nas ruas medíocres desta vigília:

2POENOT90 ok 23/10/07 19:24 Página 211

mal irão buscar a clemência
nas faces daqueles que conhecem a morte.
E não saberão ler. Já o sabemos.
O discurso limpo passará por cima de nós.
Passará. Vozes limpas para a tortura.
Vozes limpas que chegam do mais fundo.
Por nós. Por nós. Para a nossa aniquilação.
Balbucio para imitar jogo.
Não, não, os satisfeitos não sabem.
Os satisfeitos são.
Comem e fodem.
Este é o tempo dos cabrões.
Sei-o desde esta dor tão real.
Um nada de sangue
que entra na água
e lhe dá cor.

**

Porfiria

ver como apodrece a pele, como
se afundem os olhos, como
fedem as vísceras e caem as unhas,
o cabelo, as palavras, os dias,
todos os dias, todos os dias,
observar incrédulo a degradação do meu corpo
e sentir sempre o desejo,
uma sede infinita, o frio nos ossos e
a tua face no espelho
a recusar a minha presença
no vazio da tua memória
beberei do teu corpo
comerei da tua alma
será o meu alimento
o sumo que mana dos teus braços
comerei do teu corpo
beberei da tua alma
e serei o teu alimento
o vazio que espera ao final da memória

O espelho. Um espelho compartido. Um poema amoroso de altura, físico e com vazio por fundo, mas entanto alimento e promissão de memória.

2POENOT90 ok 23/10/07 19:24 Página 212

**

Porfíria
(variação)

beberei do teu corpo
comerei da tua alma
e serei da matéria que forma
a estrutura maldita do poema

Os poemas por que eu aguardo.

**

na caverna do meu estômago
no vácuo do meu crânio
uma ossamenta de metal
e as roupas que fedem
o inimigo é o homem

O inimigo é o homem. Nós somos homens e inimigos. Mas os outros homens são apenas homens também, com cavernas que encher, abóbadas cranianas e frágeis ossos de metal e roupas que fedem.

O inimigo é muito, mas é homem.

**

Deixarei cair os meus óculos,
e amarei essa visão incerta
[...]
aqui, neste quarto em silêncio,
longe da biblioteca,
[...]
e, por fim, tentarei ver
os porquês da minha cegueira

**

auto-retrato

Poemário inteiro. Auto-retrato. Eu não sou poeta, o meu ventre é menor talvez, mas sou nómada, cresci nesse mesmo inverno e estou farto, com canseira nos ossos e perplexo.

Por isso a poesia e auto-retrato do Mário me mancam como espelho.

2POENOT90 ok 23/10/07 19:24 Página 213

AGÁLIA nº 89-90 / 1º SEMESTRE (2007): 213 - 214 / ISSN 1130-3557

*«Galeguia» **

Luiz Ruffato

(escritor brasileiro)

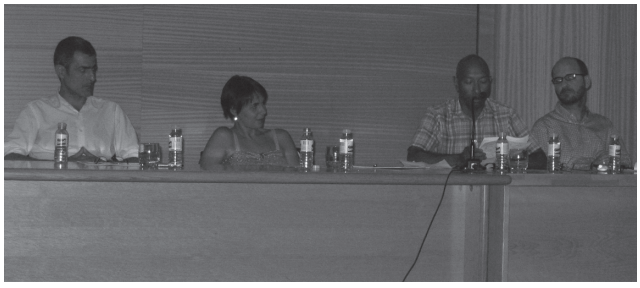
Em julho de 2005 participávamos do VIII Congresso Internacional de Lusitanistas em Santiago de Compostela, e, entre as várias e interessantes discussões assomadas na ocasião, uma particularmente provocava acaloradas reflexões: o que nos une, portugueses, brasileiros, angolanos, moçambicanos, guineenses, são-tomenses, caboverdianos, timorenses? Talvez, concluíamos, uma língua comum, o que redunda num conceito, a lusofonia. Mas aqui já não há consenso: a língua, e a cultura, foram impostas por meio da exploração e da repressão das populações

(*) A direcçom desta revista, a rogo de alguns leitores, solicitou a Luiz Ruffato a recordaçom do momento em que foi formulado o conceito de "galeguia" no sentido que se explica na mesma nota. Aconteceu, com efeito, durante o VIII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas, celebrado em Compostela entre 18 e 23 de Julho de 2005. Revisadas agora as gravações de vídeo dessa altura, podemos assegurar ainda que foi exactamente na manhã do 21 de Julho, nos jardins do hotel Virgem da Cerca, que os escritores que haveriam de intervir na mesa final representando a Lusofonia (Adriana Lisboa e Luís Ruffato do Brasil, Ondjaki de Angola, Luís Cardoso do Timor, José Luís Peixoto e Possidónio Cachapa de Portugal, Quico Cadaval e Carlos Quiroga da Galiza) concordaram definitivamente na escolha dessa palavra para definir o elo de uniom entre eles.

2POENOT90 ok 23/10/07 19:24 Página 214

autóctones, que deixaram profundas cicatrizes nas relações entre colonizadores e colonizados. Por outro lado, sabemos que a língua com que nos expressamos, antes de ser portuguesa, é galega – a Galiza é o berço do que se convencionou denominar, por injunções históricas, de língua portuguesa. Então, na época, propus que ao invés de levantarmos a bandeira da lusofonia, passássemos a falar em **galeguia** – que devolve o sentido original da raiz da nossa língua, relativiza o peso do passado colonial e reincorpora, com os devidos créditos, a Galiza a este universo comum.

Estava lançado então o desafio: apropriarmo-nos dessa idéia e transformar a **galeguia** numa ponte sólida que una Europa, África, América, Ásia e Oceania. Quem se habilita?



2POENOT90 ok 23/10/07 19:24 Página 215

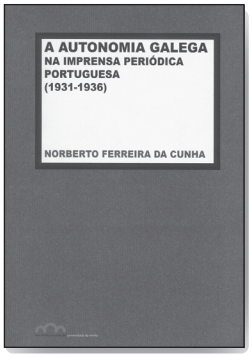
recensons

2POENOT90 ok 23/10/07 19:24 Página 216

2POENOT90 ok 23/10/07 19:24 Página 217

AUTONOMIA GALEGA (*)

por Carlos Pazos



Este ensaio, como indica na Introdução o Professor Catedrático aposentado da Universidade do Minho Norberto Ferreira da Cunha, foi já parcialmente publicado em Maria Xosé Agra e Nel Rodríguez (2003): *Galiza e Portugal: Identidades e fronteiras*, Actas do IV Simpósio Luso-Galaico de Filosofia, Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, pp. 231-303. Todavia, é preciso referir que a nova proposta introduz notórias modificações e outra estrutura, formada por duas partes bem diferenciadas. Numa primeira o A. faz uma análise atenta dos textos jornalísticos e dos factos históricos onde procura "mostrar o interesse da grande imprensa periódica portuguesa […] pela questão da autonomia da Galiza, de 1931 a 1936" (p. 11). A seguir, o volume incorpora um "Anexo documental" onde são disponibilizados textos dispersos da imprensa portuguesa utilizados na sua análise e que no entender do A. "contrariam o preconceito, frequentemente, manifestado de que as nossas elites estiveram, sempre, mais ou menos desatentas –quando não indiferentes- ao que se passava na Galiza" (pp. 11-12). O próprio A. justifica no texto introdutório o ensaio apelando ao futuro do espaço geo-humano e social que é a Galiza e o Norte de Portugal.

Abre a análise um "Relance histórico" onde é feito um rápido percorrido pela história das relações galaico-portuguesas até a época focada, afirmando o A. a presença de uma "invariante e profunda convicção duma fraternidade congenial, duma ancestralidade comum que as decisões políticas tinham apartado, não por via de razões naturais, mas por conveniências e acordos de poder" (p.16). Posteriormente, no capítulo "III O HORIZONTE PARADIGMÁTICO DE UM OLHAR EFECTUAL", mais concretamente em "1. Imagens da Galiza", o estudo explicita a percepção da Galiza por parte de algumas individualidades portuguesas activas no meio jornalístico, como Joaquim Manso, Júlio Dantas, Hernâni Cidade, Gastão Sousa Dias e Rodrigues Lapa, destacando os traços gerais: as afinidades étnicas, linguísticas, poéticas, geográficas, paisa-gísticas, de usos e costumes, ao passo que verifica a respeito das diferenças "a sua sujeição (ao contrário de Portugal) ao centralismo castelhano que asfixiou a sua cultura, as sua idiossincrasias, as suas liberdades locais, que deportou a sua língua […] para a esfera privada e doméstica" (p. 45).

(*) Norberto Ferreira da Cunha (2007): *A Autonomia Galega na imprensa periódica portuguesa (1931-1936)*, Monção, Casa Museu de Monção/Universidade do Minho, 278 pp.

2POENOT90 ok 23/10/07 19:24 Página 218

No que diz respeito à recepção da II República Espanhola em Portugal o A. assinala duas posições opostas: se por um lado a oposição ao Regime enfrentou positivamente o novo contexto do país vizinho, o Regime e a imprensa afecta a ele tentou associar a jovem República Espanhola à falida República Portuguesa, pois "Havia […] o temor, entre as hostes da Ditadura, que o nome regime espanhol influenciasse, decisiva e irreversivelmente […] a queda do regime português" (pp. 27-28). Neste contexto, a questão da Autonomia galega sofreu uma politização em Portugal em função dos grupos de interesses em confronto. Assim, para os "sequazes" da Ditadura, as autonomias em debate, entre elas a galega, eram um meio de enfraquecimento da República Espanhola, havendo quem entendesse a Galiza como uma parte de Portugal sob o jugo castelhano; situar-se-iam dentro desta perspectiva o *Diário da Manhã* ou *O Século*. Já desde a oposição republicana, e consequentemente desde jornais como *A República*, *Diário de Lisboa* ou *O Primeiro de Janeiro*, não era colocada a hipótese da integração em Portugal mas era feita a defesa da Autonomia galega e do estreitamento das relações culturais e económicas.

Mais em pormenor, o A. analisa a informação veiculada pela imprensa portuguesa suscitada por vários factos históricos, confrontando-a com as leituras históricas mais recentes. Assim, são destacados: a vivência do 14 de Abril na Galiza, a polémica gerada à volta do "Autonomismo" e do "Separatismo", as origens do nacionalismo galego, o Seminário de Estudos Galegos, o comício viguês "sob o signo dos mártires do Carral" (p. 73), a "contestação popular à suspensão da linha férrea (Zamora-Orense-Corunha)" (p. 77), e a fundação do Partido Galeguista. Neste contexto, a discussão à volta do Estatuto de Autonomia Galego captou a atenção da imprensa portuguesa, nomeadamente em dois momentos: as discussões do anteprojecto e do próprio projecto em Junho e Dezembro de 1931, respectivamente. Do mesmo modo, as eleições para as Cortes Constituintes de 1931, assim como o trabalho dos galeguistas nas Cortes foram noticiadas pela imprensa portuguesa. Também teve repercussão nos jornais portugueses o andamento tortuoso do Estatuto em 1933, ao noticiar actos de propaganda no Porto e Lisboa. Quanto às eleições gerais de 1933 e à vitória das direitas, a interpretação dominante da imprensa portuguesa foi conservadora e ajustada à posição do regime português, decaindo o número de notícias sobre a Autonomia galega, devido em grande medida ao enfraquecimento do movimento autonomista e à aproximação bilateral entre os dois governos. Neste sentido, a imprensa "filo-salazarista" tomou outra atitude, rebaixando o tom dos apelos à integração política da Galiza em Portugal, ao passo que se verificou uma "acentuada desconfiança" quanto aos galeguistas republicanos, ao qual não parece alheia, no entender do A., a progressiva aproximação destes das opções políticas de Azaña.

1935 é um ano significativo quanto à presença de informação relativa à Galiza e à sua Autonomia na imprensa portuguesa. O número especial sobre a Galiza da *Seara Nova*, com destaque para Rodrigues Lapa, a Semana Cultural Galega no Porto, com papel notável para o Seminário de Estudos Galegos e noticiada na primeira página de todos os jornais, e a participação galega na I

2POENOT90 ok 23/10/07 19:24 Página 219

Exposição Colonial do Porto, indicam, segundo o A., uma tentativa consciente dos galeguistas de ultrapassar o citado *enfraquecimento*, ao apostar decididamente em novas vias de propaganda. A respeito dos dois últimos eventos do Porto, o A. afirma que em 1935 a "aproximação entre os nacionalistas de um e outro lado da fronteira luso-galaica atingiu o auge" (p. 144), nomeadamente com as individualidades neo-tradicionalistas dentre os galeguistas.

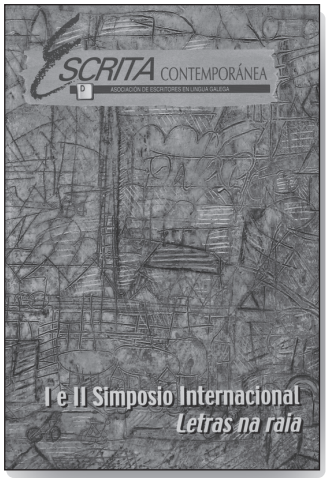
No ano seguinte, o Plebiscito estatutário foi seguido com entusiasmo pela imprensa republicana, sector em que se destacaram Rodrigues Lapa, mais uma vez, e Augusto Casimiro n'*O Diabo*. Os jornais de direita, porém, "desinteressaram-se […] das reivindicações autonómicas galeguistas [e] voltam a pôr o ênfase na integração da Galiza em Portugal" (p. 162), agindo na mesma direcção que o regime português que via na República de esquerdas espanhola novamente um perigo para a sua estabilidade.

Finalmente, o A. introduz na segunda parte do ensaio, o "Apêndice Documental", 49 textos jornalísticos que apoiam e fundamentam as teses sustentadas no texto.

No seu conjunto, o volume do Professor Norberto Ferreira da Cunha, e desde uma perspectiva mais valorativa do que descritiva, supõe mais um passo, passo firme e bem informado, no necessário caminho de investigação, cujo objectivo principal deveria ser deitar luz sobre o relacionamento galaico-português nem sempre bem tratado, nem sempre bem entendido.

ACTAS DOS I E II SIMPÓSITO INTERNACIONAL «LETRAS NA RAIA»

por Joel R. Gômez –Grupo Galabra (USC)



A "Asociación de Escritores en Lingua Galega" (AELG) publicou, com o apoio do Centro Español de Derechos Reprográficos (Cedro), as *Actas* dos dous primeiros simpósios internacionais "Letras na Raia"[(1)], celebrados em 2005 e em 2006, e nos quais se utilizou como lema comum a frase de Castelao "As palabras voan por riba das fronteiras". Um volume de bela apresentaçom e ediçom, com profusom de fotografias das pessoas que participárom nesses acontecimentos, oferece grande parte dos contributos apresentados nas sessons, celebradas em ambas as margens do

1 *I e II Simposio Internacional "Letras na raia"*, *Escrita Contemporánea*, Vigo, 2007, 260 páginas.

2POENOT90 ok 23/10/07 19:24 Página 220

Minho, com importantes apoios institucionais e com a AELG como principal artífice. A primeira ediçom ocupa até a página 105, e o resto é dedicado para a segunda ediçom.

As intervençons de Cesáreo Sánchez (pp. 7 e 109), presidente da AELG, encontram-se no início de cada umha das partes. Textos de Francisco Salinas Portugal (pp. 13-20), Ana Luísa Amaral (pp. 29-31), Maria do Rosário Pedreira (pp. 32-41), Xurxo Borrazás (pp. 43-54), María Pilar García Negro (pp. 59-62), Vergílio Alberto Vieira (pp. 63-65), Bernardo Penabade (pp. 67-72), Aurelino Costa (p. 77), Joel R. Gômez (pp. 87-97), Antón Riveiro Coello (pp. 99-101) configuram a primeira ediçom. E os de Mercedes Queixas Zas (p. 117), Paco Souto Barreiro (pp. 119-121), Antonieta Preto (pp. 123-127), Carlos González Figueiras (pp. 129-132), María Lado (pp. 137-139), Daniel Salgado (pp. 140-142), Luís Filipe Cristóvão (pp. 143-145), Aurelino Costa (pp. 147-148), Xoan M. Mosquera (pp. 157-162), Nuno Travasso (pp. 163-167), Pedro Barata Castro (pp. 169-172), Antía Otero (pp. 173-176), Marta Dacosta (p. 181), Elvira Riveiro Tobío (pp. 183-186), Marcos Abalde Covelo (pp. 187-190), María Reimóndez Meilán (pp. 191-198), Estíbaliz Espinosa (pp. 203-206), Sérgio Almeida (pp. 207-209), Paco Souto (pp. 212-213), Carlos Figueiras (pp. 213-214), Daniel Salgado (pp. 214-215), Marcos Abalde Covelo (pp.216-218), Estíbaliz Espinosa (pp. 218-221), Rafa Xaneiro (p. 222), María Lado (pp. 222-224), Antonieta Preto (pp. 224-225), Luís Filipe Cristóvão (pp. 225-227), Aurelino Costa (pp. 227-228), Sérgio Almeida (pp. 228-230)[2], Ramón Pinheiro Almuinha (pp. 239-242), e María Canosa (pp. 243-248), os da segunda.

Vale a pena a leitura deste interessante volume, em que se recolhem contributos literários, estudos, relatórios de actuaçom política e cultural, e apresentaçom de propostas que atingem diferentes ámbitos. Por citarmos apenas os galegos, no primeiro dos simpósios Bernardo Penabade, que actuou em condiçom de presidente da Associaçom Galega da Língua, reivindicou o labor realizado por esta entidade e apelou ao pragmatismo e a acrescentar a comunicaçom que permita umha (p.72) "circulaçom biridiccional" entre as comunidades das duas margens do Minho; María Pilar García Negro lembrou a sua proposta de Fevereiro de 2003, quando era deputada no Parlamento da Galiza, para que se oferecesse o ensino da Língua Portuguesa como disciplina optativa nos centros de ensino secundário, proposta rejeitada, concluindo a professora da Universidade da Corunha que (p. 62) "nen Portugal debe seguir descatalogado na Galiza nen a Galiza debe serguir a ser unha descoñecida en Portugal"; Francisco Salinas, no trabalho "Portugal e a lingua portuguesa na configuración do campo literario galego, unha loita de intereses" defende ser nas luitas que se operam no interior desse campo nas últimas décadas (p. 19) "onde na miña opinión se coloca o debate sobre a lingua coñecido como debate normativo (que

2 Os textos, de teor literário, das pp. 212 e passim, vam precedidos de notas de apresentaçom dos diferentes produtores. Também se encontram, sem assinar, textos breves com referências biográficas de Antía Otero (p. 215), Elena Riveiro Tobío (p. 216), María Reimóndez (p. 218), María Canosa (p. 222), Dulce María Cardoso (p. 228), e Vergílio Alberto Vieira, José Carlos Vasconcelos e Jacinto Lucas Peres (p. 230, compartilhada polos três).

2POENOT90 ok 23/10/07 19:24 Página 221

non o é) e a proba está en que a famosa 'pax normativa' á que se chegou non alterou en nada a situación no espazo (social) dos diferentes axentes e simplesmente sancionou xuridicamente quen detenta o poder lexítimo dentro do campo e posibelmente teña acabado coas disfuncións dentro do mercado dos bens culturais onde se integra a literatura"; Xurxo Borrazás, num contributo sobre literatura, valoriza (p. 45): "Desde que naceu o galego-portugués, a lingua tivo un período de florecemento inicial, despois o galego pasou por 500 anos de acurralamento e prohibición… máis ou menos besta, dependendo das épocas, e 25 últimos anos de institucionalización e 'aparente' normalización. Non deixa de ser curioso, pero non misterioso, que sexa a presente etapa de normalización a que arrastra, a MAIOR perda, a maior sangría de falantes, na historia da lingua. Trátase dunha institucionalización ritual e virtual, xustamente o oposto do real e o normalizador. Curiosamente, as estatísticas dinnos que a realidade é esta. Pero a percepción en boa parte da cidadanía é a contraria, que cada vez hai máis falantes. Algúns castelán-falantes mesmo se senten atacados"; Antón Riveiro Coello centra a sua intervençom no Couto Mixto como motivo literário nele e em outros produtores galegos e frisa (p. 99): "Son desta terra privilexiada non por nacenza, pero si por memoria e por emoción, por herdar un dos mellores agasallos para o ser humano: a lingua ou, para ser máis exactos, a lingua arraiana, ese primeiro territorio de pertenza que me enxerta na árbore de todos os que me precederon"; e no meu próprio contributo (permita-se-me a auto-citaçom) realizo um percurso por Portugal como motivo literário central nos produtores galegos, de Rosalia de Castro a Carlos Quiroga, centrando-me sobretodo em Ernesto Guerra da Cal como principal nome do século XX, polo muito que representou Portugal na sua trajectória (p.89) "até chegar a ser eixo principal da sua existência vital", apresentando algumhas conclusons dos estudos de teor académico sobre ele efectuados nos últimos anos no Grupo Galabra da Universidade de Santiago de Compostela.

Já no segundo dos simpósios, e continuando com os contributos galegos, Mercedes Queixas apresenta jovens produtores, referindo-se às palavras mais novas como (p. 117) "herdeiras do pasado ao tempo que sementadoras do futuro que nos interesa máis común do que nunca"; Paco Souto relata a experiência da colecçom de poesía Letras da Cal que (p. 120) "nace e morre tamén como proxecto cooperativo" e anuncia a nova "Colección Bourel"; Carlos González Figueiras apresenta o projecto Estaleiro Editora que aposta (p.131) "com decisom na livre e gratuita circulaçom da cultura, polo que colocará todos os seus livros na internet para descarga gratuita, pretendendo, desta maneira, que os materiais que integram o seu catálogo podam ser consumidos por todos aqueles leitores que tenham interesse no produto, acreditando em que, para além do seu valor na difusom de pensamento, esta medida virá incrementar a publicidade e visibilidade do projecto"; María Lado foca diferentes iniciativas editoriais galegas pondo em destaque (p.139): "Non é aínda moito o que se fai na nosa lingua en rede" e aponta as "posibilidades que os autores poden atopar na tecnoloxía"; Daniel Salgado distribui em dez epígrafes um texto intitulado "por unha literatura pobre", na primeira das quais lemos (p. 140): "entre encher os ocos do autodenominado sistema

2POENOT90 ok 23/10/07 19:24 Página 222

literario galego e a fixación mercantil: a literatura, no mellor dos casos, como deporte: hai que cubrir todas as posicións, gañar espazos, xogar en primeira división, facer equipo: entre o programa normalizador e a castración global:"; Xoán M. Mosquera afirma (p. 162) "¿Qué temos entón agora entre nós? Algo parecido ao descrito sobre a aparición da fotografía. Sigo a falar dende a arquitectura, mais coido que é algo que nos toca a todos: é o tema do corpo. Em occidente, dende hai moito, o corpo é tarefa pendente. A emerxencia da virtualidade, paradoxicamente, pode devolvernos a el"; Antía Otero indica que (p. 176) "Estamos nun momento no que a escrita, a poesía (por ser o que máis me atinxe), anda na procura de novas miradas, novas linguaxes nas que reformularse. E para iso, está a botar man das novas tecnoloxías, da ciencia que habita cada unha das nosas células"; Marta Dacosta apresenta produtores que falam do seu labor na escrita defendendo ela que (p. 181) "Cada autor, cada autora, bota man de distintos materiais para a poesía"; Elena Riveiro, após se referir a diferentes tendências e produtores concluiu questionando-se (p. 186) "até que punto todos estes enxeños poéticos nacidos do ensaio e da ruptura, aínda son capaces de pór en cuestión as fronteiras e a noción de poema, ou se non son máis ca fillos tardíos da produción recente, epígonos dunha tradición xa longamente tenteada"; Marcos Abalde defende que (p. 189) "O poeta trova e ao trovar encontra. O poeta é umha legiom de poetas, umha legiom de matronas que estendem os seus braços ante a luz morta das estrelas e com as maos sempre vazias pronunciam palavras incompreensíveis, constelaçons"; María Reimóndez, para quem resulta óbvio que (p. 191) "o poeta, os homes que escriben, como colectivo, xustifican e asumen na historia colectiva o seu dereito á linguaxe e a dominar. Un dereito que se usa como dominio, como denominación, como propiedade. Non así as mulleres. Non así as poetas. As mulleres formamos parte tradicionalmente do conxunto de seres e obxectos denominados"; Ramón Pinheiro centrase na construçom de umha identidade musical galega contemporánea e assinala (p. 239) "a globalização e transculturalidade como causas decisivas, tanto nas mudanças experimentadas na construção de identidades, quanto nas experimentadas pela cultura popular" sublinhando a falta de informaçom das novas geraçons a respeito do património cultural galego; ou Maria Canosa, quem pom em destaque as inovaçons na literatura galega, defendendo o peso da tradiçom e julgando (p.248) "significativo que os novos escritores e os escritores novos, recoñezamos a necesidade da tradición, o valor do pasado. Somos deste tempo, pero a actualidade nace do pasado. Negar a orixe, o lugar de onde vimos, déixanos á intemperie, sen chan no que apoiarnos, a mercé de calquera vento que nos poida mover. Negar o pasado sería negarnos a nós mesmos. A grandeza está en aprender e ensinar, facer a propia obra tendo en conta os ladrillos que outros construíron". Cesáreo Sánchez Iglesias, no discurso de abertura do primeiro dos encontros referiu-se ao relacionamento pessoal e de leituras dos produtores de ambas as margens do Minho e frisou como (p. 7) "o camiño nunca foi doado, mais os escritores e as escritoras galegas foron, ao longo das diversas épocas do século que pasou, capaces de crear relacións permanentes e de crear institucións estábeis e vivas que manteñan e acrecenten as necesarias relación"; e na

2POENOT90 ok 23/10/07 19:24 Página 223

segunda ocasiom afirmou que (p. 109) "é misión fundamental dos xoves creadores a permanente transgre-sión dos tabús que, mesmo as xeracións precedentes, poidamos xerar".

É pena que nom se incluam os textos das conclusons, pois polo menos na primeira ediçom sim que as houvo[3], bem como de todas as apresentaçons e mesmo de algumhas intervençons dos colóquios posteriores, que sem sombra de dúvida enriqueceriam ainda mais este já de por si frutífero volume.

Da consulta destes trabalhos, um dos aspectos mais positivos é que certamente existissem esses simpósios como espaço de diálogo e como lugar de encontro em que houvo liberdade para exprimir ideias, por vezes provocadoras; para confrontar ideologías díspares e para aproximaçons novas como conseqüência do contacto e do relacionamento pessoal.

Também se observa a necessidade de muitos produtores das letras galegas actuais de procurar a projecçom exterior, num instante em que é a internacionalidade um dos principais valores de legitimaçom. Portugal, como povo vizinho com o que existírom e existem facilidades de relacionamento apesar dos entraves para a comunicaçom que ainda persistem, parece umha das alternativas mais evidentes para conseguir essa projecçom; e certamente que o é, entre outras cousas pola facilidade para o diálogo directo sem necessidade de tradutores, praticamente a mesma situaçom para quase todas as pessoas galegas que asistírom que acontece com o espanhol, embora nom exactamente igual. E para solidificar esse diálogo parece desprender-se do programa e das intervençons a necessidade da presença de defensores do Galego-Português, ou Reintegracionismo, por se presupor –e assim costuma ser, com certeza– que tenhem melhor conhecimento dos repertórios portugueses, o que é um valor importante para estabelecer o relacionamento anelado. Nom por acaso é Carlos Quiroga, um dos nomes centrais desse movimiento, quem se ocupa do relacionamento com Portugal na directiva da AELG. Podo testemunhar como no primeiro dos encontros houvo muita reivindicaçom por parte galega para que os seus produtos se difundam e conheçam melhor em Portugal, dando por feito que se dá a situaçom à inversa e de que na Galiza se conhece e difunde melhor a produçom portuguesa, o que também é muito discutível.

O que mais se evidencia neste volume é como os produtores de Portugal partilham língua comum e entre eles existe umha visom do cánone muito semelhante. Polo contrário, entre as pessoas que produzem literatura na Galiza observam-se, em primeiro lugar, muito diferentes opçons gráficas, quer entre os defensores do Galego-Português que, embora pareça que partilhem objectivos comuns tenhem estratégias diferentes; e mais ainda entre os defensores da normativa morfológica e ortográfica do ILG-RAG promocionada desde as instituiçons do campo do poder político, que espelham maiores divergências nas escolhas. Porém, entre os que se alinham no Galego-Português verifica-se um uso da língua mais competente e exigente, com maior correcçom; e entre os

3 Com algumha diferença, por certo, entre o texto redigido e o difundido com posterioridade aos meios de comunicaçom, como ficou constáncia em diferentes referências publicadas.

2POENOT90 ok 23/10/07 19:24 Página 224

utentes da normativa ILG-RAG encontram-se muitos mais castelhanismos desneces-sários, e um uso porventura mais descuidado.

A publicaçom destas *Actas* demonstra umha literatura na Galiza muito activa, mas com muitas contradiçons, e até que ponto se pode questionar a tam almejada e reivindicada liberdade de criaçom (etc.) de boa parte dos produtores, que na procura de reconhecimento se pregam às exigências impostas desde o campo do poder e só parecem visar o fornecer materiais que legitimem os grupos dominantes no mesmo (em especial no ensino obrigatório, principal mercado dos produtores da literatura galega), para assim também eles se legitimarem e promocionarem. Isso confirma como se pode explicar a elaboraçom de textos pola imposiçom desses condicionantes, mais que pola própria vontade dos produtores. É pena que nom sempre se seja ciente disto e continuem ainda a vigorar na Galiza velhos esquemas estilísticos, passadistas, mais próprios da década de 50 do século passado que de um século XXI em que a literatura parece entender-se melhor dentro de propostas e perspectivas sociológicas e dos estudos culturais.

CASAHAMLET: DO "AMOR" AO *LOUVOR DO DESAMOR* EM TEXTOS GALEGOS PARA TEATRO

por Joel R. Gômez –Grupo Galabra (USC)

A revista de teatro *Casahamlet*, patrocinada pola Deputaçom Provincial da Corunha, dedicou o número 9 ao "amor" como tema. O editorial, dous textos de "teoría" (de Afonso Becerra de Becerreá e Henrique Rabuñal), 23 de "creación" (de Marcos Abalde, Xabier Abalo, Xosé María Álvarez Cáccamo, Afonso Becerra de Becerreá, Yolanda Castaño, Raúl Dans, Eva F. Ferreira, Isaac Ferreira, João Guisan Seixas, Heidi Kühn-Bode, Xavier Lama, Manuel Lourenzo, Xosé Luís Martínez Pereiro, Begoña Muñoz Saá, Juan de Oliveira, Jacobo Paz, Gustavo Pernas Cora, Xesús Pisón, Henrique Rabuñal, Manoel Riveiro Loureiro, Euloxio R. Ruibal, Vítor Vaqueiro e Roi Vidal) e mais 4 de "documentación" (dous de Carlos Caetano Biscaínho Fernandes e os outros de Pilar García Negro e de Laura Tato Fontaíña) configuram um total de 124 páginas, nas quais também som de destaque as ilustraçons de Xesús Pisón (2, umha delas a capa), João Guisan Seixas (2), Felipe Senén (2), Perfecto Estévez (4), Alicia Puchades (5), Calros Silvar (2), Miguelanxo Varela (15), Fina Pita (2),

2POENOT90 ok 23/10/07 19:24 Página 225

Emilia Salgueiro (3), Eduardo Canalejo (2), Ana Pillado Vega (2), Xosé Cobas, Vítor Vaqueiro (2), Heidi Kühn-Bode (2), Xavier Lama, Xosé Luís Martínez Pereiro (2), Pepe Cáccamo (3), Ana Karina Lema Astray (2), Uxia Martínez Pereiro e Zoé Madrid.

É recomendável a leitura deste volume, de magnífica ediçom (pena da omissom da página 1, de fácil correcçom por outro lado), muito cuidada em todos os detalhes e belamente apresentada e desenhada. Também polo grande interesse dos seus textos, que espelham umha variedade repertorial em que deparamos desde propostas ao modo clássico a outras mais experimentais, personagens históricas como Inês de Castro a outras inéditas, ou a combinaçom de nomes já bem conhecidos neste ámbito da escrita para teatro com outros mais novos.

Casahamlet nom defrauda. Antes polo contrário, algum dos trabalhos já isoladamente justificaria esta publicaçom. Assim acontece com o intitulado (pp. 40-49) *Louvor do desamor*, umha "pequena moralidade" segundo define o próprio autor, João Guisan Seixas, de atractivo polos muitos achados felizes que oferece para desfrute do leitor, e também para renovar a escrita da dramaturgia galega.

Os que temos a fortuna de seguir a sua produçom perguntamo-nos até onde chegará a capacidade de João Guisan Seixas para surpreender o leitor, para introduzir elementos diversos que chamam a atençom por inesperados, por resolver com facilidade situaçons por vezes insuspeitas e, a maiores, por manter umha coerência e umha continuidade que o convertem em produtor muito singular, com trajectória de mais de três décadas no teatro galego em 50 anos de vida.

Nesta ocasiom, e por citar só alguns dos seus achados, o leitor começa por agradecer o quadro das personagens em que, juntamente com as "esperáveis" Eleonora e Alice, encontramos oito, das quais, se nom todas, a maioria seriam a priori impensáveis: Daniel Jacob de La Forgue Murtendbröden Alexândrovich é o primeiro; o segundo, nada menos que O Espírito que Cumpre os Desejos que, na Verdade, Ninguém Deseja Ver Nunca Cumpridos; e com eles O Pano, O Amor, O Desamor, Uma Nova Certeza, A Indecisom e A Luz Que Se Apaga.

Guisan introduz parlamentos para todos, incluídos o Pano (com monólogos ao princípio e ao final) e também A Luz Que Se Apaga. A personagem O Espírito que Cumpre… esclarece Eleanora (p. 42) que "Se preferires, chama-me polas minhas siglas: E.C.D.V.N.D.V.N.C., que, como os romanos onde viam V diziam U, os meus amigos pronunciam à latina e dizem Ekdundunk". Os esclarecimentos som muito mais do que isso, pois combinam literatura e indicaçons para movimentar a acçom. As teorias que introduz sobre o amor e o desamor e o seu desenvolvimento, a relaçom com a produçom literária que se espelha nas transformaçoms experimentadas por umha biblioteca à vista do espectador/leitor; a introduçom de materiais gramaticais, recurso recorrente em Guisan, tentando combinaçons que suponham umha novidade, como v. gr. quando, ao introduzir a cena IV e dar indicaçons para a actuaçom de Eleanora afirma (p. 47) que ela "começa a ler em alta voz um texto, e nem ela nem nós sabemos mui bem se há ditongo ou hiato entre as duas cenas". A maneira em que mistura elementos conhecidos polo leitor levam-no a encontrar novidades na expressom que facilitam e animam a leitura,

2POENOT90 ok 23/10/07 19:24 Página 226

conseqüência com certeza de um trabalho intenso por mais que podam parecer fáceis. Neste novo contributo Guisan chega a introduzir (p. 48) o mesmo número 9 da revista *Casahamlet* que temos nas maos o que, se bem pode resultar compreensível na seqüência de umha encenaçom, para um leitor nom deixa de ser surpreendente verificar como já existia a revista para o autor antes dela se imprimir. E assim por diante poderiam-se citar outros prazeres inesperados e agradecidos que sobressaltam a leitura.

E nom só. Como em ocasions precedentes, este produto guisaniano chama a atençom polas "Notas", duas esta vez, colocadas no final (p. 49): na primeira delas esclarece tratar-se este texto de "Uma Moralidade tão pequena, que é quase uma Amoralidade. Ou nom será uma Amor-alidade, ou mesmo uma Desamoralidade?" e "desanima" da sua leitura porque "É só para desesperados da vida que procuram algum conforto em pequenas obras e em pequenos pensamentos de charlatão fabricante de efémeras consolações"; e na segunda admite neste produto "'aderências' de autores tão diferentes como García Márquez, Pessoa, Cortázar, Chico Buarque, Cunqueiro, Walt Whitman, o rei Salomom ou o jogral Juião Bolseiro" e "ao pé da obra deles, algum texto inédito de um autor desconhecido que, por razões pessoais (e nunca melhor dito), é aquele que eu próprio mais conheço". Som muito diversos os seus recursos, e vale a pena referenciar igualmente as últimas palavras do texto (p.49) em que indica que, quando o pano desce "é como se acabasse de comer-se a obra", com o que Guisán lembra, e reivindica, esta faceta gastronómico-dramática que tanto surpreendeu quando a publicaçom do seu livro *Teatro para se comer* (Laiovento, 1992).

Dos restantes textos literários, frisar aqui que o de Marcos Abalde, "Eugenesia (paisagem humana com rã ao fundo)", nas pp. 14-15, encontra-se igualmente redigido em Galego-Português; e os restantes em diferentes formas da normativa ortográfica e morfológica para a língua da Galiza do ILG-RAG.

Dos dous textos de "teoría", o de Afonso Becerra de Becerreá (pp. 4-11) faz percurso polo tratamento do amor em diferentes produtores, com especial atençom para a literatura medieval Galego-Portuguesa, Cunqueiro e García-Lorca; e Rabuñal, num breve trabalho (pp. 12-13) talvez pensado como apresen-taçom da revista, salienta a presença do tema na literatura galega desde 1812, e ao se referir ao "teatro de posguerra" coloca como balizas do mesmo (p.13) "de Marinhas del Valle a Guisan".

Nos contributos de "documentación" revisitam-se com nova perspectiva crítica os textos "A árbore", de Ricardo Carvalho Calero; "Os vellos non deben namorarse", de Castelao; e o teatro de Quintanilla.

Carlos Caetano Biscaínho propom (pp. 110-115) umha nova leitura do texto de Carvalho, que considera (p. 111) antecipador de Beckett em algum aspecto, analisando a concepçom do próprio autor e colocando-o em diálogo com a recepçom da crítica. Biscaínho sublinha os condicionantes da escrita desse trabalho de 1948, e da posterior evoluçom do pensamento do autor sobre o tema amoroso, espelhado sobretudo, assinala, no poemário *Cantigas de amigo e outros poemas*; para concluir com nova interpretaçom segundo a qual (p. 114) "No marco da procura carvallana de novas fórmulas para o teatro galego […]

2POENOT90 ok 23/10/07 19:24 Página 227

semella moito máis acaida unha reflexión case filosófica sobre a dualidade humana entre o amor humano e a covardía condescendente que unha denuncia do control fascista através dun contido amabelmente misóxino".

Pilar García Negro lê (pp. 116-119) o conhecido texto de Castelao desde os pressupostos do Manifesto da "Asambleia Nazonalista de Lugo" de Novembro de 1918. Reivindica umha nova interpretaçom de *Os vellos*… e insurge-se contra os "pecados" que a crítica tem apontado neste trabalho. A professora corunhesa reivindica (p. 119) "encarecidamente unha nova leitura desta obra de Castelao, que faga xustiza á radical novidade que supón no teatro galego do seu tempo e que nola devolva aos espectadores cunha escenografía e unha filosofía da súa dramaturxia e dialéctica inter-artes merecentes do xenio do autor e comprensivas da súa *sintaxe* e da súa semántica". No trabalho de García Negro salienta também a informaçom que fornece sobre os entraves para a ediçom do manuscrito definitivo deste texto de Castelao, que encontrou no Chile o director do Museu de Pontevedra, Carlos Valle, e do intento deste para (p. 117) "dispor a edición facsimilar dos dous manuscritos existentes, acompa-ñada da correspondente edición crítica e de diferentes estudos *ad hoc*, sobre diferentes aspectos da obra".

Laura Tato (pp. 120-122) estuda o amor en *Donosiña* e *Alén*, de Xaime Quintanilla, assinalando este produtor como ousado e atrevido e de ter provocado "unha ruptura irreparável no Conservatorio Nacional da Arte Galega", com propostas para encenar que batiam com a ideología muito conservadora da "clase media para a que escribía".

Estes três trabalhos encerram o volumen e evidenciam a necessidade de renovar com novas perspectivas a crítica teatral galega. E assim deve fazer-se, com efeito[1], mas no quadro de umha nova historiografía literária que tenha em conta os conflitos que se dérom na construçom do sistema literário galego, avaliando a sua evoluçom e pondo ao dia os que ainda pervivem, sobretudo à vista dos acontecimentos políticos desde a posta em andamento do quadro político autonómico vigente.

Em conclusom: Propostas para encenar, escrita literária, estudos e desenhos conformam um exemplar de *Casahamlet* que testemunha a vitalidade das pessoas com interesse no ámbito da dramaturgia e do teatro na Galiza, para além da capacidade que mantém o grupo que promove a revista (Francisco Pillado como director; e Santiago Fernández, Isaac Ferreira, Manuel Lourenzo e Xesús Pisón como integrantes do Conselho de Redacçom, herdeiros do que foi a experiência da Escola Dramática Galega e de projectos como a sala Luís Seoane, duas iniciativas que emergêrom na Corunha nas décadas finais do século XX) para propiciar projectos com unidade e com perspectiva nacionalista. Um trabalho que se faz sem excessivo risco, polo patrocínio de umha instituiçom pública, o qual também

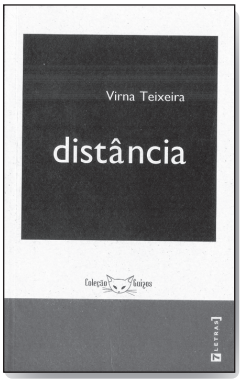
1 Umha nova crítica que esclareça, v.gr. sobre este tema do amor, se acerta Rabuñal ao defender (p.12) que "a temática amorosa –nas suas múltiplas formulacións e aproximacións– non abandonou as preocupacións dos nosos dramaturgos e consecuentemente os textos e espectáculos do noso teatro"; ou Laura Tato quando salienta Quintanilla no tratamento deste tema na literatura galega (p.120) "que, en xeral, se mantivo bastante afastada do tema"; ou se porventura os dous.

2POENOT90 ok 23/10/07 19:24 Página 228

parece ser umha das características do teatro e da cultura da Galiza na actualidade, onde quase nada prospera sem esse guarda-chuva que é o apoio oficial para, a poder ser já de partida, evitar a possibilidade de perdas económicas, perante a desconfiança da resposta do mercado e mesmo polo costume de que estes produtos sejam de graça, o que também reflecte evidente debilidade. No meio deste panorama som de agradecer os contributos que arriscam e tentam que avance o conhecimento e progrida o processo de recuperaçom da língua e a cultura com propostas que nom visem só a respeitosa imitaçom dos clássicos e de modelos exteriores, mas estejam alicerçados na realidade e nom esqueçam a necessidade de a transformar.

TEXTO CRIATIVO SOBRE O LIVRO "DISTÂNCIA" DE VIRNA TEIXEIRA (*)

por Luís Serguilha



A DISTÂNCIA CONSTRÓI a vigilância das alucinações fotográficas: afastamento / participação que esbarram simultaneamente na praticabilidade das transmutações e no descobrimento dos íntimos limites do esplendor," ***pelo mar, a ultima viagem do convés, o vento".*** As coincidências das travessias da unificação poética revelam o desprendimento da obscuridade entre as correspondências minerais dos espaços da perspectiva abismal, abotoando as abordagens da claridade para pluralizarem as energias que apresentam as palavras iluminadoras de VIRNA

OS caminhos da afectividade explodem nas dimensões vegetais que cercam livremente a substância da desordem pulsional como um princípio do furor orgânico da linguagem a determinar a multiplicidade dos impulsos sobre a integração-humana do poema**,**

(*) Virna Teixeira nasceu em Fortaleza em 1971. Publicou o Livro «Visita» (7 Letras 2000). Tem colaborado como tradutora em diversas publicações, tais como: *Inimigo Rumor*; *Suplemento Literário de Minas Gerais*; *Zunai: Oroboro*; com traduções de: Edwin Morgan (e outros poetas da Escócia), Delmore Schwartz, Mina Loy, Nazim Hilkmer, Henry Deluy, entre outros. Mora em São Paulo desde 1995, onde trabalha como neurologista.

2POENOT90 ok 23/10/07 19:24 Página 229

"

invisíveis rostos/
atravessam/vozes/condensada memória".

A potencialidade vertiginosa da ciência afectiva agita a verificação da densidade musical que incandesce as enérgicas tonalidades do confessionalismo como as figurações biográficas na significação possível da incorruptibilidade interior, este incontaminado olhar envolve o brilho autónomo da consciência; esta conexão inovadora é activada pelo cosmos nativo da libertação, pois a vivacidade do espelho mítico da existência reúne as analogias das palavras de VIRNA para manifestar a profunda excrescência musical***." Contraídos os olhos/como se olhasse a distância/ através da foto/ entre terra e grama".***

A iluminação da ascendência-amorável e real encaminha a apoteose da receptividade da claridade até ao silêncio da pulsação universal. VIRNA, materializa concisamente o esforço do magnetismo cinematográfico (relembran-do a máquina manual de LARS VON TRIER) para emancipar a propagação da essência orgânica; é este maquinismo do fugidio verbal e do recolhimento minu-cioso que proporciona a cristalização da singularidade das cicatrizes vivas***," a costurar cada/fio/mão trémula "*** .

A transparência permanente da minuciosidade lacera os precipícios das epifanias com as celebrações da reconquista do sonho***," entre sombras de árvores, a noite/relva, onde pesadas as palavras/desabam como frutos/pequenas equimoses sob as polpas".***

A contiguidade entre as hostilidades terrestres e a irradiação do cibo verbal demarca as pressuposições imperscrutáveis da condição humana***." sofá, o vulto imaginário de um corpo".***

A luminosidade da DISTÂNCIA intensifica o centro inextinguível da consciência como as figurações vertiginosas do real a transformarem a absoluta realização poética na compacta ária dos enigmas, ***" a palavra que não encontrava/ uma cena deserta/ o silêncio/ parado, ao lado do rio / nuvens/ a distância entre as/ cidades".***

A gravidade essencial da FULGURAÇÃO assume a procura do visível/ indizível , do desejo, do silêncio, do olhar extremo na intensidade da solidão como duelos originários da linguagem ou do entusiasmo da dilaceração criadora***; " o que o tempo desgasta/ o espaço temporário/ entre s palavras/frases não ditas/ cartas nunca enviadas/diálogos imaginários".***

VIRNA revela o domínio da indeterminável interioridade ou a concavidade secreta da palavra representando a violência regeneradora da pura metamorfose do movimento habitacional-***" visitar um corpo no túmulo/onde antes havia/um sorriso solar/habitando o jardim da casa,/ trancada".*** A ausência atinge a autenti-cidade do imediato, propiciando o equilíbrio da cadência vivificante como um furor germinativo a ressurgir entre os tecidos coerentes das formulações.

VIRNA DESINTEGRA os deslocamentos das coordenadas sensoriais para identificar as combinações intensas das palavras onde as fronteiras assinalam a estagnação integral da luminosidade sobre a paisagem alucinante das ruínas, "***pela vidraça cardumes escamas/uns corais onde se feriu/esguicho púrpura".*** Esta ruptura crepuscular e fotográfica imerge na decisiva harmonia do poema,

2POENOT90 ok 23/10/07 19:24 Página 230

desencadeando a contaminação incessante da musicalidade. Pode ser um sinal da recuperação da origem do ser humano entre a grandeza trágica do tresloucado dualismo presença / desconhecido onde o sítio da orfandade é infinito, é incerto, é a interrogação, é a transmutação, é a contiguidade do depoimento da realidade universal e humana.

A precariedade do magma verbal eleva-se na comunhão cósmica reconciliando os limites do realismo para reintegrar a existência inesperada da linguagem. Assim a potencialidade dos IMPULSOS reanima os mistérios centrípetos doutra inexplicável objectividade que valoriza a violência do encadeamento poético como um sol transversal e instável a descer à verdadeira espessura da essência autobiográfica de VIRNA ou possivelmente a iluminura do confessionalismo-écran na fatal transgressão do cântico ou a subterrânea confidência da palavra a renovar a participação existencial,

"a esferográfica intima das palavras".

O ancoradouro da inexistência / essência salienta a enigmática expressão do nativo-ser fundando a efectivação poética sobre a iminente cena da espiral comburente que extrai incessantemente os visitantes das moradas gretadas como a louca circularidade das palavras a guarnecer o acto do mistério," ***uma cortina vermelha. Lá fora túneis, automóveis".***

A junção imperscrutável das experiências sensoriais reinventa a heterogeneidade da cartografia destes poemas onde a desocultação colide substancialmente no acostamento mais intrínseco.

A FUNDIÇÃO amorosa distancia a vulnerabilidade das aparências para peregrinar na convalescença do silêncio. Será a liberdade INTANTÂNEA do poema ou um eixo mutável e irreconhecível a interpelar a perseguição da porosidade entre a multiplicidade do relâmpago? VIRNA opta pela pura matriz cósmica desembainhando as fisionomias possíveis dos feixes da transparência. Podem ser os simulacros da DISTÂNCIA a assolar a cisão dos andamentos que unificam os frutos derramados sobre a concórdia duma abertura inaugural. Esta manifestação compendia os habitates concretos da linguagem através do aperfeiçoamento da convergência silenciosa .

O descobrimento do incomensurável é característico da condição humana onde a análise da ascendência pressente a desobediência da palavra libertadora; aqui a assídua incerteza consagra a humanidade e a fidelidade subterrânea do ser ou provavelmente o mistério da ausência sobre a identidade verdadeira da respiração.

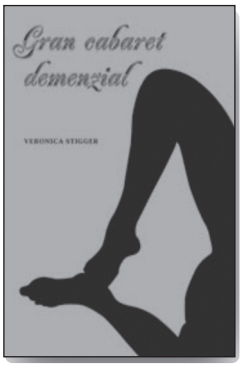
VIRNA participa na INVENÇÃO da DISTÂNCIA global da realidade, regressando sempre à origem da criação poética para ampliar as biografias da realidade, onde outra realidade persegue o espectro do deserto, ***"o que resta memória e o desejo/ ainda/ de uma ultima palavra".***

VIRNA ENTRE O SILÊNCIO do desejo da poesia ABANDONA a parábola das certezas através da fulguração informulável do canto.

2POENOT90 ok 23/10/07 19:24 Página 231

O MUNDO PARTIDO DE VERÔNICA (*)

por Lúcia Bettencourt



Biografia:

Verônica Stigger, gaúcha de Porto Alegre, nasceu em 1973, mas vive em São Paulo desde 2001. É mestre em semiótica pela UNISINOS e obteve o doutorado em teoria e crítica da arte na Universidade de São Paulo (USP). Trabalhou em rádio, televisão e jornais no Rio Grande do Sul e Santa Catarina e foi professora na Faculdade de Jornalismo da Universidade de Cruz Alta. É também integrante da diretoria da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA). Seu livro de estréia, *O trágico e outras comédias*, foi publicado primeiramente em Portugal, em 2003, pela editora Angelus Novus e em 2004, em versão brasileira, na coleção Rocinante da Editora 7Letras, tendo sido bem recebido pela crítica.

Stigger foi incluída na lista dos 39 autores de menos de 39 anos mais promissores da América Latina, que participarão do encontro Bogotá 39, na capital colombiana, no mês de agosto. O evento é uma parceria entre Bogotá Capital Mundial do Livro 2007 e o Festival de Hay, que é a versão colombiana, localizada em Cartagena das Índias, do festival realizado na cidade de Hay-On-Wye, no País de Gales, modelo inspirador de eventos como a Flip.

Trecho:

"Na escada rolante

O fato se deu na escada rolante de uma das três estações de metrô com acesso à ferrovia. O casal suiço de meia-idade, que passava pela primeira vez o verão no bel paese, acabara de visitar o túmulo de Shelley. Ela – de bermuda rosa e viseira laranja de plástico, grisalha, um metro e setenta e quatro e bastante fornida – desceu na frente. Ele – de bermuda floreada até o joelho e boné escuro da Nike, calvo, um metro e oitenta e dois, aposentado e nem tão fornido – retardou-se um tanto porque avistara, numa banca de revista próxima à escada rolante, um calendário com fotos de um antigo ditador local, em meio àqueles de mulher pelada. Distraído, especulando sobre se o ditador estaria nu ou vestido (e, se nu, sobre quem compraria tal mercadoria), não viu ou ouviu o momento em que sua esposa começou a ser tragada pela escada rolante.[...] Quando ele se deu conta de que perdia a mulher, restava a ela, inteiro, somente um braço – e a mão correspondente, que, dedos abertos, tremelicava no ar. Na dúvida se aquilo era um último aceno, um pedido de socorro ou um espasmo de dor, o marido, otimista, acenou-lhe de volta."

(*) Verônica Stigger: *Gran Cabaret Demenzial*, São Paulo, CosacNaify, 2007.

2POENOT90 ok 23/10/07 19:24 Página 232

Resenha:

Esta não é uma daquelas resenhas em que basta estalar os dedos, sentar na frente do computador e começar a escrever com base nos estudos literários e nas observações retiradas da leitura. Há que colocar um disco de Caetano, repetindo, como um mantra, Sampa – "E à mente apavora o que ainda não é mesmo velho/ Nada do que não era antes quando não somos mutantes" ... Há que folhear livros de arte, e relembrar nomes de pintores que fizeram *assemblages* e *ready-mades*... Há que tentar lembrar das montagens teatrais que incorporavam sangue, excrementos e sêmem... E há que ter em mente que, ao analisar o livro de Verônica Stigger, estaremos revelando tanto sobre nós mesmos quanto sobre a obra da autora gaúcha. Porque *Gran Cabaret Demenzial* é um livro provocante que, imitando um de seus personagens, o Minhocão, ataca todos aqueles que dele ousem se aproximar.

O livro, publicado pela Cosac Naify, se oferece, em primeiro lugar, como um objeto estético. Ilustrado por Eduardo Verderame, tem um projeto gráfico digno da proposta de criação de uma festa demente em que os episódios se sucedam com surpresa e ludicidade. Mas, se os aspectos visuais do livro são variados, os temas de Verônica, no entanto, são restritos. São música de realejo, ou refrões de rap e repetem-se: o corpo e a cidade; o corpo da cidade; a cidade do corpo. Examinemos, por exemplo, o conto "Cubículo", que cria um corpo moradia, já que a cidade – no texto metonimicamente representada pelo apartamento –, vai-se tornando cada vez mais inabitável. O casal e seus livros (sua cultura?) se transformam em parasitas e, quando até mesmo esta alternativa se revela inviável, resta-lhes o recurso de se transformarem em metaparasitas, e irem habitar o interior de um verme onde acabam visitados pelo próprio hospedeiro inicial .Lógica? Não devemos procurá-la nos textos de *Gran Cabaret Demenzial*, pois, como o nome indica, estamos sob o signo da demência. Neste mundo-cabaret, a lógica é geradora de falta de sentido e de consenso. No conto disfarçado de conferência acadêmica , "Argumentum cronologicum", a organização do mundo pela decupagem do tempo, se vê invalidada por uma tentativa de cumprir essa convenção à risca. O caráter artificial dos fusos horários é colocado em evidência, e reforça a arbitrariedade que reside em se adotar algum tipo de convenção em detrimento de outro. No conto em questão, a discussão a respeito da lógica do tempo se associa ainda a outros dois questionamentos: a academia e a religião, já que o uso da paródia da linguagem acadêmica e a tentativa de atribuir à religião local a motivação para o desentendimento se transformam em tropos literários a germinar.

Se o mundo de Verônica Stigger não se organiza segundo a lógica da vida real, é porque segue as possibilidades da representação gráfica. Sua inspiração é plástica e se enraíza nos quadrinhos, nos desenhos animados e na arte moderna. Seus personagens, que alguns críticos chamam de monstruosos, por falta de outra definição, possuem a mesma capacidade de recuperação das figuras "sofredoras" dos desenhos animados: as adversidades podem mutilá-los, mas as suas partes, milagrosamente, permanecem vivas enquanto eles seguem, incansavelmente, sua trajetória em busca da total aniquilação. Com violência gráfica, Domitila, por exemplo, persona-

2POENOT90 ok 23/10/07 19:24 Página 233

gem do primeiro dos dezenove textos que compõem o livro, arrebenta um olho, desfigura seu rosto, perde dedos e braço direito, tem suas duas pernas esmagadas e vai para casa, após tomar um sorvete, para mutilar seus mamilos, na esperança que em breve eles caiam. A narrativa consiste nisso: com um distanciamento quase que científico o passeio de domingo desta mulher – cujo nome remete a um dos símbolos femininos formadores de nosso país (Domitila, a marquesa de Santos, amante de D. Pedro I) –, é descrito, sem pretender explicar as estranhas atitudes que se sucedem, sem questionamento de nenhuma forma, nem sequer da própria impossibilidade de se continuar vivendo da maneira retratada. O namorado, uma espécie de Virgílio que guia Domitila por sua jornada infernal, não se surpreende com as bizarrices e a mutilação de sua companheira, nem sequer tenta explicar a jornada, como o faria o poeta latino. O pensamento, as conclusões, são todas jogadas para cima dos leitores, como se fôssemos o público de uma exposição de arte. As histórias são o que são, e tal como um quadro, embora possam manter alguma semelhança com exemplos do mundo real, não passam de representações virtuais. Mesmo que remetam à vida real, é preciso entendê-las como coisas totalmente distintas e não tentar abrir a lata de sopa, nem fumar o cachimbo, por mais que elas se ofereçam numa maliciosa semelhança.

Fazendo uso do humor e do deboche, a autora procura dessacralizar todos os assuntos abordados. Desde a figura papal, tragada por uma privada neurótica, (aparentada, com certeza, com o Urinol de Duchamps já que Picasso, certa feita, havia pintado flores em sua tampa), passando pela perplexidadedas pessoas que vivem num mundo onde os sinais são cada vez mais difíceis de decodificar,como é o caso do indeciso turista de "Na escada rolante", até a solução simplista para o preconceito contra as possíveis "modelos e manequins" chamadas de Olívias Palito que se vingam dos seres considerados "normais" sentando-se sobre eles e enfiando suas cabeçorras na "angusta via", tudo é apresentado sob uma forma grosseira de humor. Mas esta faceta humorística não é a única que dá uma certa uniformidade às histórias. Existe, nos textos, uma contundente fixação anal, que implica em aspectos sado masoquistas e numa angustiada reflexão sobre o desejo de controle de um mundo habitado por objetos e seres que são rebeldes e perigosos. O mundo de Verônica se assemelha a um brinquedo partido, a um bichinho de estimação que se volta contra seus donos e os ataca. Em "O Minhocão", por exemplo, a desmesurada minhoca encontrada pelo netinho e adotada como bichinho de estimação, vai se tornando um déspota intratável, com o péssimo hábito de enfiar-se no cu das pessoas que ousem contrariá-lo. A família (modernamente cheia de agregados como ex-maridos e cunhados e namoradas de ex-maridos, todos numa convivência promíscua) tem seus hábitos modificados e sofre até encontrar um outro impossível animal que a livre do flagelo. A história tem a simplicidade das narratívas mitológicas, artifício aparentemente buscado pela autora. Numa entrevista ao site weblivros, a respeito de sua primeira obra, ela diz que procura uma linguagem básica como a das lendas e mitos porque: "este tipo de linguagem básica associada à brevidade, contribui para intensificar a estranheza". Estranheza, repetição e simplicidade são as chaves destes textos em que o corpo se transforma numa

2POENOT90 ok 23/10/07 19:24 Página 234

espécie de máquina ou víscera, produzindo, incessantemente, o mesmo produto. Na crônica do dia 8 de julho, publicada em *O globo*, Veríssimo observa que: "Até o século dezenove fazer cocô podia ser um ato social, até reis se reuniam com seus ministros sentados em "tronos"eufemísticos. Há quem diga que se deve a transformação da evacuação num hábito solitário, propício à leitura e à reflexão filosófica, o nascimento do pensamento moderno na obra de gente como Hegel, Marx, Nietzsche e etc. A privada também é uma grande niveladora, o pensamento pode ser diferente, mas na posição e em tudo o mais somos iguais aos grandes pensadores." Verônica está sentada entre aqueles que buscam pensar a nossa modernidade, ou pós-modernidade. Ela e seus personagens constróem mitos modernos, retirando modelos da pop-art, dos quadrinhos, dos desenhos animados e do universo virtual. Os mitos e ritos contados por ela são novos princípios intelectivos, são uma forma alternativa de conhecimento que busca fundar uma outra realidade, "uma realidade alternativa àquela que chamamos de real" (Stigger, em: *Arte moderna:do mito ao rito*)

Na cidade "supra real"de seus contos, cujo corpo se revela em seus letreiros ("Destinos" e "Metrô"), vivem as personagens conformadas com sua irrealidade. Seus corpos se coisificam (o velho que se transforma em árvore de natal, em "O velho"), sofrem os preconceitos mais revoltantes ("Festa de casamento") e são alvo de mutações e de invasões ("Olívia Palito", "Cubículo" e "Marta e o minhocão"). Mas o alvo destes novos mitos urbanos somos nós, os leitores. E não é por acaso que alguns reagem às agressões do seu vocabulário cru e direto com ojeriza. É que as provocações são certeiras, miram nos defeitos de nossa realidade e nos devolvem uma imagem fraturada, partida e destroçada.

Quando, em 1915, Malevitch, o pintor que impressiona Verônica Stigger, apresentou suas 39 telas na exposição intitulada *0,10*, ele sacudiu o mundo artístico com suas abstrações e seus novos códigos para a arte. Esperemos, então, que os 39 autores de Bogotá — reunião para a qual Verônica foi uma das convidadas—, venham a causar o mesmo impacto na literatura latino americana.